

UM BRASILEIRO

NA

SWAT

Ana Lígia Lira



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UM BRASILEIRO

NA

Copyright by © Ana Lígia Lira da Silva 2013

Originalmente publicado em 2013 por (editora), Vitória, Espírito Santo.

© 2013 by (nome da editora)

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei. 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do seu autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial| Editor-Chefe|.....

Editoração eletrônica|Zota Estúdio

Capa| Zota Estúdio

Foto capa| Caio Fernando Souza Revisão| Gerardus Rocha

Natália Nespoli

Prefácio| Rogério Greco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S586c Silva, Ana Lígia Lira da, 1979 –

Um Brasileiro na SWAT – A história de Marcos do Val. Biografia/ Auto ajuda/
Ana Lígia Lira da Silva. – Recife: Ed. Do autor, 2013. 150 p. : Il.

1.BIOGRAFIA– Brasil .2. DO VAL, MARCOS. 3. SWAT. POLICIA. 4. AUTO AJUDA.

DEDICATÓRIA

Um dia Carolina do Val será uma adulta e terá em suas mãos e em seu coração a história da vida do seu pai. Na primeira vez que conversei com Marcos do Val, Carol era um bebê e estava no seu colo. Durante a escrita deste livro ela já era uma menininha que sabia falar, perguntar e caminhar e esteve conosco durante os dias de laboratório para esta obra. Agora, mais crescida, na ocasião do lançamento deste livro, ela já poderá lê-lo embora ainda não vá entender muita coisa.

Um dia, ela entenderá a grandiosidade do legado do seu pai. Talvez perdoe as

ausências, talvez entenda as carências e perceba que há sempre um preço a ser pago por um mundo um pouco melhor. Há pessoas que assumem a responsabilidade de construir este mundo melhor para seus filhos.

Eu escrevi este livro, mas ele é um presente de pai para filha. É seu este livro Carol e é sua esta dedicatória exclusiva. Esperamos que você, quando adulta e entendedora destas palavras, esteja vivendo no mundo melhor que seu pai tentou construir.

AGRADECIMENTOS

A Marcos do Val, por ser o homem que é, inspirar sonhos e ser um visionário. Sou grata por sua presença em minha vida, por seu profissionalismo em nosso trabalho e por sua vontade, força e fé que transformam o mundo.

Meus mais sinceros agradecimentos a Natalia Nespoli, pelas noites em claro, por toda força e dedicação a este trabalho. Obrigada por sua grande contribuição em tornar isso tudo possível.

Ao amigo Rogério Greco por ter aceitado prefaciá esta obra e assim apadrinhar este livro. Emprestando ao meu humilde trabalho um pouco do seu enorme talento e respeito.

Dedico, em particular, a minha família e amigos. Principalmente a Umbelina Joana de Lira e Luiz Carlos André de Lira, aos quais devo a melhor parte de mim.

Como não agradecer a toda a família de Marcos do Val que tão generosamente e dignamente abriram suas casas, suas vidas, suas histórias, sorrisos, lágrimas, amores, mágoas! Mostraram-me suas vidas sem ressalvas e isso é ouro para qualquer biografia.

Dedicamos este livro a toda equipe do C.A.T.I S.W.A.T., ao pessoal dos escritórios, diretores, times, suportes, apoios, alunos e os instrutores: Aldair Ferreira, Alexander L. Eastman, Andre Taylor, Al Johnson, Christian D'Alesandro, Brad Beaulieu, Carlos Mello, Diógenes Dalle Lucca, David Burns, Erik Kvarme, Fabio Colatto, Felipe Leal José Pedro da Silva, Jason Perez, James Robichaux, Jerry Lowe, J.T. Curtis, Jeff Chadney, José Hélio Pachá, Juninho Fox, Jerry Lachance, John Curnutt, Kelly Cole, Ky Brown, Mácio Brum Torbes, Marco Labati, Marck Dahl Marck Lethieri Schuckert, Steve Jones, Sgt Sedecias, Patrick O'Quinn, Randy Moss, Robert Nichols, Renato Girão, Ricky Anderson, Robert Nichols, Shiko Alvarenga, Scott Apple, Sandy Wall, Terry Nichols, Vagner Freire, Wilman Rene gonçalves Alonso, Willie Cantu, Will Mercado.

“É graça divina começar bem. Graça maior é persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca.”

Dom Hélder Câmara

APRESENTAÇÃO

Rogério Greco Procurador de Justiça Mestre e Doutor em Direito

Desde os meus primeiros contatos, há muito anos, com Batalhão de Operações Policiais Especiais – BOPE, do Rio de Janeiro, tomei conhecimento de um curso, que era realizado tanto no Brasil, como no exterior, por um brasileiro que ministrava aulas na SWAT dos EUA.

Sou um Procurador de Justiça apaixonado pela atividade policial, e me interessei em fazer esse curso, o que me permitiria entender muitos aspectos do dia a dia policial, principalmente no que diz respeito aos confrontos, as crises, as situações de estresse absoluto, enfim, queria conhecer mais de perto essa realidade, já que também sou escritor e essas experiências seriam extremamente importantes para meus livros.

O tempo passou e, no ano de 2012, pude realizar esse sonho, e, à convite da Polícia Civil do Estado do Espírito Santo, participei, com os policiais daquele Estado, do 14º SWAT, na cidade de Vitória. Ali, conheci pessoalmente, e me tornei amigo, do mentor intelectual desse projeto – Marcos Do Val.

Durante o curso, percebi o respeito e a admiração que aqueles policiais tinham por Marcos do Val. Sua organização era impecável, a começar pelos pequenos detalhes, partindo da formação das equipes, passando por simulações de atividades onde os policiais colocariam em prática tudo que estavam aprendendo naquele curso, culminando com uma competição entre todas as equipes participantes. Eram centenas de policiais, do Brasil e do exterior, que se deslocavam de suas cidades, a fim de aprender um pouco mais com as técnicas ministradas por Marcos do Val e sua equipe, formada pelos profissionais em segurança pública mais experientes no Brasil e nos EUA.

A história de vida do meu amigo Marcos permitiu que, hoje, pudesse contribuir, com toda sua experiência, para a formação daqueles que, diuturnamente, lidam com a criminalidade.

Ainda quando criança, foi vítima de um crime de roubo, tendo sido ferido com uma faca. Na pré-adolescência sofreu um acidente que quase destruiu internamente um lado de sua fase e o obrigou a passar seis meses com curativos de gases que pendiam do céu de sua boca. Na adolescência, foi vítima de um outro crime de roubo, tendo, pela graça de Deus, sobrevivido, mesmo após ter sido alvejado com um disparo de arma de fogo.

Após todos esses episódios, Marcos resolveu dedicar-se, profundamente, ao aprendizado de uma arte marcial conhecida como Aikidô, onde se utiliza a força do adversário contra ele próprio, chegando à faixa preta. Como professor de Aikidô, durante o intervalo de uma de suas aulas, Marcos, mais uma vez, testemunhou uma cena de violência, agora contra um adolescente, que havia praticado um roubo no interior de um ônibus.

Percebeu que o policial, que havia capturado o referido adolescente, tinha dificuldades para imobilizá-lo, e permitiu que ele fugisse. Nervoso, o policial sacou sua arma e atirou contra o adolescente, causando-lhe a morte. Marcos percebeu o desespero tomar conta daquele policial, que podia ter evitado esse desfecho trágico se tivesse aprendido as técnicas necessárias. Essa cena passou a povoar sua cabeça, dia e noite, tendo Marcos começado a pensar em que poderia ser útil, ensinando esses policiais técnicas que salvariam não somente as suas vidas, como também evitariam mortes desnecessárias de pessoas envolvidas com a criminalidade, principalmente aquelas de menor gravidade.

Como tinha alguns alunos policiais, Marcos começou a indagá-los sobre as principais ocorrências envolvendo atos violentos, simulando situações que aconteciam normalmente durante a atividade policial, e passou a adaptar suas técnicas para esses casos. Como o resultado era surpreendente, Marcos passou a oferecer suas aulas, gratuitamente, em várias instituições policiais.

No entanto, como não era policial, as portas sempre se mantinham fechadas, até que, um dia, recebeu um convite que mudaria completamente sua vida. Uma empresa de segurança internacional havia ouvido falar das técnicas criadas e adaptadas por Marcos para a atividade policial, e resolveu dar a oportunidade até então negada por todos, e levá-lo para que ministrasse um curso na S.W.A.T dos EUA. Contudo, o investimento que Marcos teria que fazer estava completamente fora da sua realidade, pois a empresa havia cobrado 15 mil dólares por essa intermediação.

Dessa experiência frustrada, Marcos percebeu que se aquela empresa conseguiria a intermediação, era porque a própria SWAT havia demonstrado interesse em conhecer essas novas técnicas. A partir daí, por conta própria, Marcos começou a enviar sua proposta de trabalho para os diversos times da SWAT, espalhados nos EUA. Para sua surpresa, sua proposta fora aceita, e partiu para os EUA, trabalhando gratuitamente por vários meses até que, finalmente, veio o merecido reconhecimento.

A partir de então, tornou-se realidade o sonho de apresentar aos policiais, agora de todas as partes do mundo, as técnicas desenvolvidas por Marcos do Val. Sou

testemunha do sucesso que conquistou. O C.A.T.I, por ele criado, é, hoje, um curso respeitado. Os policiais mais experientes do Brasil e dos EUA, juntos, fazem parte de um mesmo time, cujo propósito é ensinar e distribuir o conhecimento e as técnicas por eles adquiridos, nas diversas áreas policiais, permitindo, dessa forma, que os policiais interessados em seu desenvolvimento, aprendam aquilo que de melhor existe disponível, para aplicarem em sua defesa, mas, e principalmente, na defesa de nossa sociedade.

Ao meu amigo Marcos, tó tenho a agradecer também pelos conhecimentos que adquiri ao realizar, como aluno, o 14º S.W.A.T. Foram dias incríveis, que me fizeram conhecer mais profundamente as agruras enfrentadas pelas forças policiais no combate à criminalidade. Fiquei feliz em descobrir que a segurança desses profissionais é perfeitamente possível, mesmo que, eventualmente, aconteça algum revés. O mais importante é que todos tenham consciência de que, quanto mais técnicas aprendidas, e treinamentos realizados, menos perigosa será a atividade policial. Como nos ensina um dos lemas do BOPE/RJ: “Treinamento duro, combate fácil”.

Só tenho a agradecer a Marcos do Val por estar proporcionando aos nossos policiais a oportunidade de estarem se aperfeiçoando, mais e mais. Na verdade, todos nós temos muito a receber e, pelo menos, um pouco a dar. Essa troca de informações, que ocorrem durante os cursos, permitem que os policiais dividam suas angústias e, em conjunto, solucionem um problema que aflige a todos nós: o combate ao crime.

Agradeço também a oportunidade de, em primeira mão, tomar conhecimento dessa incrível história de vida.

O pivete queria o relógio que Marcos acabara de esconder na mochila. Fazia horas que rondava nas proximidades do Colégio Salesiano e viu quando o garoto o tirou do braço e o guardou na bolsa onde carregava os cadernos do quinto ano do curso básico.

Marcos havia resolvido dar uma volta antes de ir para casa, por isso decidiu guardar o relógio após se lembrar de relatos de outros garotos que haviam sido assaltados por aquelas bandas. Estava a poucos metros de uma grande loja de departamentos que ficava muito próxima ao prédio centenário onde estudava e talvez isso lhe desse uma falsa sensação de segurança.

Caminhou um pouco mais e entrou na loja. Lá, distraía-se olhando as coisas e as pessoas. Gostava de observar gente, sempre fora assim. Aquela loja era para ele e para dezenas de outros estudantes como um “shopping Center”. Um lugar de paqueras, de passeios e de compras, poucas e baratas, geralmente com o que sobrava da mesada que não era lá grande coisa.

A loja, no horário do final da manhã e do final da tarde, ficava repleta de garotos e garotas que passeavam, olhavam, paqueravam, conversavam, comiam por ali mesmo um lanche e iam embora, com a certeza que a vida era simples assim.

Para Marcos aquele era apenas mais um passeio antes do almoço, mas naquele final de manhã, infelizmente, aquele passeio seria diferente. Havia algo grande para acontecer e começaria em poucos minutos, exatamente na saída da loja.

— Passa o relógio! Passa o relógio! – Ordenava o delinquente de aproximadamente 17 anos que ameaçava Marcos com uma faca cuja lâmina brilhava ameaçadoramente sob a luz do sol. Em questão de segundos, Marcos estava encurralado contra a parede e se a minutos atrás a vida pulsava em sorrisos adolescentes, agora ela tremia com aquele ataque.

O bandido, bem mais velho que Marcos, havia montado a armadilha, escondendo-se em uma esquina da rua que dava acesso à loja de departamentos. Ele sabia que Marcos passaria por ali e aquele não era um ponto tão movimentado, apesar de também não poder ser considerado como deserto.

— Eu não tenho relógio nenhum! – Afirmava Marcos, assustado como estaria qualquer garoto de 11 anos.

— Tem sim porra! – Relutava o bandido aproximando o canivete da barriga de Marcos e falando tão perto de seu rosto que dava para sentir o hálito de álcool com alguma outra substância.

— Procura logo! Procura o relógio ou vou te cortar todinho com esta faca! — Ameaçava o bandido.

Marcos não sabia o que fazer. Com uma das mãos abriu o zíper da mochila e com a outra começou a procurar o relógio em meio aos cadernos, lápis, agenda. De uma hora para outra, a mochila parecia um labirinto e ele pedia a Deus para encontrar logo o relógio e se ver livre daquela situação.

O assaltante parecia não querer levar a mochila toda, talvez porque chamaria muito atenção. Não é tão fácil disfarçar uma mochila cheia de cadernos e livros e, definitivamente, ele não tinha perfil nenhum de estudante. O primeiro policial que o visse dar um passo com aquela mochila o abordaria.

Por mais que Marcos buscasse desesperadamente o relógio na bolsa, não o conseguia encontrar. O bandido olhava fixamente no rosto de rapaz, gostava de ver o pânico na face da vítima. Era um sádico e sempre que um dos alunos do Salesiano caía em suas garras ele tinha prazer em amedrontar e humilhar.

— Não tem relógio? Não tem a porra do relógio? Então veja o que eu tenho para você! — Ameaçou o algoz que desde os 13 anos de idade roubava e matava sem o menor peso na consciência, parte para sustentar o vício das drogas e outra parte por gosto.

Ninguém sabia o seu nome nem ao certo quando ele começou a andar por aquelas bandas. É difícil saber nome de bandido, mas o apelido todos conheciam: “Rabujo”. Em referência a uma doença que afeta os cães e se assemelha a sarna, causando mau cheiro e fazendo com que as pessoas tenham o contato com aquele animal.

Rabujo não tinha doença nenhuma, mas era considerado sem nenhuma qualidade, não havia nem um traço em sua personalidade que merecesse elogio ou relevância. Ele fazia o mal com tanto prazer que mereceu o vulgo que lhe atribuíram.

Marcos estava em pânico, mas Rabujo estava tranquilo, já havia feito isso dezenas de outras vezes. Ali, considerava-se senhor da situação e contava com a covardia de quem passava, via o que estava acontecendo e nada fazia. As pessoas sabiam que Rabujo frequentava a área e que por certo elas voltariam a reencontrá-lo. Ninguém queria se comprometer. Não era problemas delas o inferno que Marcos estava vivendo.

A faca parecia se aproximar lentamente da barriga do menino, apesar de já estar apontada para ela há alguns minutos. A possibilidade do golpe atormentava mais a alma do que a própria dor física provocada pelo golpe quando esse se concretiza. Os psicólogos afirmam que o ferimento anunciado provoca uma carga de stress tamanha que leva a vítima às portas do desespero. Isso porque o nosso instinto de preservação dispara e o cérebro tenta encontrar soluções para se livrar do possível ferimento. É uma verdadeira tortura que pode conduzir sua vítima a um perigoso estado de choque e a traumas irreversíveis.

A adrenalina percorre todo o corpo tentando dar condições de reação ou fuga, o cérebro alerta para o que pode ser a dor da lâmina fria perfurando a carne quente, o sangue, a impotência, a possibilidade de outros golpes, o sofrimento, a morte... Isso é um mecanismo de alta defesa a fim de alertar a vítima para que fuja e assim preserve sua vida. Mas e quando fugir não é possível? Naquele caso não era.

Marcos percebeu um sorriso aterrorizante no rosto de Rabujo e, logo em seguida, sentiu o furo que penetrou bruscamente a carne de sua barriga. O menino não tinha possibilidade nenhuma de defesa, seu carrasco era mais alto, mais forte e não estava só. Havia mais quatro da gangue dele por perto. Bandido dificilmente age sozinho.

Marcos soltou a mochila no chão e Rabujo correu, mesmo sem o relógio. O menino abaixou o rosto e viu o branco da farda escolar começar a ser tingido de vermelho-sangue. Sentia o corpo inteiro tremer, as pernas pareciam não conseguir segurar o peso do próprio corpo nem obedecer ao desejo de seu dono que era sair dali correndo, voando se possível fosse.

O rapaz apoiou-se involuntariamente na parede que antes o pressionava contra Rabujo, era a única coisa que ele tinha no momento. Às vezes a vida é irônica e faz com que o veneno de uma ocasião, vire o remédio de outra. O menino deslizou devagar e sentou-se no chão, se não estivesse tão assustado talvez tivesse percebido que a aspereza daquele reboco quase rasgou a malha da sua farda escolar. Conseguir sentar-se, em vez de desabar, isso havia demandado um esforço enorme e era uma conquista.

Com a fuga de Rabujo e seu bando, as pessoas começaram a se aproximar. Mesmo aquelas que pareciam antes nada perceberem daquela situação, agora seus comentários denunciavam que haviam acompanhado cada momento.

Marcos escutava calado, só queria sair dali e ir para casa.

Sabia que sua mãe preta, uma mulata mineira que parecia ter saltado das páginas de um dos livros de Gilberto Freyre direto para trabalhar na casa de Marcos, cuidaria dele. Colocaria um dos seus remédios que parecia até milagre, talvez algumas ervas, faria um curativo e ficaria tudo bem. Por certo ela esbravejaria, iria querer saber quem tinha feito aquilo com seu menino para o qual ela fazia suspiros de clara batida em neve com açúcar. Quitutes tão deliciosos que muitas vezes ele não esperava nem ir ao fogo comia ainda cru, se lambuzando do creme branco e doce que tinha gosto de carinho.

Por mais que a sua mãe Preta perguntasse, e ela perguntaria muito, Marcos não contaria, sabia que a turma de Rabujo não era de brincadeira. Ele representava um tipo de gente que mãe preta não conhecia e não imaginava existir. Tinha uma maldade que não cabia no mundo dela. No mundo construído nas muitas casas dos patrões pelas quais passara desde muito nova, sempre entre a cozinha, os afazeres domésticos e a criação das crianças. Com preocupações simples, como

o cardápio do jantar ou o chá para curar a prisão de ventre da caçulinha. Uma realidade na qual seria impensável aquela violência gratuita.

Fazia anos que ela estava ali, na casa do Doutor Humberto e de Dona Eliana, nem era tida mais como uma ajudante do lar. Não tinham como considerá-la assim, ela já havia participado da criação dos quatro filhos do casal, três meninos e uma menininha que parecia uma princesa, mas o preferido dela era mesmo o menino do meio que logo a apelidou carinhosamente de mãe preta e via naquela negra de olhos carinhosos, um colo macio e um cafuné gostoso, um refúgio seguro. E ficou assim, Dona Rosa passou a ser a “mãe preta” do Marcos, sem maiores problemas. Dona Eliana, a mãe de verdade, achou graça no apelido que o menino inventara e ainda mal conseguia pronunciar. Quando Rosa começou a trabalhar naquela casa, Marcos era pouco mais que um bebê. Rosa se sentiu lisonjeada. Ela não era a empregada, era a mãe preta do menino.

— Vamos levá-lo para o Hospital. – Opinava alguém.

— Não, não é preciso. O ferimento parece ter sido superficial. Vamos levá-lo para casa. – Sugeriu outro.

— Vamos levá-lo para o hospital e de lá avisamos a família dele. – Sugeriu uma moça que parecia estar apressada, mas mesmo assim parou para tomar pé da situação.

Marcos já se sentia tonto, não pelo sangramento, pois o corte realmente havia sido superficial, mas pelo susto, o medo, o tumulto.

— Meu filho! O que aconteceu? – Interrogou uma moça de rosto delicado e tão jovem que ficava claro que a expressão “meu filho” era apenas figura de linguagem.

— Professora... – Sussurrou Marcos enquanto a sentia passar a mão pelos seus cabelos.

Clara estava terminando o curso de magistério e trabalhava no colégio Salesiano como “professoranda”, era assim que chamavam na época as professoras em fase de estágio. Talvez pelo fato delas passarem períodos em salas diferentes, daí o complemento “anda” fazendo referência a andarilho. Era isso que o menino pensava.

O certo é que nessas suas “andanças” pelas turmas do colégio, Clara conheceu boa parte dos alunos e, entre estes, estava Marcos um garoto que parecia observar o mundo de outra forma, não se enquadrava muito bem no contexto onde um aluno era apenas mais um aluno. Demonstrava uma criatividade que chegava a ser subversiva, um gosto pela inovação, algo que o diferenciava.

Ao mesmo tempo em que algumas professoras diziam que aquele aluno não queria nada com a vida, Clara entendia que ele queria o diferente. Queria o que a vida tinha para dar a ele, não o que dava a todo mundo. Essas características chamavam a atenção da jovem professora que na única vez que manifestou seu ponto de vista a respeito daquele aluno ouviu de outra colega mais experiente:

— Clara, você ainda é novata! Esse menino é um vagabundo!

Clara se calou, era novata mesmo, mas às vezes é justamente a inexperiência que nos permite ver as situações sem vícios, sem traumas, com os olhos não só do profissional, mas também da alma.

— Fique calmo, fique calmo. – Aconselhou a professoranda, enquanto olhava em torno de si, buscando identificar se havia algum ponto de táxi por ali.

— Eu ajudo professora. Tenho um carro, vamos levar o garoto. – Ofereceu-se um dos gerentes da loja de departamentos que estava em horário de almoço.

— Obrigada.

Com muito cuidado, a professoranda ajudou Marcos a se levantar, tirou a camisa do menino e fez com ela um rolinho de pano que pressionava contra o ferimento e assim conter o sangramento. Enquanto isso, com passos apressados, o homem caminhava em direção ao fusca azul estacionado embaixo de uma castanheira cuja pintura brilhava de tão bem cuidada. Não era época de safra, se fosse, Carlos jamais deixaria o fusquinha ali, amava aquele carro que havia lhe custado quase dois anos de economias.

Carlos ligou o carro e o aproximou ao máximo que pôde do lugar onde estava o garoto que, apoiado na professora, já caminhava em sua direção. Entraram devagar e Clara pediu que o gerente fosse ao posto médico mais próximo, ela percebeu que o ferimento era leve, fariam um curativo e levaria Marcos em casa. Optou por não chamar a família, seria um susto desnecessário. Levaria o garoto já medicado para casa e lá explicaria tudo para os pais do menino.

Marcos estava mais calmo agora, a presença da professora o fazia sentir mais seguro. Depois de tudo que havia passado, repousar a cabeça naquele colo carinhoso era um conforto e tanto.

Os anos passaram tão rápido na vida de Marcos quanto passaram para o resto do mundo e logo o garotinho, estudante do Salesiano, virou adolescente e a escola, com seus métodos convencionais não mais o convenciam.

Por outro lado, a situação em casa não o ajudava. O casamento entre Humberto e Eliana não ia bem e a separação veio mais rápido do que o esperado. A cena do pai tirando os seus objetos pessoais de dentro de casa Marcos nunca presenciara, por autoproteção, no dia em que ele pressentiu que isto iria acontecer, fugiu para a pracinha próximo de casa, e segurando as lágrimas amargou o devagar passar das horas e a certeza do vazio que encontraria em casa assim que a noite caísse e ele precisasse retornar.

Marcos ia construindo seu mundo particular, buscando seus subterfúgios e se dando a tudo que pudesse fazê-lo sentir parte de alguma coisa importante. Seu senso de perfeccionismo e paixão o conduzia sempre a lugares de destaque, ele

era o melhor naquilo que resolvia ser. Porém, esse espírito avassalador o impedia de se dar àquilo que não o encantava, não o seduzia, embora fosse necessário.

Há um trecho de um poema de Clarice Lispector que dizia: *“Sou composta por urgências; minhas alegrias são intensas; minhas tristezas absolutas. Me entupo de ausências, me esvazio de excessos. Eu não caibo nos estreitos, eu só vivo nos extremos.”* Não havia, sobre a face da terra, alma que pudesse inspirar mais este poema do que a de Marcos do Val, pena que não foi escrito para ele.

A ausência do pai era devastadora na alma do menino, a dor não dividida se multiplicava. Marcos agora era marcado pelo silêncio, pela falta de vontade de sorrir e por inúmeros problemas familiares.

Humberto a cada dia se distanciava mais dos filhos e nenhum dos seus esforços no sentido de se reaproximar pareciam dar certo. A distância limitava as ações, principalmente as de carinho.

Marcos e todos os seus dons mergulhavam, de uma só vez, no universo do seu quarto fechado. Ali, ele comia, bebia, dormia e acordava, em um ciclo que parecia não aceitar quebra. Era como estar aprisionado àquelas quatro paredes. Os lençóis já se mostravam gastos e no colchão já se notava o decalque da silhueta do seu corpo. A depressão não era apenas uma possibilidade, era real e estava ali.

Dona Eliana, que antes se dedicava apenas aos filhos, agora buscava formas de melhorar a renda da família. Vender joias, roupas, lanches eram alternativas válidas. Apesar dos esforços para continuar sendo presença constante, a verdade é que cada um dos filhos começava a experimentar uma dilacerante sensação de orfandade. Cada um, ao seu tempo, cada um, ao seu modo.

Eliana se desesperava, via sua família escapando por entre seus dedos, mas havia necessidades urgentes e uma delas era tentar manter o rumo da vida das crianças, as mesmas boas escolas de antes, o mesmo nível de moradia, em fim o mesmo padrão de vida de outrora. Ela imaginava que isso era o que de melhor poderia oferecer para eles, que assim lhes asseguraria um bom futuro. Mas eles, em silêncio, precisavam de mais.

Cada vez que Marcos saía daquele quarto era uma tentativa de encontrar lá fora, um mundo que o entendesse, que lhe desse espaço para escolhas, para suas ideias, para encontrar-se consigo mesmo. Um mundo que fosse também dele. Um dia Patrícia, entrou feito um furacão no quarto de Marcos, que cheirava a mofo, estava repleto de teias de aranha e tinha restos de comida sempre em algum canto.

— Eca Marcos! Que horror de lugar é esse? Teu quarto está nojento! – Falava a menina que dançava balé, tinha cabelos negros na altura dos ombros e dias atrás quase atacara o irmão Eduardo com um golpe de sapatilhas, só porque ele riu da cor rosa de seu calçado.

— Eu sei que está nojento! Qual é a novidade? – Perguntou Marcos querendo

fingir-se de irritado.

Patrícia não ligava, ela era a única menina em uma casa com mais três irmãos homens. Ela não fazia caso e sabia se defender, nem que fosse atirando sapatilhas cor de rosa. Cada um usa o que tem.

— A novidade é que a mãe disse que vai te matricular na escola Monteiro Lobato, e eu vim te dizer que é para você ir! – Ordenou a menina já levando às mãos a cintura e querendo fazer pose de irmã mais velha.

— Você já se olhou no espelho hoje? – Perguntou Marcos.

— Já! – Respondeu Patrícia, desconfiada da pergunta tão sem sentido.

— Pois eu acho que você está menor que ontem! – Sugestionou o irmão vendo Patrícia sair em disparada para medir-se no risco que tinha na porta. Ele ficou rindo, sabia que a irmã tinha pavor de ser pequena e todo dia se encostava à marca feita anualmente pelo pai no dia do aniversário de cada filho para marcar o quanto cada um já havia crescido.

Mas Patrícia já tinha feito o que havia ido fazer naquele quarto. Era pequena, isso era verdade, mas a força da presença daquela pessoinha miúda preocupada com o futuro do irmão tinha aquecido o frio daquelas paredes que realmente já cheiravam a mofo.

No outro dia, Marcos surpreendeu a todos quando acordou cedo, tomou um banho, colocou gel no cabelo e sentou-se a mesa para tomar café. Eliana até pensou em perguntar que milagre havia acontecido, mas achou melhor ficar quieta e não correr o risco de estragar tudo.

Após o café, os dois foram fazer a matrícula na nova escola. Eliana sentia como se tivesse ganhado o dia. Sabia que aquela escola era diferente, tratava o aluno como indivíduo, não apenas como mais um em um grupo.

Deu certo, dia após dia, Marcos se interessava mais pela nova escola e todas as novidades que ela apresentava. Junto com esta fase de descoberta surgiu uma nova paixão: Bicicross.

Os passeios de bicicleta ganhavam força na vida dele e logo que percebeu o interesse do filho pelo ciclismo, a mãe esforçou-se em dar apoio. O primeiro passo foi lutar para a construção de uma rampa para que Marcos e seus amigos pudessem se aperfeiçoar no esporte. Após dezenas de visitas a prefeitura da cidade e vários abaixo assinados, Eliana conseguiu que ela construísse uma rampa no parquinho onde os adolescentes brincavam desde criança. Foi uma conquista e tanto.

Os garotos adoravam a empolgação de Eliana e, principalmente, os lanches e a liberdade que ela dava em sua casa para todos os amigos de seus filhos. Eles eram ainda muito jovens para saber que por um filho, para ascender uma chama de esperança na vida dele, pouco importaria para uma mãe, se ela teria que ir até a prefeitura ou cruzar as fronteiras do fim do mundo. Eliana faria tudo o que fosse preciso.

Marcos voava em cima de duas rodas, ele era bom e sabia disso. Cada manobra conseguida o enchia de uma satisfação indescritível. Ele começava a sentir o gosto das conquistas, dos elogios, de fazer parte de uma turma novamente, de conviver com jovens que queriam as mesmas coisas que ele. Era um sabor ainda mais doce do que os suspiros preparados na sua infância por sua mãe preta. A empolgação do garoto logo gerou frutos, e surgiu o grupo “Bicicletas voadoras”. Os meninos da pracinha agora treinavam todo final de semana, tinham logomarca própria, usavam camisas padronizadas e encaravam as competições com seriedade. Era um ensaio para algo muito importante que Marcos ainda faria no futuro. O destino semeava suas sementes.

— Vamos, eu levo você em casa. – Ofereceu-se Marcos.

Daniela era sua primeira namorada e ele queria impressioná-la, fazendo às vezes de homem maduro e protetor.

A noite já começava a cair e Daniela havia se demorado assistindo às manobras radicais do namorado. A casa dela não ficava muito longe, mas Marcos queria ser cavalheiro, afinal desde o primeiro dia de aula na nova escola ele trocava olhares com aquela menina branquinha de cabelos negros e rosto delicado.

— Vamos sim! – Respondeu a garota, enquanto subia rapidamente na sua bicicleta lilás, empolgada com a possibilidade de ter o namorado por perto por mais algum tempo.

Marcos era muito tímido, ao contrário da namorada que parecia entender de tudo um pouco, conhecia muitas coisas e imaginava o resto sem muito medo. Daniela tinha um gosto muito especial pela vida e toda aquela alegria puxava-o para frente.

Eles pedalavam normalmente, não tinham pressa, a noite começava a cair e ele também queria ficar um pouco mais com a “menina da bicicleta lilás”, como a definiam alguns colegas de escola. O clima estava ameno e o vento que vinha do mar soprava suave. As bicicletas deslizavam tranquilas pelo acostamento.

Os dois eram praticamente vizinhos, sendo assim ambos tomavam caminhos bem parecidos no retorno para casa. A Rua Saturnino de Brito, pertinho da praia do canto. Era um pedaço tradicionalmente residencial da cidade, com pouquíssimo comércio, só o necessário para as necessidades diárias dos seus moradores como padaria, um mercadinho que também era açougue e a banca de revista de seu Israel. Na verdade, esse não era o nome dele, mas sim do país do qual ele vinha. Como nenhum morador conseguia pronunciar com conforto o nome original do comerciante, ficou Israel mesmo. O nome de registro era Joseph Hannequim, porém isso era só um detalhe.

Seu Israel era muito gentil e inteligente. Na crise gerada pela inflação, quando as pessoas ficaram com poder de compra limitado, seu Israel, para não fechar seu

comércio, começou a alugar as suas revistas. Isso mesmo, o leitor chegava lá, alugava a revista por algumas horas, levava-as para casa, lia e depois as devolvia para que ele as alugasse novamente. A banquinha de revistas em vez de fechar, cresceu durante a crise. Coisas de judeu, como dizia ele mesmo quando era perguntado de onde havia tirado tal ideia.

Como a maioria das ruas residenciais, a Amélia era bem estreita e de mão única. As calçadas eram esburacadas e quem andava de bicicleta só podia trafegar no acostamento.

Marcos e Daniela haviam pedalado apenas alguns metros quando perceberam que um carro estava estacionado na frente de uma das casas, logo no começo da Rua. Os ciclistas contornaram o veículo normalmente e pretendiam seguir caminho. O que eles não podiam imaginar era que um outro carro que vinha na contramão, um pouco antes do Fiat 147, também havia tido a mesma ideia e o confronto seria frontal, possivelmente mortal, e ocorreria em instantes...

— Jesus! — Exclamou Marcos ao ver o clarão dos faróis do carro quase em cima dele e de Daniela. Seu Jabuca, que já tinha quase vinte anos como motorista e se orgulhava em dizer que nunca havia sofrido ou provocado nenhum acidente, pisou fundo no freio, mas não conseguiu evitar o impacto.

Na tentativa de salvar Daniela, já que o carro a atingiria em cheio, e usando suas habilidades em *bicicross*, Marcos manobrou sua bicicleta de modo que atravessasse na frente da bicicleta da namorada e com um empurrão a jogou a salvo em cima da calçada. Depois disso, Marcos sentiu uma forte pancada na perna, ouviu gritos e caiu no chão, por cima da bicicleta e longe de Daniela que só sofrera escoriações leves no braço.

Foram instantes estranhos, que Marcos jamais esqueceria. Apesar de ter sofrido o acidente e de estar muito machucado, ele se sentia protegido de alguma forma. Como se alguém ou alguma força estivesse mais perto dele naquele momento ou, quem sabe, se deixasse perceber mais facilmente.

Instintivamente, Marcos levantou-se do chão e percebeu que sua perna sangrava muito. Cambaleou até a namorada e quis saber como ela estava. Daniela o abraçou e as forças dele foram embora.

Jabuca, funcionário que dirigia o carro da Teleste, a empresa de telefonia da época, e que atropelou os jovens, desceu do carro desesperado e ajudou a apoiar o corpo do menino que era segurado com dificuldade pela namorada. O rapaz estava desmaiado.

— Leva o Marcos para o hospital! Eu estou bem moço! Leve-o! — Pedia Daniela aos gritos.

Jabuca, após constatar que a menina havia sofrido apenas arranhões leves, tratou de colocar o garoto no carro e tocou para o Hospital das clínicas, o mais próximo dali. No caminho, Marcos recuperou os sentidos e parecia não se lembrar do que havia acontecido.

— Calma rapaz, não foi nada grave, foram só alguns arranhões no seu rosto e um corte na perna. Estou te levando para o hospital, vão fazer um curativo e você vai ficar bom logo. – Afirmava o motorista durante o percurso até o hospital e torcendo para Marcos não se dar conta do que havia acontecido realmente.

— Cadê a Daniela?

— Ela está bem, mandei um taxista levá-la para casa.

— Onde você mora? Quem são seus pais? – Perguntou, temendo que o menino voltasse a desmaiar e não houvesse tempo de apanhar as informações necessárias, tanto para dar entrada no hospital quanto para avisar a família.

— Meu pai se chama Humberto do Val e minha mãe Eliana. – Respondeu.

— Eliana, Eliana? Meu Deus! Você é filho da Eliana? Eliana do Val?

— Sim.

— Deus do céu! Eu atrolei o filho da Eliana! Minha melhor amiga! Como isso foi acontecer? Ela nunca vai me perdoar! Nunca!

Na verdade, Jabuca sabia que o ferimento na perna de Marcos era apenas um detalhe, o grande problema era a pancada no rosto.

Com o impacto da batida, a escada de aço usada pelos técnicos para subir nos postes e trabalhar na fiação de telefonia, havia se soltado do teto do carro, onde estava fixada por algumas presilhas de metal. Na queda, atingiu o rosto do rapaz. Dois fatores colaboraram para que Marcos não se desse conta da pancada na cabeça: O primeiro era o fato de já ser noite e a luz do farol do carro o ter ofuscado durante o atropelamento, o segundo foi o fato de ter perdido os sentidos logo após a pancada.

— Um médico! Um médico! – Gritava Jabuca entrando no hospital com o desespero de quem pedia socorro para o próprio filho.

Marcos, agora plenamente consciente, não entendia o desespero do motorista. Sabia que estava ferido, no entanto não se sentia tão mal assim. Até teve vontade de sorrir quando no caminho para o hospital lembrou-se de uma cena acontecida naquele mesmo dia, logo cedo, na escola. Um colega de classe caiu da bicicleta e chegou à sala de aula com o pé engessado. A professora perguntou o que havia acontecido e o menino contou. A professora lhe disse que não se preocupasse, que todo mundo, algum dia na vida, quebrava alguma coisa. Marcos se apressou em dizer que não era bem assim, que ele, por exemplo, andava de bicicleta já fazia muito tempo e que nunca havia quebrado nada!

— Nunca mais falo nada da vida dos outros! Ô boca enorme essa minha! –

Chegou a resmungar já quase ouvindo a professora com um sorriso no rosto, apontando o dedo para ele igual a Patricia quando queria fazer birra e exclamando: — Eu lhe disse que algum dia todo mundo quebra alguma coisa!.

Um enfermeiro ajudou Marcos a sair do carro e o colocou em uma maca.

Jabuca não pôde entrar, ficou lá fora, tentando falar com Eliana.

O sangue começou a esfriar, e Marcos começou a sentir muitas dores no rosto.

Enfermeiros passavam por ele, olhavam e iam embora. Já fazia mais de uma hora que estava ali e nada do médico, nada de conseguirem encontrar a mãe dele, nada de deixarem Seu Jabuca entrar. As dores já eram insuportáveis. — Meu Deus! O que foi isso no rosto dessa criança? — Surpreendeu-se uma enfermeira.

Aquela expressão de susto da enfermeira fez com que um calafrio percorresse toda a espinha dorsal do garoto.

— O que foi moça? É meu rosto? Está muito machucado? — Preocupou-se, já que até aquele momento ele só imaginava ter sofrido arranhões no rosto devido à queda e assim, não deveria ser nada grave.

— Cadê sua mãe? Cadê seu pai? — Quis saber a enfermeira.

— O moço que me atropelou está lá fora telefonando para minha mãe, mas acho que ele não conseguiu falar.

— E seu pai? — Perguntou a enfermeira percebendo que o caso daquele menino era mais sério do que aparentava.

— Deve estar trabalhando. — Respondeu.

— Ele trabalha onde? Em que? Você tem o número do telefone de lá?

— Ele é médico. O nome dele é Humberto do Val, mas não sei em que hospital ele está trabalhando hoje não senhora.

— O quê? Porque você não falou isso antes garoto?

— Chamem um médico agora, o garoto é filho do Doutor Du Val, está com o rosto desse jeito e ninguém o atendeu ainda? — Esbravejou a enfermeira para meia dúzia de estagiários que estavam a alguns metros de distância.

Doutor Humberto do Val era um dos médicos anestesistas mais respeitados da cidade. A notícia de que o filho dele estava ferido se alastrou como um rastro de pólvora no hospital, logo havia tantos enfermeiros e médicos em cima de Marcos que ele quase não podia respirar. Aquela atenção toda, proveniente da influência do pai o incomodava, Marcos não tinha boa relação com ele desde a época da separação. Pai e filho pouco se viam, menos ainda se falavam e nunca se entendiam.

Eliana entrou feito um foguete dentro do hospital. Após dezenas de tentativas, Jabuca conseguiu enfim dar a difícil notícia para a amiga. Eliana não havia passado o dia em casa, estava vendendo joias, visitando amigas, correndo atrás de algum dinheiro. Eram dias difíceis. Assim que entrou em casa ouviu o telefone tocar. Do outro lado da linha estava Jabuca, querendo dizer o que quase não conseguia falar, mas conseguiu e Eliana estava desesperada.

— Cadê meu filho? Cadê o Marquinhos? — Eliana não quis nem saber de Jabuca, com ele se entenderia depois, não importava se havia sido ele ou outro quem atropelara o menino, o importante era ver Marcos, tocá-lo, fazer um carinho, ficar perto.

— Mãe, eu esto aqui! — Sinalizou Marcos levantando a mão e sussurrando já com

dificuldades devido às dores e já a caminho do consultório do médico plantonista. Eliana entrou junto com ele e tentou conter o desespero quando viu um lado do rosto do menino todo desfigurado da pancada.

— Dona Eliana, o caso dele é de cirurgia, mas nós não temos nem os profissionais necessários de plantão, muito menos os equipamentos. Eu recomendo que o leve para um hospital particular. Vocês devem ter plano de saúde... Recomendou o médico o plantonista.

— Claro, temos plano sim. Obrigada Doutor.

Eliana encheu os olhos de lágrimas. Nem ela nem as crianças possuíam mais plano de saúde. O dinheiro que entrava mal dava para a comida e as contas básicas, plano de saúde era algo impensável. As brigas e a distância com o ex-marido fez surgir um fogo cruzado que queimava e prejudicava a todos.

— Eliana, como ele está? – Quis saber Jabuca ao vê-la sair com o garoto da sala de emergência.

— Eu vou levá-lo para outro hospital. – Respondeu a mãe.

— Quer que eu vá Eliana? – Ofereceu-se Jabuca.

— Não, não é preciso. – Respondeu Eliana.

— Então vou lhe passar todos os meus números de telefone, de casa, do trabalho, da minha irmã. Qualquer coisa que precisar me ligue. Não foi culpa minha Eliana, também não foi culpa dos garotos. Aquela rua é uma armadilha! – Justificou-se Jabuca.

— Eu ligo sim Jabuca. Não importa de quem foi a culpa. O importante é que você socorreu as crianças. Tem muito covarde por aí que não faz isso. Agora pode ir resolver suas coisas. Eu estou de carro, eu te ligo.

Jabuca ajudou Eliana a levar Marcos até o carro. Ela deitou o banco e ajeitou o menino, foi então que percebeu que havia sangue dentro do olho do garoto.

— O que você está sentindo filho? – Perguntou, embora não pudesse esconder o medo da resposta.

— Sinto meu rosto todo mole. É como se houvesse bolsas de água dentro da minha pele. – Respondeu o garoto.

Eliana ligou o carro e dirigiu até o hospital Socipla, que ficava próximo dali, onde trabalhava Dr. Augusto, um amigo que ela não via há anos, mas agora rezava para poder reencontrá-lo. Em menos de quinze minutos, Ela entrava como uma bala pela recepção do hospital.

— Por favor, Dr. Augusto?

— Lamento senhora, ele não trabalha mais aqui. – Respondeu a recepcionista. — Meu Deus, e agora o que eu faço? – Indagou quase sem perceber. — A senhora é amiga dele? – Quis saber a moça que há dois anos trabalhava

ali durante o dia e fazia faculdade de enfermagem durante à noite, mas especialmente naquela ocasião tirava um plantão substituindo uma colega.

— Sim, meu nome é Eliana do Val. Sou amiga sim, mas não o vejo tem muitos anos. Meu filho levou uma pancada muito forte no rosto. Precisamos de um médico.

— O filho do Dr. Augusto trabalha aqui. Ele está de plantão hoje. A senhora quer que eu o chame?

— Por favor! Chame sim!

A moça deu um jeito no cabelo, pediu licença e caminhou por um longo corredor todo pintado de um verde reconfortante. Há cores que parecem acariciar a alma da gente. O piso era forrado por pequenos pedaços de madeira que de tão bem encerados chegavam quase a espelhar. A iluminação era discreta, porém suficiente. No final do corredor se encontrava o quarto onde os médicos repousavam.

Dr. Renato era o filho mais velho de Dr. Augusto. Havia resolvido seguir os mesmos passos do pai e era um apaixonado pela profissão. Médico cirurgião por dom e determinação. Tinha orgulho de ser filho dele, e orgulhava-se mais ainda da origem pobre de sua família. O avô tinha morado boa parte da vida em um lixão onde trabalhava como catador e fora lá que seu pai nascera e, com muito esforço e estudo, havia se tornado médico.

— Dr. Renato. Tem uma senhora na recepção que disse ser amiga do Dr. Augusto. O filho dela está machucado. – Avisou a recepcionista, após bater delicadamente na porta.

— Qual o nome dela? – Quis saber Renato.

— Eliana Do Val.

Renato fechou a janela do computador interrompendo bruscamente a conversa iniciada a menos de cinco minutos com uma desconhecida qualquer em uma sala de bate-papo pela internet. Vestiu o jaleco e caminhou ao lado da recepcionista. Ele se lembrava de Eliana, já havia estado diversas vezes na casa dela ainda no tempo de faculdade, o marido dela era um grande anestesista e o sobrenome Do Val era respeitado entre os médicos.

— Boa noite, Dona Eliana. O que aconteceu? – Indagou, ainda na recepção,

o moço moreno, de olhos profundamente verdes e que nem parecia aquele garoto tímido do qual ela vagamente lembrava.

— Boa noite Renato, Marquinhos sofreu um acidente e o levaram a um hospital, quando cheguei lá ele estava sendo atendido, mas nada de Raio X, tomografia computadorizada... só fizeram exames superficiais e me mandaram levá-lo para outro hospital. Não consigo falar com o pai dele... – Explicava Eliana quando foi

interrompida pelo jovem médico.

— Cadê o menino?

— Está no carro. Vou buscá-lo. – Disse Eliana.

— Estarei no consultório, leve-o para lá. Se ele não tiver condições de caminhar, não force, use a cadeira de rodas. – Orientou Dr. Renato.

— Venha filho, o médico vai te atender.

Marcos saiu do carro com dificuldades. Sentia-se tonto e tinha muitas dores no rosto e por todo o corpo. Apoiou-se na mãe e caminhou até o consultório onde o médico já o aguardava.

— Vamos deitá-lo aqui. – Recomendou Dr. Renato, ajudando Eliana a colocar o garoto na cama para exames.

Dr. Renato aproximou-se devagar e observou com cuidado o rosto de Marcos. Tocou de leve a parte abaixo do olho esquerdo do garoto e percebeu que ele se encolhera de dor, notou também que havia sangue em sua retina, fez um sinal negativo com a cabeça, mas logo lembrou de que o paciente era só um adolescente, estava consciente e atento a tudo.

— Não foi nada grave campeão! Vamos ter que consertar umas coisinhas mas é tão pouco que você não vai sentir nada e nem vai ficar cicatriz nenhuma. Vou acertar alguns detalhes com sua mãe, logo volto para conversarmos mais um pouco.

Eliana acompanhou o médico enquanto Marcos permanecia deitado. Renato puxou uma cortina que separava o ambiente onde o paciente estava do resto do consultório. Eliana e o médico caminharam até o birô onde ele gentilmente puxou a cadeira para que ela sentasse, deu a volta contornando a mesa, sentou-se e falou:

— Dona Eliana, eu vou solicitar exames no rosto dele, mas já tenho certeza que há várias fraturas. Temos que encaminhá-lo para a cirurgia o quanto antes. Provavelmente vamos ter que colocar pinos internos e coisas do tipo. Só terei certeza depois de ver os exames, mas o caso não é tão simples. Cadê o Doutor Humberto?

— Não consegui falar com ele, o telefone da casa dele só dá na secretária eletrônica e não sei em que hospital ele está de plantão hoje. Talvez você não saiba, mas nos divorcamos.

— Lembro-me de meu pai ter comentado algo a respeito. Lamento muito. Só acho que deveríamos avisar a ele, o caso do seu filho é de cirurgia com toda certeza. – Sentenciou o médico.

Eliana colocou as mãos no rosto e quase chorou, mas se conteve quando lembrou que ali, por trás daquelas cortinas, estava seu filho, pouco mais que uma criança,

muito assustado, com um lado da face feito em migalhas, o olho afundado como que a base que apoiava o globo ocular tivesse sido destruída e sem imaginar o que viria pela frente.

— Eu vou mandar prepará-lo para a cirurgia. A senhora vai ter que esperar lá fora. Só preciso dar um telefonema antes disso.

— Muito obrigada Doutor, muito obrigada!

— Enfermeira, acompanhe Dona Eliana até a sala de espera e depois volte para preparar o paciente.

— Posso? – perguntou Eliana apontando para o repartimento acortinado onde Marcos estava.

— Claro. – Autorizou o médico.

— Eliana se aproximou com cuidado, segurou na mão do seu rebento e disse:

— Filho, os médicos irão precisar fazer alguns exames a mais no seu rosto, exames que no outro hospital não fizeram. Não se preocupe, não é nada de grave. Agora eu vou sair, porque vão aplicar um remédio para você dormir.

Quando acordar já vai estar tudo resolvido.

Marcos respondeu apenas com um olhar. Não havia motivos para que o garoto não acreditasse na mãe. A ideia dos exames não parecia tão ruim, ainda mais ele estando dormindo.

Eliana afastou-se com o coração apertado. A enfermeira a conduziu até a sala de espera e lhe ofereceu água e café, ela não aceitou, não conseguia engolir nada, ficou ali sentada, quase imóvel, vivendo uma eternidade em cada minuto até que algo lhe chamou a atenção: Pensou ter visto o vulto do seu ex-marido passando em passos apressados em direção à sala de cirurgia. Eliana correu até a porta e era mesmo ele, ainda o avistou entrando na sala de cirurgia do hospital. Foi até a recepção e perguntou se o doutor Humberto estava trabalhando ali.

— Não, o Doutor Humberto não trabalha conosco, mas ele está aqui. Foi convidado para participar de uma cirurgia de emergência. – Explicou a enfermeira.

— Ele é meu ex-marido e a cirurgia é do nosso filho. – Respondeu Eliana dando-se conta de para quem havia sido o tal telefonema dado por Doutor Renato.

— Bem, o que eu posso lhe dizer é o que por certo a senhora já sabe: Doutor Humberto é um ótimo anestesista e o filho de vocês estará em boas mãos.

— Obrigado, Renato. Essa eu nunca vou poder lhe pagar! – Dizia Humberto abraçando o amigo.

— Não precisa agradecer. Você me chamaria se o caso fosse com meu filho. Agora preciso lhe advertir de que, infelizmente, o caso não é tão simples e se você me disser que pela carga emocional prefere que outro médico anestesie o Marcos, posso chamar o doutor Coutinho. Ele está no hospital e, assim como você, é um ótimo anestesista.

— Claro. Mas eu prefiro fazer, tenho tido poucas oportunidades de fazer algo por

meus filhos. Quero estar perto do Marcos nesse momento.

— Então vá vê-lo. A enfermeira está preparando-o para a cirurgia.

Humberto caminhou nervoso até a maca, encontrou Marcos sedado e dormindo. Analisou com cuidado o rosto do garoto, tocou delicadamente sua face e voltou visivelmente nervoso para a sala do Doutor Renato que já se preparava para a cirurgia.

— Mas o que aconteceu? Os ossos do rosto do meu filho estão em pedaços, o rosto dele está afundando e o globo ocular também! Que pancada enorme foi essa?— Quis saber Humberto.

— Eu não sei ao certo. A mãe disse apenas que tinha sido um atropelamento a cerca de duas horas atrás e algo bateu no rosto dele. As escoriações e o corte na perna devem ser consequência do choque direto com o carro, mas pelo que entendi a questão do rosto não está ligada ao choque com o veículo e sim a uma escada que tombou com o acidente. Como vi que o caso era grave, preferi apressar logo as coisas para a cirurgia. — Justificou Renato.

— E quais são os riscos? — Quis saber Humberto.

— Olha Humberto, os primeiros exames já chegaram. Um lado do rosto dele teve a parte óssea praticamente destruída. Inclusive a estrutura que apoia o globo ocular, por isso que o olho dele está fundo desse jeito. Por pouco a pancada não atingiu o cérebro, questão de milímetros. Se isso tivesse acontecido, dado o tamanho da pancada, creio que não haveria muito a fazer. Provavelmente ele teria entrado em óbito na hora, mas Deus é bom e deve ter algum plano especial para essa criança. Vamos tentar salvar o olho dele, quando abrirmos, teremos uma melhor dimensão da realidade. Estou planejando fazer a cirurgia por dentro da boca, para que não fique uma grande cicatriz na face. O maior problema é o olho, se não der para recuperar o apoio do olho, eu não sei o que faremos. Não há esse tipo de prótese no Brasil e não temos tempo para esperar chegar do exterior.

Humberto escutava tudo sem acreditar que estava passando por aquela situação. Em tantos anos de medicina, nunca imaginou chegar ao dia de viver aquela cena. Não seria fácil participar da cirurgia do próprio filho, mas se tinha que ser feito, então que ele estivesse por perto. Seria infinitamente mais duro para ele ficar esperando na sala de recepções.

— Doutores, o paciente está pronto e o centro cirúrgico também. — Avisou a enfermeira chefe.

Renato viu os olhos de Humberto se encher de lágrimas, colocou a mão no ombro do amigo que para ele era uma referência na profissão e perguntou:

— Tem certeza de que quer fazer isso Doutor Humberto?

— Tenho sim. Vou anestesiá-lo e ajudar no que for possível durante a cirurgia.

— Então vamos.

Após quase oito horas de cirurgia, o trabalho estava concluído. Os médicos haviam feito amarrações com gases cirúrgicas e fios de náilon metálico em praticamente toda estrutura óssea do lado esquerdo do rosto de Marcos. Para reconstituir a órbita do globo ocular, improvisaram uma base com um pedaço do plástico da bolsa de soro fisiológico. As incisões foram feitas pela cavidade bucal, sendo assim, pedaços de gases cirúrgicas saíam de sua boca, e isso permaneceria durante os próximos seis meses de recuperação.

Durante vários dias Marcos ficou internado e sedado. Uma sonda o alimentava. Só depois ele veio, a saber, que seu pai havia participado da cirurgia. Humberto o visitava todos os dias no CTI, quando Eliana o via se aproximar, afastava-se. Após oito dias, o jovem foi liberado e seguiu com a mãe para casa. Naquela tarde Humberto não o viu mais.

Foram dezenas de noites em claro. Era preciso segurar o rosto do garoto permanentemente para que ao dormir ele não virasse a face. Se isso acontecesse, a estrutura óssea fragilmente reconstituída e toda parafusada e amarrada por náilons de aço poderia desmontar. Uma segunda cirurgia representava um perigo muito grande.

Os meses se arrastaram lentamente, mas conforme o prometido por Dr. Renato, não ficaram cicatrizes. No entanto, nunca mais ele poderia fazer atividade com risco de impacto, como por exemplo, as manobras de ciclismo.

A recuperação foi lenta e dolorosa. As fraturas no rosto traziam ao garoto dor em quase tudo que ele fazia. Comer, tomar líquidos, escovar os dentes e, principalmente, sorrir eram agora ações penosas e continuariam a ser durante ainda alguns anos.

Seis meses após o acidente, era chegada a hora da retirada dos curativos internos. Marcos não queria voltar ao hospital, sabia que possivelmente Dr. Humberto estaria por lá. Eles pareciam não falar a mesma língua. O garoto se sentia muito cobrado pelo pai. O pai, no entanto, achava que cobrar do filho era a forma certa de educá-lo.

O menino sentia que frustrava o pai, já que não conseguia desenvolver interesse pelos estudos e não sabia ao certo o que queria ser na vida. O pai tinha medo que Marcos se frustrasse consigo mesmo.

Eliana acompanhou o filho até o hospital para a retirada dos curativos. A vontade dela era acompanhar o filho até a sala de cirurgia, onde aconteceria o

procedimento, mas não poderia. Além disso, por certo Humberto estaria lá. — Vamos aplicar anestesia. — Sugeriu Humberto.

— Não é preciso, não vai doer nada. Respondeu o médico responsável

pelo procedimento.

Marcos ouvia calado, seus sentimentos estavam confusos e a presença de seu pai ali mexia tanto com ele quanto o medo da retirada dos curativos. Na sua cabeça, imaginava que seu pai deveria o estar achando um irresponsável por em vez de estar em casa estudando, ter saído para treinar bicicross e acabar se envolvendo em um acidente. O menino só queria que tudo acabasse logo. Eliana estava no lado de fora, esperando-o.

— Deite-se aqui. — Disse Dr. Augusto, pai de Doutor Renato.

Marcos deitou-se, o médico abriu a boca do menino e com uma agilidade surpreendente puxou as primeiras gases de dentro da boca de Marcos.

Anos depois, Marcos definiria aquela dor como a maior de toda sua vida. O corpo dele já havia quase unido os curativos de gaze aos ossos. A dor foi a de quem estava tendo um pedaço arrancado, aliás, vários.

Humberto acompanhava tudo com o coração apertado. Sabia o tamanho da dor que o filho estava enfrentando, mas não podia anestesiá-lo sem o consentimento do médico cirurgião. Por outro lado, o cirurgião considerava melhor a dor suportável do que submeter o paciente ao risco de outra anestesia.

Ao contrário do que Marcos imaginava, Humberto não queria acusá-lo, nem o achava um irresponsável, sua vontade era de colocar o filho no colo e o proteger do mundo. No entanto, o medo de manifestar seus sentimentos o impedia disso. O poder de um abraço é tão forte quanto o poder de uma palavra, mas isso Humberto ainda não havia percebido.

Takuji Sano era um típico mestre de artes marciais. Japonês de nascença, porte aparentemente frágil, temperamento ameno. Passou boa parte de sua vida no Japão, mas assim como milhares de outros imigrantes, sentiu-se atraído pelo país que era visto por muitos como a terra das oportunidades.

Morava em uma casinha muito simples no bairro da Liberdade, reduto dos orientais na cidade de São Paulo, e foi ali que seus três filhos cresceram.

Para sustentar as crianças, trabalhou no comércio formal, informal, em lavouras de laranja no interior do estado, em confecções de fundo de quintal junto com sua esposa, de dia, de noite, muitas vezes nos dois horários.

Após tanta luta e já perto dos setenta anos de idade, Takuji pôde dar entrada no

seu pedido de aposentadoria, um reconhecimento justo àqueles que dedicaram parte de suas vidas a ajudar a formar uma nação chamada Brasil.

Com a aposentadoria, embora modesta, veio também a oportunidade de desfrutar, depois de muito tempo, de um pouco de descanso. Takuji trabalhava desde os oito anos de idade e agora queria provar o sabor de levar a vida sem muitas obrigações e desenvolver algumas atividades por puro prazer.

Foi assim que o Aikidô entrou na sua vida. O Aikidô é uma luta nascida no Japão e se vale majoritariamente da técnica e minoritariamente da força.

Mesmo com estas características, quando Ono Sensei, um mestre faixa preta e pioneiro na divulgação do Aikidô no Brasil, recebeu em sua academia que também ficava no bairro da Liberdade e era chamada de Associação Pesquisa de Aikidô, aquele senhor de idade considerável e aparência frágil, dizendo que desejava se tornar seu aluno, Ono percebeu que um desafio se apresentava em sua vida.

Ono aceitou o novo aluno de imediato, mas sabia que teria que repensar boa parte das técnicas daquela luta. Era preciso tornar o Aikidô mais suave sem que este perdesse sua eficiência, só assim o novo aluno conseguiria desenvolver as técnicas e dar os primeiros passos naquela arte sem que o peso da idade significasse risco ou motivo para desistência. Muitas vezes é a lição que tem que se adaptar às necessidades do aluno.

Aula a aula, pouco a pouco, os frutos da percepção aguçada de Ono, um mestre que havia revolucionado uma técnica secular para dar oportunidade de aprendizado a um único aluno, se apresentavam.

Takuji mostrava que o novo sempre surge, mesmo que seja em consequência de atender as necessidades de um ancião como ele. A vida escolhe seus próprios métodos e a sua força nos conduz por caminhos nem sempre claros ou fáceis de compreender. Às vezes, quando pensamos que tudo está terminando, surpreendentemente as coisas estão apenas no início.

Para surpresa de Ono Sensei, na balança do saber, os anos pareciam pesar a favor e não contra aquele aluno. Sua calma, maturidade, segurança e paz de espírito o faziam perceber os detalhes mais sutis do Aikidô. Takuji conduzia seu mestre a um novo aprendizado e era um aluno surpreendente.

Durante dez, anos Takuji praticou Aikidô na academia de Ono até que a evolução de faixas o levou a tornar-se também um Sensei, ou seja, professor. Era chegada a hora dos mestres se separarem. Sensei Takuji agora tinha, com quase oitenta anos de idade, um novo caminho para seguir e o novo, neste momento da sua vida, fazia toda diferença.

Os filhos de Takuji já eram homens adultos e ele agora era um homem viúvo. A morte de sua mulher o fez perder o gosto pela casa no bairro da Liberdade na qual havia vivido os últimos trinta anos ao lado da esposa. Ao todo foram mais de cinquenta anos de casamento.

Um dos três filhos resolveu voltar para o Japão e os outros dois foram morar na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Takuji não quis voltar para o Japão, já se considerava um brasileiro e seguiu na companhia dos dois filhos para aquela que era uma das mais belas capitais brasileiras.

O recomeço em Vitória não foi fácil, os filhos estavam sempre fora de casa, trabalhando e estudando, os vizinhos mal se cumprimentavam. Diferente de São Paulo, Vitória não possuía um reduto de orientais e a solidão começava a se tornar agressiva e devastadora.

Takuji sabia que a solidão é uma erva daninha que precisa ser arrancada enquanto ainda se apresenta como um broto. Quem descuida e, sem querer, cultiva a solidão, morre vítima de suas consequências.

Mesmo entendendo português com dificuldade, Takuji todas as tardes pegava um ônibus e ia passear pelas ruas da cidade. Em um desses passeios encontrou uma academia que trabalhava diversas artes e técnicas. O tatame avistado pela janela chamou sua atenção e ele entrou no estabelecimento.

A dona da academia nunca havia ouvido falar de Aikidô e lamentou dizer ao simpático velhinho que provavelmente ele não encontraria nenhuma academia na cidade para praticar tal arte. Takuji já ia saindo quando a moça o chamou e disse:

— O senhor pode dar aula?

Ele sorriu, nunca havia dado aula antes, mas sabia que podia. Aceitou o convite e na tarde seguinte já tinha dois alunos, os filhos da simpática dona da academia.

— Vamos Júnior! Anda logo cara! .

— Já vou! Já vou! Que pressa é essa? Ainda são quatro horas da manhã! –

Retrucava Júnior enquanto abria a porta do apartamento para Marcos entrar. Marcos agora tinha 17 anos e havia chegado o momento de prestar o serviço militar.

— Anda Júnior! .

— Que pressa é essa, Marcos? Não foi você mesmo que passou o ano inteiro falando com Deus e o mundo para te liberarem? Então?

— É, mas pedi para liberarem você também, e se você demorar uma eternidade para se arrumar feito uma mocinha, quando nós conseguirmos chegar lá o tenente que ficou de me ajudar já vai ter saído e seremos prejudicados! Principalmente eu com esse rosto todo quebrado por dentro. Já imaginou levar uma

pancada em um daqueles exercícios e ter que passar por outra cirurgia? Deus me livre! – Argumentou Marcos.

— Nem diga uma coisa dessas. Eu não quero passar um ano ali dentro de jeito nenhum! – Afirmou Júnior.

— Pois é, e não está fácil para liberarem não. Levei os documentos da primeira cirurgia, da segunda cirurgia que tive de fazer no olho, dois anos depois da primeira, quando meu corpo rejeitou a prótese de plástico de soro fisiológico, e nem assim eles liberaram. Vai ter que ser na indicação mesmo.

— Poxa! Ainda não acredito que na hora da cirurgia os caras colocaram um pedaço de plástico para segurar teu olho! Que droga!

— E você queria que eles fizessem o quê? Não tinha outra coisa a fazer, não tinha prótese, foi no jeitinho brasileiro mesmo. Ainda tive sorte que meu corpo criou uma membrana em volta do plástico e quando aconteceu à rejeição eles tiraram o plástico e tinha essa tal membrana para apoiar meu olho. — E teu olho é apoiado só nessa membrana? — Quis saber Júnior. — É.

— Poxaaaaaaaa! — Exclamou Júnior, como quem não acreditava. — Vai Júnica! Engole logo esse café! -Sussurrava Marcos com medo de acordar a mãe e o pai de Júnior que dormiam.

— Deixa de brincadeira Marcos! Vai me chamar de Júnica lá na frente dos caras do quartel e depois vai ter neguinho achando que eu sou veado! Presta atenção! Marcos sorriu, encostou-se a um canto do sofá e quase cochilou. Todas às vezes que ia sair com Júnior era a mesma novela, não adiantava nada apressá-lo. Ele ainda demoraria uma meia hora só para escovar os dentes e colocar uma roupa. O ponto do ônibus ficava bem próximo ao prédio onde os dois moravam e o trajeto até o 38ª Batalhão de Infantaria do Exército era simplesmente fascinante. O complexo de prédios onde funcionava o quartel já havia sido usado no período colonial, como fortaleza para defender o litoral capixaba. O formato da surpreendente obra arquitetônica do século XVII parecia uma ferradura. As paredes eram altas e pintadas de branco e verde, as janelas pareciam arcos e o teto era todo formado por telhas feitas de barro moldadas uma a uma nas cochas dos antigos escravos africanos. Acima de cada janela, havia enfeites que pareciam brasões da realeza e que de tão ricos em detalhes chegavam a lembrar um bordado feito em cimento. Tudo isso encravado no sopé de uma das mais bonitas serras brasileiras e de onde se avistavam belas praias e o convento da Penha.

Com a influência e as recomendações do Tenente Cláudio, um jovem belo, determinado e apaixonado por Patrícia, irmã de Marcos, que agora já era uma bela moça, apesar de Marcos ainda enxergá-la como a menininha de sapatilhas cor de rosa, os dois jovens foram dispensados nos últimos exames da manhã e se viram livres de prestar o serviço militar.

Era quase meio dia, Marcos e Junior estavam na mesma parada de ônibus na qual haviam decidido, bem próxima ao quartel, aguardando o transporte de volta para casa.

Já fazia mais de meia hora que os rapazes aguardavam o ônibus e nada. Júnior estava inquieto, com fome e com sono quando percebeu que uma tropa do

Exército se aproximava em marcha acelerada. Eles cantavam alguma coisa que Júnior não conseguiu entender.

— Que negócio de otário! Uma hora dessas, um calor desses e a pessoa correndo em marcha! – Comentou Júnior, quando ao olhar para Marcos percebeu um brilho estranho no rosto do amigo.

— Ai meu Deus! Deu merda! Já estou vendo que deu merda! – Reclamava Júnior se sentando em um canto e colocando as mãos na cabeça. — Vamos voltar Júnior? – Sugeriu Marcos como quem não tinha ouvido uma única palavra que o amigo havia acabado de falar.

— Você está doido? Nós acabamos de sair de lá! Fomos D-I-S-P-E-N-S-A-D-O-S! — Eu sei, mas a gente volta e diz que quer servir.

— E esse ônibus que não chega! – Reclamava Júnior querendo acreditar que se o transporte chegasse em menos de cinco minutos, Marcos entraria dentro dele e esqueceria aquela ideia maluca.

— Espera aí! Onde é que você vai?

Quando Júnior percebeu, Marcos já estava a alguns metros de distância da parada de ônibus e caminhava despreocupadamente em direção ao quartel. — Boa tarde. Nós queremos nos apresentar para servir ao Exército do Brasil!

– Declarava Marcos ao soldado encarregado da recepção do batalhão. Enquanto isso, Júnior entrava no quartel sem acreditar que por alguns passos de atraso não havia alcançado o amigo e o impedindo de fazer aquilo que ele considerava uma enorme burrada.

— Espera aí! Eu me lembro de vocês dois. Vocês estiveram aqui hoje pela manhã, se apresentaram, mas foram dispensados. – Recordou o soldado. — Fomos dispensados sim, mas queremos uma reavaliação. Queremos servir. – Afirmava Marcos.

— Pronto! Agora nós estamos! Vão nos aceitar e botar para quebrar nas duas “madalenas arrependidas” aqui. – Reclamava Júnior.

Marcos tinha um sorriso de canto a canto no rosto. Júnior olhava para ele como quem queria matá-lo.

No dia seguinte, antes das sete da manhã, estavam os dois se enfileirados com o resto da tropa. Júnior que odiava acordar cedo, não parava de pensar em um modo de vingar-se do amigo. No dia anterior, durante o percurso até em casa, havia atribuído a Marcos todos os palavões que conhecia e mais uma centena que a raiva o tinha feito inventar. Apesar de tudo, Júnior jamais deixaria Marcos servir ao exército sozinho, tinham a mesma idade, haviam crescido juntos e ele não queria passar o resto da vida ouvindo Marcos contando as histórias

engraçadas vividas no tempo do exército de que ele por fora.

Foi no quartel que Marcos ouviu falar pela primeira vez de um certo velho japonês, recém chegado a cidade e de que estava dando aulas em uma

academia a mais de meia hora de distancia dali. O tal homem, aparentemente não muito forte e de porte fisico frágil, sem muito esforço e com golpes que pareciam bastante simples mandava para o chão todos os que o desafiavam. Marcos tinha situações mal resolvidas no fundo de sua alma e, como diz o poema “ sentimento ilhado, morto e amordaçado, volta a incomodar.” Fazia muito tempo que ele sabia da necessidade de aprender uma técnica que lhe favorecesse alguma defesa. Ainda estavam vivas em sua lembrança as cenas do assalto sofrido quando criança e de outro, recente, onde tomara um tiro na perna enquanto estava na casa de Fabíola, sua atual namorada.

Em uma tarde de sábado, Marcos e Fabíola, como de costume, foram ao cinema e depois seguiram direto para a casa dos pais dela onde uma suculenta lasanha os esperavam, preparada por Dona Arlete, mãe de Fabíola, já estava prestes a sair do forno.

A família era grande, a mesa sempre repleta de assuntos diversos, conversas e sorrisos. Alguém falou sobre os assaltos que estavam ocorrendo no bairro, Marcos não ouviu direito ou não deu muita atenção. Assuntos surgiam e morriam nas conversas em torno da mesa oval que cabia seis disputadíssimos lugares. Porém aquele, em especial, voltaria a ser comentado mais tarde.

— A droga do motor teima em não pegar! – Reclamava Marcos, meia hora após o jantar e já na hora de voltar para casa. Sem sucesso ele tentava dar partida no Fiatzinho estacionado na frente do portão da casa de Fabíola.

— Como assim não pega Marcos? Até a pouco o carro estava bom, voltamos do cinema sem nenhum problema. – Constatou Fabíola.

— Pois é, mas agora não pega. Me empreste seu relógio, esqueci o meu e preciso de um para marcar o tempo de arranque do motor.

— Meu relógio? Meu relógio novinho para você ir mexer no carro? Ah não! Vai arrANHAR, vai estragar...

— Eu não vou consertar o carro usando seu relógio, quero ele só para marcar o tempo do motor! Só isso! Não vou mexer com graxa, óleo, com nada! Empresta logo que já está ficando tarde.

— Está bem, mas cuidado! – Recomendou a namorada entregando o relógio e caminhando para dentro de casa.

Mal deu tempo de Fabíola dar as costas, Marcos ouviu a frase que o remeteu para algum lugar no passado.

— Passa o relógio! Passa o relógio! – Ordenava um homem armado com um revolver calibre 32.

Marcos não podia acreditar naquilo! Não era possível o mesmo raio cair duas vezes no mesmo lugar!

A lembrança da violência e a covardia sofrida durante a infância quando, novamente, havia sido assaltado por conta de um maldito relógio lhe afligiu a alma, mas desta vez ele decidiu que seria diferente, ele levaria a melhor.

— Tem um policial atrás de você! – Avisou Marcos ao assaltante, planejando que, no momento em que o bandido olhasse para trás, correria para dentro da casa de Fabíola e estaria a salvo.

O assaltante realmente olhou para trás, mas Marcos não conseguiu ter a agilidade de fugir nesta fração de segundos. Ele permanecia no mesmo lugar, como se visse tudo passar em câmera lenta. Percebendo que havia sido enganado e que não havia policial nenhum, o bandido voltou-se irado para sua vítima.

— Está tirando onda comigo? Esá tirando onda comigo? – Repetia o assaltante tomado por uma raiva desmedida. Imediatamente engatilhou o revolver e efetuou três disparos contra Marcos. O desequilíbrio emocional do bandido ou sua péssima pontaria só permitiram que um dos tiros atingisse seu alvo e isso provavelmente significou a diferença entre a vida ou a morte do namorado de Fabíola.

Dentro de casa todos ouviram os tiros, mas ninguém imaginava que a vítima fosse Marcos, apesar do barulho parecer tão perto. Fabíola, no entanto, saiu de casa correndo, o barulho dos tiros havia sido próximo demais. O que ela temia havia acontecido.

O desespero de Fabíola ao perceber que o namorado estava caído no chão, baleado, foi algo do qual Marcos se lembraria por muito tempo. Novamente ele não soube se defender e não sabia mais o que era certo ou errado. Enquanto criança ele fez tudo que o assaltante ordenou e mesmo assim foi ferido, agora ele tentou reagir, da forma que achou possível, e também foi ferido. Ele se sentia vulnerável e completamente indefeso.

Ouvindo os gritos da irmã, Fábio se aproximou, percebeu que o cunhado estava baleado e o levou até o hospital. Felizmente o tiro havia passado de raspão e apesar do intenso sangramento, Marcos não teve grandes complicações. Porém, novamente, as marcas ficariam em um lugar de onde dificilmente elas sairiam: a alma.

Marcos adaptou-se com facilidade ao cotidiano do quartel. Gostava da convivência com os colegas de tropa, se divertia com as brincadeiras de Júnior e com as piadas dos amigos que, logo, eram muitos.

Mas nem tudo eram flores. No primeiro dia, tiveram de raspar a cabeça, depois mandaram que ficassem todos nus, encostados em uma parede e o banho foi

com um jato de carro pipa que fez com que muitos deles caíssem no chão, tamanha a força da água. Em alguns treinamentos, não era permitido comer. Em outros, a comida era “servida” no chão, e eles tinham que comer às pressas. Se um soldado fosse apanhado com o coturno sujo, recebia punição. Com a fivela do cinto torta, recebia punição. Marcos era metucioso e andava com o uniforme impecável. Júnior, não dava a mínima e quase toda semana era punido.

Apesar de seu horário de trabalho no quartel ser apenas na parte da manhã, comumente Marcos ficava o dia inteiro por lá. Gostava do ambiente, se sentia em casa. Ele sabia que era aquilo que queria para sua vida. Em fim havia se encontrado. No entanto, para se dedicar a algo por completo, ele precisava vencer os traumas do passado e a sensação de vulnerabilidade era um ponto a ser resolvido. Naquela tarde, resolveu ir conhecer o tal mestre de Aikidô do qual todos falavam. A academia ficava bem longe do quartel, a mais de uma hora de ônibus, e se chamava Corpo e movimento.

Tudo acontecia ali, no primeiro andar daquele prédio branco. Na calçada sempre se formavam rodinhas de jovens em animadas conversas, tão animadas quanto às conversas dos soldados do quartel. Professores e alunos se misturavam, interagiam em um sistema hierárquico bem diferente da vida militar que Marcos agora aprendia a se habituar.

Toda aquela atmosfera parecia uma recepção de boas vindas, dava uma sensação de acolhimento e isso era bom de sentir. Ele entrou na academia lentamente, como se estivesse querendo adivinhar o que existia ali, o que fazia aquelas pessoas tão felizes. Talvez fosse a mesma coisa que existia no quartel: Gente, pulsação, presença, movimento, vida. Tudo que se opõe a palavra solidão, separação, distância.

Subiu a escada e logo percebeu que ali funcionavam várias salas, cada qual com sua atividade. Tinha gente aprendendo a dançar, a lutar, a relaxar, a viver. Não foi difícil identificar qual era a sala de aula do tal velhinho. Aproximou-se da sala cuja porta possuía um símbolo japonês pintado delicadamente em tinta preta. Olhou pela pequena janela de vidro localizada na parte superior da porta e avistou alguns alunos executando movimentos simples, mas que parecia usar a força do adversário contra o próprio adversário. Tinha muita torção, muita queda, mas o que Marcos precisava descobrir era se havia riscos de golpes com forte impacto na face. Se houvesse, esta era uma linha de perigo a qual ele não podia cruzar.

Ele abriu a porta com cuidado, todos estavam concentrados e ele não queria fazer barulho. Entrou na sala clara, ampla e com um tatame cuidadosamente

esticado no chão. Mesmo com todo esforço em ser discreto, o mestre notou sua presença e fez um sinal de reverência com a cabeça. Marcos respondeu e notou que havia cerca de cinco cadeiras colocadas em um canto da sala, provavelmente para acomodar outros curiosos que, como ele, visitava a academia para conhecer as famosas aulas do velho.

Sentou-se e ficou quieto, observando quase hipnotizado os movimentos que os quinze alunos faziam. Na verdade poderia até serem vinte alunos, é que ele, encantado com os movimentos, havia desistido de contar. Quando chega aquilo que é mágico, o que é puramente técnico, metódico perde a importância.

Em determinado momento, alunos formaram uma espécie de círculo em torno do mestre e este começou a ensinar golpes a cada um deles. Marcos pôde enfim constatar aquilo que havia escutado logo cedo, no quartel: O mestre velho, pequeno e de aparência frágil, derrubava com movimentos simples homens de porte invejável.

Como que intuisse a desconfiança do jovem espectador, Takuji o convidou para participar de uma demonstração.

— Eu posso? — Perguntou Marcos.

— Sim, venha. — Respondeu Takuji com um sorriso no rosto e ar quase paternal. Marcos tirou os sapatos, pois já havia notado que todos que estavam no tatame estavam descalços, ajeitou-os em um cantinho da sala e caminhou até o tatame. Ao se aproximar, os outros alunos fizeram um sinal de reverência e ele correspondeu, já havia percebido que para todos ali o tatame era um lugar de extremo respeito. Logo seria para ele também.

Este respeito pelo lugar onde se pisa me fez lembrar uma experiência pessoal, algo que aconteceu comigo muito recentemente. Fui visitar minha mãe, que é filha de uma índia da tribo Xucuru do Ororubá e passou boa parte da infância e juventude entre a aldeia e a cidade. Na ocasião, um encanamento de esgoto das casas vizinhas havia estourado e como a nossa casa é a última em uma rua íngreme, fomos atingidos pelo vazamento que tomou conta de parte do nosso quintal. O mau cheiro era insuportável. Logo contratamos um serviço especializado e o problema da infiltração no nosso quintal foi resolvido, mas a terra estava encharcada daquela fedentina. Não havia muito mais o que fazer. Passaram-se três dias, exatamente três dias, e minha mãe, sentada na mesa da cozinha, com a porta que dá para o quintal aberta, tomando pacientemente seu copo de café, disse:

— Está vendo Ana? Está vendo como a terra é sagrada? Se você colocar uma fruta ou qualquer outra coisa em um determinado lugar, com alguns dias vai estar podre e a situação só piora com o tempo. Com a terra não! O homem vem e derrama tudo que não presta nela e ela se recupera. Faz três dias que o quintal

estava com um mau cheiro que ninguém podia chegar perto, não precisou remédio nenhum, ninguém lavou a terra com sabão em pó. Foi só deixar ela ali quietinha e hoje a gente tá aqui, com a porta aberta, tomando café sem nem um rastro do mau cheiro de antes. A terra que se pisa é sagrada! – Ensinou.

É assim que os índios ensinam as coisas aos filhos, na simplicidade de um comentário. Cada comunidade possui seus mestres, Takuji era um bom mestre e tinha muito que ensinar. Quando Marcos tocou os pés no tatame, era como se tivesse pisando em solo sagrado, como se todas as tempestades existentes dentro dele se calassem, foi encontro especial. Não um encontro por acaso, desses que até passam despercebidos. Foi fruto de uma busca, e esses sim são valorizados porque cada um sabe o quanto lhe custou encontrar aquilo que procurava.

Ao pisar no tatame, pela primeira vez na vida, Marcos sentiu-se realmente em segurança. Sentiu que estava pisando em um lugar onde seria respeitado. Nem o golpe sofrido em seguida o fez abalar esse sentimento. Quanto mais ele colocava força para se livrar do golpe do mestre, mais ficava preso, mais sentia dor. Ele não podia acreditar que aquele velhinho o tinha dominado tão facilmente e, em segundos, o levado ao chão como fez anteriormente com todos os outros.

Takuji logo soltou o visitante que se levantou, respondeu o cumprimento de todos os outros alunos e voltou para seu lugar. No final da aula, Marcos disse ao mestre que voltaria.

— Você volta mesmo? – Indagou o professor.

— Volto. – Afirmou Marcos.

— Volta amanhã? – Convidou o mestre.

— Volto sim. – Comprometeu-se o futuro aluno.

No dia seguinte o rapaz voltou, e em todos os outros que se seguiram. O seu tempo agora era dividido entre o quartel e a academia. Quando mais aprendia, mais tinha vontade de aprender. Ele havia encontrado um mestre e Takuji, um discípulo.

No começo, Marcos dividia seu tempo entre as atividades no quartel e AA aulas na academia, com o fim do período de serviço militar, seu tempo passou a ser dedicado somente ao Aikidô e tanta convivência o tornou muito próximo de Takuji Sano.

Agora, na casa de Marcos, moravam apenas ele, Patrícia e Eduardo, que era o irmão mais novo. O irmão mais velho. Elmo, havia ido morar fora. Com os filhos crescidos, Eliana resolveu ir tentar a sorte no Rio de Janeiro, apoiada por alguns familiares.

Ela queria recomeçar, mas não sabia por onde. Sua partida foi mais uma fuga do

que uma separação. Os três estavam sós.

Com a saída da mãe, a situação só piorou. Sabendo das dificuldades do aluno, Takuji resolveu oferecer uma pequena remuneração pela ajuda de Marcos, já que este ficava os três horários na academia e acabava por ajudar muito o mestre nas aulas. Na contramão, a dona da academia fazia pressão para que rapaz pagasse uma mensalidade maior do que aquela paga pelos outros alunos que só usufruíam da academia em um horário.

O pouco dinheiro pago pelo mestre era usado para ajudar nas despesas de casa. Mas era realmente pouco, tão pouco que Marcos, muitas vezes, comprava na farmácia um inibidor de apetite que, na época era permitido e muito barato, cujo o único comprimido tirava a fome por quase um dia para economizar o dinheiro da comida. A vida era difícil.

Quando Fabiola descobriu que Marcos estava tomando inibidores de apetite por não ter dinheiro para se alimentar, começou a levar o namorado para fazer mais refeições em sua casa. Dona Arlete vivia com medo que um dia aquilo tudo acabasse mal e ele tivesse um problema sério em consequência da má alimentação e desses remédios que ele, até por vergonha de estar comendo na casa dos outros, tomava escondido.

O mestre olhava para Marcos com carinho, às vezes tinha pena, mas sabia que era preciso esperar chegar a hora certa e que seu trabalho era manter a cabeça de seu discípulo erguida e o fazer acreditar nele mesmo e no caminho que Deus havia apontado para sua vida.

A dedicação e o esforço faziam o aluno mais aplicado da sala avançar rapidamente de faixa e a mudança iniciada no quartel se completou no tatame. O menino até então assustado, agora se tornava um homem.

Sano Sensei já sentia o peso de mais de oito décadas de vida e percebia que em breve não estaria mais perto do jovem discípulo. Ele pressentiu que Marcos seria herdeiro de seus conhecimentos no dia que o então menino o havia procurado pela primeira vez. Agora era hora de permitir que o seu sucessor traçasse seu próprio caminho. Durante anos, o mestre lhe ensinou as técnicas, o respeito que um lutador de Aikidô deve ter por si mesmo, pela luta, pelo adversário e pelo ser humano. Agora era chegada a hora de lhe confiar também os alunos, a parte que ele considerava sagrada no seu legado.

Sano Sensei, o homem mais digno que Marcos já havia conhecido, foi se afastando suavemente. Ele pressentiu, mas preferiu acreditar que o mestre estava apenas cansado, sentindo o peso da idade e por isso, a cada dia participava menos das aulas. Em muitas destas, ficava apenas como expectador, orientando os trabalhos comandados pelo novo professor.

A presença de Sano Sensei era parte importante na vida de seu discípulo. Marcos já não era o jovem confuso de antes, os ensinamentos do mestre o haviam transformado em algo muito melhor do que aquilo que ele mesmo imaginaria

um dia ser. Apesar das dificuldades financeiras, das brigas com o pai, dos traumas do passado, ele se sentia protegido pelo amor e pelos cuidados de Sano Sensei. Era como se o mestre fosse um abrigo.

Um ano depois...

Marcos anunciou o intervalo, caminhou até o bebedouro, tomou um pouco de água e deixou que ela molhasse seu rosto. Observou seus alunos se dispersarem, uns foram até o banheiro, outros tinham mais interesse na água doce e refrescante do bebedouro e, por isso, uma fila já se formava atrás do professor. Por algum motivo, lembrou-se do primeiro dia em que entrou naquela sala, aquela mesma sala de tatame bem cuidada, paredes impecavelmente brancas e ampla janela de vidro dando vista para a avenida. Lembrou-se também do motivo que o levava até ali, e agora estava ele dando aula, a vida tem dessas coisas.

Aproximou-se da janela, abriu um pouco o vidro, o ar por ali já não era tão puro quanto antes, mas mesmo assim ele não havia perdido esse velho hábito dos tempos de aluno. Também lhe veio a mente lembranças do seu mestre, dos ensinamentos não só nas artes marciais, mas também nas artes da vida. Olhou para o belo tatame branco, quase podia enxergar o mestre ali, o ajudando a montar aquela academia que resolveram chamar de *Budokai*, ou, Centro de Artes Marciais. Lembrava-se de Mauro e Evandro esticando o tatame, pintando paredes, limpando o chão. Marcos, Evandro e Mauro haviam resolvido alugar o espaço e transformá-lo em um uma academia especializada em artes marciais. Marcos nunca esqueceria aquele momento, não se lembrava de outra ocasião em que tinha se sentido como motivo de orgulho de alguém. Na verdade, na ocasião, ao ir falar para o mestre dos planos que tinham, os meninos esperavam mais uma bronca do que qualquer outra coisa. O que eles não sabiam é que todo bom passarinho sabe a hora exata de deixar os filhotes saírem do ninho e se lançarem em novos voos.

O jovem aluno era mesmo audacioso, havia montado uma pequena serigrafia nas horas vagas e seu dom para a arte e os desenhos lhe permitiram fazer uma boa clientela e juntar algum dinheiro com a venda de camisetas personalizadas. Quando soube que a dona da academia iria fechar o estabelecimento, resolveu propor o aluguel e pagou o primeiro mês adiantado. A sociedade com os outros rapazes, que eram seus alunos nas aulas dadas junto com Takuji, seria o suficiente para, com muito trabalho, montar o negócio, que parecia um sonho. Pouco tempo depois, Takuji partiria. Marcos teve a oportunidade de se despedir do mestre, vítima de um câncer no estômago, mas nunca pôde se despedir do sentimento de orfandade.

Em meio a tantas lembranças que sabe lá Deus porque o haviam visitado, uma

coisa arrastou Marcos para o momento atual: Quase por acaso, notou que um ônibus estranhamente estava diminuindo a velocidade em plena avenida Vitória até estacionar em uma curva muito fechada, já no finalzinho da rua. Aquela manobra era bastante perigosa, podia facilmente ocasionar um acidente seríssimo, havia algo de errado.

Rapidamente a porta dianteira do ônibus se abriu e um rapaz de aproximadamente quinze, quem sabe dezesseis anos, saltou os degraus e ganhou a rua, correndo em direção ao Morro do Jaburu, local dominado pelo tráfico onde a polícia ainda não entrava.

O Morro do Jaburu ficava muito próximo a Avenida Vitória, onde estava localizada a academia e muitos outros pontos comerciais. Eram comuns os assaltos e as fugas para o morro.

O dia a dia no morro fervia: muita arma, muita droga, muita morte, muito crime. O comando do tráfico não brincava e policial que entrava naquele território estava sentenciado à morte. O Morro do Jaburu não era da cidade, era do comando. O comando do tráfico de drogas.

Os passageiros que estavam dentro do ônibus começaram a gritar e, percebendo o tumulto, uma viatura da polícia que fazia ronda na área logo se aproximou. O Tenente Thiago, que estava dentro da viatura, notou que o assaltante estava correndo em direção ao morro. Se conseguisse pelo menos se aproximar das ruelas que antecediavam o reduto do tráfico, a polícia jamais o pegaria. Era impossível uma viatura transitar naqueles becos. Além de tudo, não dava para um policial entrar lá sozinho. Aliás, a polícia não entrava lá em número nenhum. Os traficantes eram muitos e possuíam armamento de ponta, inclusive armas israelenses e munições de primeira. Sempre que a polícia tentava invadir o local era massacre, do lado dos policiais.

Thiago era um oficial recém-saído da academia, tinha vinte e poucos anos e ainda estava se acostumando com o cotidiano das ruas. Os policiais que ficavam sob seu comando o adoravam. Ele fazia parte de uma nova ala de oficiais que tratavam os praças não como meros subordinados, mas sim como colegas de trabalho. A realidade também era outra, o tempo dos antigos coronéis fazia parte do passado e agora não havia mais um precipício separando praças e graduados e sim uma linha muito tênue, quase inexistente.

Os soldados recém-ingressados na corporação não eram mais semi analfabetos ou escolhidos nas ruas somente pelo porte físico ou indicado por políticos. Agora eram homens e mulheres concursados, a maioria fazia faculdade. Agora, todo tenente, capitão, major ou coronel sabia que mais dia ou menos dia poderia encontrar um dos seus subordinados no lado de fora da hierarquia militar, onde o soldado de hoje se transformaria no juiz de amanhã. Na era dos concursos públicos, o título de “Excelência” agora estava acessível a todos que tivessem força para alcançá-lo.

A verdade é que Thiago, além de conhecedor dessa realidade e de considerá-la muito justa, o que o levava a fazer parte de uma minoria entre os oficiais da Polícia Militar, possuía ainda carisma, determinação e senso de liderança. A novidade agradava aos praças antigos e dava aos novatos uma sensação de companheirismo e confiança. Ninguém se negava a nada quando quem estava no comando era o Tenente Thiago. Até o pessoal do grupo de extermínio resolveu dar uma parada nos serviços para não prejudicar o tenente.

De dois em dois anos, eles faziam na cidade o que chamavam de “limpa”. Sumiam com bandidos que estivessem na lista negra da PM. Com isso, nesse período do biênio, o índice de criminalidade na cidade dava uma disparada, porque era muita morte, mas depois a coisa se acalmava. Era corpo de vagabundo aparecendo em todo lugar e os caras não tinham nem dó, nem piedade, nem rosto ou identidade. Todos da corporação sabiam onde eles estavam, mas ninguém sabia ao certo quem eles eram.

Uma vez, logo após entrar um policial novato no batalhão, um bandido assassinou um PM. Os caras resolveram que o enterro do assassino seria no mesmo dia que o enterro do policial morto. Se a família do soldado ia chorar no cemitério, a família do bandido não ia fazer churrasquinho na laje não, o assassino ia rodar também.

Nessa noite se viu terror dentro dos morros da cidade, até o morro do Jaburu a polícia ameaçou invadir com ajuda da “força paralela”. A bandidagem se preocupou. Se a PM sozinha não tinha moral para invadir o morro, o grupo de extermínio da PM junto com a “força paralela” que era formada pelos comandantes dos outros morros e que sempre ambicionaram tomar as bocas de fumo do Jaburu, tinham poder para invadir dois morros do Jaburu ao mesmo tempo, que diria apenas um. Neste momento, estamos na década de 90 e o poder do tráfico está em seu auge não só em Vitória, como no Rio de Janeiro, São Paulo e diversas outras grandes cidades.

Os policiais sabiam que o assassino do PM era do Jaburu, foi só apertar um pouco, agindo na ilegalidade que o chefe do morro logo entendeu o recado e mandou descer o bandido.

— Sargento, alguém ligou avisando que o indivíduo que matou o soldado está amarrado lá no galpão velho. Disseram ainda que já deram até uma amaciada na carne dele. — Comunicou um soldado, também integrante do grupo de extermínio, ao sargento que tinha tido a ideia do enterro do assassino não passar daquele dia. O que o soldado não esperava era que o outro policial, novato no quartel e na PM, entrasse na sala no meio daquela conversa comprometedora. O soldado do grupo de extermínio e o sargento se entreolharam.

— Pegue sua arma. Você vai sair conosco na viatura. — Ordenou o sargento ao policial novato.

— Sim Senhor. — Obedeceu o novato que não havia entendido coisa alguma do

pouco que ouviu.

— E agora Sargento? O que nós vamos fazer com o novato? Se ele ouviu tudo, então ferrou! –

— Tem que ter cuidado porra! Num vacilo desses a gente se quebra! – Disse o sargento puxando pelo colarinho o soldado que havia cometido o vacilo do comentário.

— Foi mal, foi mal. Mas e agora?

— Agora? Agora que ele vai lá pegar o vagabundo com a gente! Quem também está na merda não pode reclamar do fedor do outro, muito menos dedar para a corregedoria. – Resolveu o Sargento.

Aquela era a primeira semana de trabalho de Carlos na PM. Antes de entrar para a PM, ele era professor de uma escola municipal. Quando prestou concurso para a Polícia Militar, não tinha esperança de ser chamado. Mas conseguiu passar em tudo, inclusive nos testes físicos, e como o salário era bem maior que o seu de professor, resolveu tentar.

Saíram os quatro na viatura. Carlos, o sargento, o soldado, e um oficial que o novato ainda não conhecia. Do quartel para o velho galpão abandonado foram cerca de quinze minutos. Para quebrar o silêncio, o oficial colocou um som no toca fitas do carro, um “batidão” de funk. Carlos estranhou uma música daquele tipo em uma viatura e ainda mais colocada por um oficial, mas ficou quieto, no canto dele.

— Veste isso aí, e não faz pergunta não! – Ordenou o sargento.

Carlos levou um baita susto com o tom de voz agressivo do sargento e até imaginou, como eram os seus primeiros dias, que fosse algum tipo de treinamento militar ou até brincadeira dos colegas.

Carlos vestiu o que era uma camisa preta que cobria toda a parte superior da farda. Colocou uma touca ninja que só deixavam os olhos descobertos. Como a calça da farda era preta, não havia como identificar que aqueles homens eram policiais, a não ser pela viatura. Mas os homens tinham efetuado uma troca de carro no percurso e agora estavam em um automóvel com placa fria.

— Atenção novato! Aqui ninguém tem nome ou patente! Meu número é zero um, o dele é zero dois, o outro é zero três e você agora é o zero quatro. Se falar o nome de alguém durante a operação nós iremos deixá-lo preso por um mês. Venha na minha retaguarda e só faça o que eu mandar. Entendido? – Perguntou o oficial.

— Entendido senhor. – Confirmou o novato.

— Zero três?

— Sim!

— Vá na frente e verifique se o terreno é seguro ou se é uma armadilha. – Ordenou o oficial que comandava a operação.

— O zero três, que era um soldado já experiente naquele tipo de ação caminhou

rente com a parede do galpão. Abaixado e com uma metralhadora em punho ele avançava ligeiro e atento a sons e movimentos. Assim que chegou próximo à porta do galpão, fez sinal de OK e os outros também avançaram.

Se ali houvesse viva alma além dos quatro policiais e do bandido amarrado dentro do galpão, teria visto que em fração de segundos, após o sinal do zero três, os homens invadiram o galpão.

Sob forte tensão, o primeiro passo era se certificar de que não era uma armadilha. O ok do soldado não era o suficiente, algo poderia ter passado despercebido e todos os sentidos dos três homens estavam voltados para essa possibilidade, exceto o de Carlos que ainda não entendia no que estava metido. A única coisa que se conseguiu ouvir naquele galpão foi um rastro de gemido sufocado. Um som que seria capaz de constriar a alma de qualquer ser humano em situação normal, mas não daqueles três policiais que ansiavam por vingança. Já a alma de Carlos estava tão confusa que mal conseguiria distinguir um gemido do barulho de um trio elétrico.

O gemido vinha dos fundos do galpão. Era lá que estava o assaltante que havia atirado e matado o policial militar agora sendo velado na capelinha do cemitério Boa Vista. O pm foi morto no dia de folga quando ia, de ônibus, visitar a noiva que morava na periferia. O bandido foi fazer um “caixa” no ônibus e durante o assalto viu o policial sentado em um dos bancos da frente, reservados a quem possui gratuidade no transporte público. Deduziu pelo rosto barbeado e cabelo cortado quase na máquina zero que se tratava de um pm e passou bala.

O assassino do policial estava amarrado, todo ensanguentado. Os chefes do morro quiseram mandar o recado para o grupo de extermínio que não havia concordado com o crime e não queriam problemas. Traficante manda recado assim mesmo, escrito com sangue.

— Não fui eu não, meu senhor! Não fui eu! – Balbuciava o assassino, quase sem forças, assim que o policial zero um lhe tirou a mordança. Havia sido ele sim.

— Eu quero ele de Joelhos! – Ordenou o tenente.

O sargento levantou o cara e o colocou de joelhos da frente do oficial.

— Novato, venha cá novato. – Chamou o tenente.

Carlos aproximou-se com medo, tremia dos pés a cabeça e agora já imaginava o que estava prestes a acontecer ali.

— O primeiro tiro é teu novato. Só não dá na cabeça para não estragar a nossa festa. Cada um vai dar um, mas o primeiro é seu.

Carlos não conseguia se quer erguer a arma. Nunca havia pensado em atirar em alguém, principalmente em um homem de joelhos, todo ensanguentado e implorando pela própria vida.

— Atira Porra! Atira logo senão quem come bala é você! – Ameaçou o tenente.

Carlos não conseguia. O sargento pegou na mão dele, engatilhou a arma, e apontou para o bandido. Quando ele menos esperava, o sargento deu um puxão

no seu braço fazendo com que, em um reflexo, o dedo do novato puxasse o gatilho. O tiro saiu e atingiu o homem na barriga. Cada um dos outros policiais deram um tiro nele e o último foi dado pelo tenente, na cabeça.

— Vamos embora dessa merda, esse desgraçado teve o que merecia. Se não fosse a tal constituição e a cambada dos direitos humanos, eu mandava pendurar o corpo dele na entrada da favela, mesmo na subida do morro para os coleguinhas dele verem o que acontece com vagabundo que mata policial. – Disse o tenente dando um chute no que sobrou do rosto do agora defunto. Carlos ficou em estado de choque e provavelmente não teria saído dali se não fosse o sargento praticamente tê-lo arrastado pelo braço e o jogado dentro da viatura. Não precisava dos colegas de farda dizerem que aquilo ficava ali, que se ele abrisse a boca, eles iriam acabar com a vida dele, nem ameçaarem a mão dele, a namorada dele, até sua sétima geração. O novato tinha vindo de uma realidade completamente diferente e via aquilo tudo como se fosse algo surreal, um mundo paralelo que ele não queria para si, no entanto ele entendia como funcionava aquele mundo. Sabia as consequências.

— Carlos, o que você tem? Está calado desde que chegou aqui. O que aconteceu?

– Quis saber Ana, namorada de Carlos e a pessoa que mais o incentivava a não deixar a sala de aula para entrar na polícia. Ana trabalhava com assessoria política há muitos anos. Apesar de levar uma vida bastante simples, conhecia muita gente influente e ele sabia disso.

— Ana, pelo amor de Deus, consiga minha transferência! – Pediu Carlos.

— Sua transferência? Mas para onde?

— Para qualquer lugar. – Respondeu Carlos.

— Fique calmo. Vou conseguir. – Prometeu já adivinhando que algo de muito sério tinha acontecido.

O tempo passou e ele nunca contou o que aconteceu para ninguém. Ana conseguiu com sua comadre que era chefe de gabinete do governador a transferência de Carlos para uma cidade do interior do estado.

Mulher tem uma intuição que homem nenhum possui. Ana soube, no momento do pedido dele, que a coisa era séria e se empenhou no que pôde. A primeira oportunidade de sair do batalhão foi agarrada por Carlos com unhas e dentes e ele foi, feliz da vida, trabalhar no departamento administrativo de uma Companhia de Polícia de uma cidadezinha com menos de trinta mil habitantes. Todo final de semana, ele ia passear na casa da namorada que fez de conta nem desconfiar dos motivos do pedido de Carlos.

Thiago não fazia parte do grupo de extermínio, mas o grupo trabalhava com ele e sabia que se continuassem a operação “Limpa”, o tenente logo seria transferido, porque o Comando Geral da Polícia estava precisando apaziguar as coisas,

diminuir os números e com a operação eles só cresciam. O período das eleições estava próximo e não seria bom para o governador, candidato a reeleição, ter que dar explicações no guia eleitoral sobre aquele aumento dos assassinatos e chacinas. Ou o tenente e os outros caras no comando do policiamento mostravam serviço ou o comando geral começaria a transferir neguinho para locais onde ainda não tinha chegado nem coca-cola.

Thiago era calmo por natureza, porém especialmente naqueles dias andava pilhado, tenso com tanta pressão, com tantas cobranças. Ultimamente passava até os finais de semana no batalhão, trabalhava sem parar. Ele não ia perder aquele assaltante, não ia mesmo.

— Para a viatura! Para a viatura! – Ordenou Thiago, no que foi de pronto atendido pelo sargento Paes.

— Não vai tenente! Isso não vai dar certo! – Argumentava o sargento Paes enquanto o tenente checava a arma e se preparava para ir atrás do bandido.

— O que não dá certo sou eu ter que dar explicações mais tarde ao comandante por ter deixado esse pivete fugir! Desmoralização da porra! É bandido desmoralizando policial toda hora! – Retrucou o tenente.

O sargento Paes era um dos que preferiam trabalhar com o tenente, e estranhou a atitude impulsiva de Thiago. Os muitos anos de corporação do sargento lhe davam a certeza daquele conselho, aquilo não ia terminar bem. A polícia é muito parecida com a medicina, o médico experiente pode conseguir dar o diagnóstico preciso sem muitos exames, o policial experiente também consegue diagnosticar o fim de uma situação muitas vezes antes dela ter terminado.

Eram apenas os dois na viatura. Demoraria até chegar reforço e além disso, tratava-se apenas de mais um assalto entre dezenas que aconteciam naquela área semanalmente. Era só fazer uma cena para a população e deixar o garoto subir o morro mesmo. Fazer o quê? Se ele fosse o último, se ele fosse o responsável, se ele fosse importante! Mas ele não era! Tratava-se apenas de mais um pivete que tinha descido o morro para fazer um “movimento” na cidade. Não valia a pena.

— Tira por menos tenente, não faz isso! – Insistiu o sargento enquanto o tenente abria a porta da viatura e corria na direção do meliante.

— Droga! Esse porra quer ser herói? Mas precisa ser no meu plantão?

Reclamava baixinho o sargento correndo para dar apoio ao tenente que perseguia o menino pelas ruelas próximas ao morro.

Thiago era bem preparado fisicamente e logo alcançou o assaltante. Porém o assaltante também era jovem e contava com toda força proporcionada pelo medo.

O tenente o agarrou o assaltante com força, tentou imobilizá-lo, levá-lo ao chão, mas o adversário não estava disposto a se render facilmente, era fugitivo de uma casa para recuperação de menores. Fazia apenas duas semanas que estava de

volta ao morro. Tinha nascido na favela, conhecia muita gente boa, mas também tinha intimidade com a bandidagem, se aprende muita coisa quando se cresce em uma das favelas mais perigosas do país. Uma delas é fugir. E foi isso que aconteceu.

Ao perceber que o bandido havia escapado e ouvindo os gritos de descaso de alguns transeuntes que viram o bandido levar a melhor em cima do policial, o sangue de Thiago ferveu. Por um instante, passou por sua cabeça tudo que já havia escutado nos últimos dias dos seus superiores, as cobranças, as chamadas de atenção, as noites em claro, as operações fracassadas, as brigas com a namorada que reclamava da ausência dele. Thiago puxou a pistola e apertou o gatilho.

O tiro foi certo... Inacreditavelmente certo. Atingiu a cabeça do jovem em fuga. Marcos observava tudo da janela da academia, na realidade nem acreditava no que estava vendo. O menino caiu de vez, sem nenhum traço de vida que lhe permitisse se quer defender-se do impacto com o chão.

Thiago também não queria acreditar naquilo. Sentou-se no meio da rua, colocou as mãos na cabeça enquanto o sangue do adolescente se espalhava pelo asfalto.

A população que antes gritava pedindo providência, agora era só silêncio.

Mulheres colocavam as mãos como que cobrindo a boca em sinal de espanto, viravam o rosto, algumas choravam. Os homens observavam com cuidado, queriam entender as coisas, todos porém em um silêncio que gritava.

O sargento Paes parou por uma fração de instantes, nem deu tempo de recuperar o fôlego, estava a alguns metros de distância do tenente. Viu Thiago sentado no meio fio, encostado em um poste, com as mãos na cabeça e completamente desesperado.

O assaltante agora era um corpo deitado no chão. Os muitos anos de experiência de Paes lhe permitiam perceber isso enquanto o menino ainda caía. A ação tinha de ser rápida e precisa ou ia acarretar problemas sérios. Alguém ali tinha que pensar, tomar as rédeas da situação e agir rápido. Tinha muita gente olhando, muitas testemunhas. Em uma situação dessas a população nunca apoiava o policial e era capaz de baixar repórter ali rapidinho já que tudo acontecera no centro da cidade. Paes sabia que aqueles que gritaram “pega ladrão” iriam se dizer chocados, que o menino era apenas um garoto, que não teve chance de defesa, essas coisas.

Na hora, Paes viu se aproximar mais uma viatura da PM. Ele correu até a sua viatura, ligou o motor o mais rápido que pôde, acelerou até perto do tenente, desceu e puxou o tenente pelo braço, fê-lo sentar no banco do carona. Fechou a porta. Os policiais da segunda viatura desceram e foram logo ajudando a retirar o corpo. Paes abriu a mala da sua viatura que era um Gol duas portas, colocaram o corpo do assaltante lá. Era assim que se fazia na época. O sargento voltou para dentro da viatura, ligou as sirenes e arrancou para o hospital, simulando um

socorro. Os outros policiais ficaram no local do “acidente”, colhendo depoimentos, conversando com o motorista e resolvendo as coisas. Era o que dava para fazer. Não foi preciso nem uma palavra entre o sargento Paes e os policiais da segunda viatura. Todos tinham entendido tudo e cada um deveria fazer sua parte. Quando a imprensa chegasse, a versão oficial era a da polícia e pronto. Os policiais protegem a população, muitas vezes a população protege o bandido, mas quem protege a polícia? Só resta a polícia proteger a própria polícia. É a lei da sobrevivência.

— Eu matei esse menino! Eu matei esse menino! – Repetia Thiago dentro da viatura. — Não matou nada! Não matou nada! – Respondia o sargento. — Matei, matei sim! – Afirmava o tenente.

— Porra tenente! Matou porra nenhuma! – Gritou Paes, esquecendo-se da hierarquia militar, tentando apenas salvar a pele do amigo que, em outras ocasiões, já havia salvado a dele também.

O sargento parou a viatura e falou.

— É o seguinte, o senhor perseguiu o meliante, ele estava armado, havia o risco de atirar, era uma área com muitos civis por perto, mães de família, inclusive crianças. O senhor não teve escolha, teve de atirar, dar o tiro de comprometimento para evitar que ele fizesse uma vítima inocente. Entendeu tenente? O senhor entendeu?

O tenente apenas fez sinal positivo com a cabeça.

— Agora se acalma. Foi o primeiro, mas não vai ser o último. E se for para entrar em desespero toda vez que isso acontecer, é melhor o senhor sair da polícia. Se resolver ficar, é melhor também aprender a limpar a barra quando der merda senão o senhor vai viver na corregedoria ou acabar indo parar na prisão, servindo de atração para a mídia que adora uma condenação de um policial.

O sargento estacionou a viatura na entrada de emergência do Hospital São Lucas, um dos maiores hospitais públicos da capital capixaba. Mandou chamar dois maqueiros (era assim que se referia aos funcionários do hospital que trabalhavam com as macas) e os ajudou a tirar o corpo da mala do carro. Perguntou se o doutor Américo estava e pediu para falar com ele.

O sargento passou pela porta do hospital como se tivesse muita intimidade por ali, logo saiu uma enfermeira que foi até a viatura e convidou o tenente a entrar. Conduziu o oficial até uma sala que parecia um consultório.

Poucos instantes depois entraram no consultório o médico e o sargento.

— Vão aplicar um calmante no senhor, nada muito forte, é apenas para o senhor poder se acalmar um pouco. Já conversei aqui com o doutor que é um velho amigo nosso, já quebrou vários galhos para outros companheiros da polícia e vai quebrar mais este. Para todos os efeitos o menino chegou aqui com vida. Morrendo logo depois.

— Thiago ia dizer alguma coisa quando sentiu a furada da agulha no seu braço, não havia se quer percebido a aproximação da enfermeira. Concordou em silêncio. Sabia que naquele momento mais valia a experiência de rua e dos anos de serviço do sargento do que seus ensinamentos da academia de formação de cadetes.

O peso da justificativa do tiro ter sido em razão de evitar que o bandido metesse uma bala em uma mãe de família ou em uma criancinha que, desavisadamente passasse pelas proximidades era bem melhor do que a realidade do tiro por puro impulso. A diferença entre o menino ter morrido assim que foi atingido pela bala ou ter chegado vivo no hospital era enorme, principalmente se o caso fosse parar na mídia ou na corregedoria. Thiago não era burro, sabia que o melhor era confiar no sargento, era questão de sobrevivência profissional.

Sem dar uma palavra ele concordava com tudo, mas quando fechava os olhos lembrava de todo o cenário, parecia que estava ouvindo os gritos de “pega ladrão” da população. Lembrava-se do motorista do ônibus assaltado, e de como o motorista havia ficado quieto, não arrancou com o ônibus, não saiu da cadeira mesmo quando o bandido já não mais o ameaçava com a arma. O que será que pensava durante o assalto? Seria a lembrança do primeiro encontro com a esposa, o nascimento do filho, ou outros assaltos que talvez já sofresse?

Se o tenente tivesse olhado para cima, para a enorme janela de vidro da academia, teria visto Marcos e talvez percebesse que este também estava tão estático quanto o motorista. Também passavam coisas pela cabeça do jovem professor, lembranças do tiro sofrido há alguns anos na casa da antiga namorada, o golpe de faca na infância...

Talvez o tenente, caso tivesse notado Marcos, também tivesse percebido o alvoroço dos alunos correndo até a vidraça, querendo entender tudo o que acontecia. Aquela era a primeira vez que Marcos via alguém morrer e alguém matar. Não era fácil, não era simples, mas havia sido incrivelmente rápido. Algo estava mudando, naquele exato momento, algo acontecia e era grande demais para ser compreendido.

— O que está acontecendo Marcos? Você anda calado demais esses dias. Estranhava Evandro, sócio de Marcos e uma das pessoas que passava mais tempo ao seu lado.

— A cena do assalto não sai da minha cabeça. — Desabafou com o amigo. — Poxa cara, você precisa esquecer isso, superar.

— É claro que o tiro, a morte do menino, tudo me impressionou muito. Mas olhando de onde eu estava e vendo tudo com a clareza que eu vi, percebi coisas

que acho que as outras pessoas que viram a mesma cena não perceberam... — O quê você percebeu? — Quis saber Mauro, o terceiro sócio da academia.

— Mauro, o assaltante era jovem e ágil, mas o policial que o perseguiu, o alcançou e o agarrou também tinha preparo. Eu o vi correndo, ninguém sem treino corre daquele jeito, ele não era um desses policiais fora de forma, o cara tinha agilidade. — Constatou Marcos.

— Sim, e daí?

— Daí que depois, como a cena não saiu da minha cabeça e era como se eu a estivesse assistindo muitas e muitas vezes, inclusive em câmera lenta, percebi que se o policial soubesse de algumas técnicas de imobilização, técnicas simples, até primárias do Aikidô e outras lutas, o garoto não havia escapado, o tiro não teria sido dado, ninguém teria morrido, ninguém teria matado. Eu li no jornal que o policial, que parece que é um tenente, pode ir a julgamento. O que está pensando a favor dele é que o garoto estava armado e havia o risco dele atirar contra a população. Dizem que ele não morreu no local, ainda chegou vivo no hospital.

— E você acredita que ele chegou vivo no hospital? Estão dizendo que ele caiu morto na mesma hora do tiro.- Completou Evandro.

— Chegou vivo nada! Nem sei se isso ajuda o tal tenente judicialmente caso ele vá a julgamento, mas moralmente está ajudando. A mídia pega mais leve. — Opinou Marcos.

— Eu entendo. Mas o que você está pensando?

— Eu quero começar um trabalho de pesquisa, ajudar os policiais a se defenderem antes de ser atacados sabe? Desenvolver técnicas usando as diversas artes marciais que temos para ajudar o trabalho deles. — Planejava Marcos.

— Você quer ensinar a polícia? Marcos, você está sonhando! Isso nunca vai dar certo, eles nunca vão aceitar... Além de tudo, você nem é militar. Eles não vão admitir que um civil ensine alguma coisa para eles, principalmente esse tipo de coisa. — Opinou Mauro.

— É, você pode estar certo, mas mesmo assim eu vou tentar.

— Eu sei que você vai tentar. Eu te conheço. Eu sei disso.

Dias depois...

— Marcelo, você pode me ajudar em uma coisa? — Perguntou Marcos ao policial civil que era seu aluno na Budokai.

— Claro mestre, fala aí!

— Eu preciso que você faça uma avaliação de quais são as principais dificuldades de atuação da polícia na rua.

— São tantas Marcos!

— Mas eu quero dificuldades do tipo: É difícil imobilizar? Os caras se soltam da algema? Quando é mais difícil imobilizar? É difícil desarmar? Vocês possuem técnicas específicas para isso? Pensa nessas coisas, nos “apuros” que você e seus amigos já passaram na rua e depois me fala.

— Beleza. – Concordou Marcelo.

— Vi você conversando com o policial. Você vai tocar mesmo essa ideia de criar técnicas específicas para polícia? – Quis saber Evandro.

— Vou e preciso da ajuda de vocês. – Afirmou Marcos.

— Sinceramente? Eu acho uma ideia ótima, tão boa que nem acredito que não tive antes de você, mas tenho medo que se decepcione com a aceitação. O que vai ter de policial virando a cara para você e as suas técnicas não vai ser brincadeira. – Previu Evandro.

— Eu sei. Mas aquela cena do assalto do ônibus não sai da minha cabeça. Se o tenente soubesse algumas técnicas específicas que a gente ensina todo dia aqui na academia, nada daquilo tinha acontecido. Eu sei que é importante ensinar artes marciais para a população, mas a impressão que eu tenho é que quem mais precisa delas está de fora.

— Eu nunca tinha pensado assim. – Constatou Mauro.

— A maioria de nossos alunos nunca vai, com as graças de Deus, precisar usar nenhuma das técnicas que nós ensinamos. Eles estão aqui por outros motivos: condicionamento físico, esporte, lazer... Mas os policiais não! Eles precisam no dia a dia desse conhecimento e dessas técnicas que estão soltas nas artes marciais. Se a gente juntar, selecionar, adaptar... Podemos criar algo novo que ajude a evitar que eles matem ou morram. – Planejou Marcos.

— Você está certo, mas vamos precisar fazer um trabalho de Hércules! Descobrir quais são as principais falhas dos caras e filtrar, arte por arte, o que cada uma tem que é capaz de solucionar essas falhas não vai ser fácil. – Concluiu Evandro.

— O que eu acho que vai ser mais difícil é eles abrirem a guarda para gente poder descobrir onde estão as falhas. – Argumentou Mauro.

— Não vai ser fácil, mas temos a Budokai e aqui temos alunos que são policiais e eles convivem com nossos mestres de várias artes marciais. Vamos começar por eles. A gente tem que tentar! – Disse Marcos.

Passaram-se dias e sempre que Marcos via Marcelo, o aluno policial civil, tinha vontade de perguntar se ainda recordava do pedido, mas continha-se. Certas coisas precisam de tempo e é preciso saber respeitar o tempo de cada um.

Em uma segunda-feira à tarde, após o final da aula, Marcos sentiu uma mão tocar seu ombro, virou-se e era Marcelo.

— Mestre, posso falar com o senhor? – Quis saber Marcelo.

— Claro. – Afirmou Marcos, já imaginando do que se tratava.

— I-M-O-B-I-L-I-Z-A-Ç-Ã-O! Esse é o calcanhar de Aquiles da Polícia. –
Revelou Marcelo.

— Uhhmmm! Eu imaginava que fosse um dos problemas, mas não o maior. –
Disse Marcos.

— Pois é o maior. Olha o que me aconteceu, eu quase não vinha treinar!

— Marcelo levantou a camiseta e mostrou a mancha roxa um pouco abaixo da área das costelas.

— Puta que pariu! O que foi isso? – Perguntou o Professor.

— Isso foi um preso! – Respondeu Marcelo.

— Um preso? Mas como ele fez isso?

— O preso estava na cela e aí deu uma de doido e começou a socar a parede, morder a grade, bater com a cabeça em tudo que era canto. Eu tive a brilhante ideia de algemá-lo e colocar um capacete de motoqueiro nele, para o caso dele continuar batendo a cabeça na parede e não machucar tanto. É complicado mestre: Se a gente amarra um cara desses na cela, dá corregedoria. Se deixar solto e ele se matar ou se machucar, também dá corregedoria do mesmo jeito! Ai nós decidimos apelar para a criatividade, era o jeito!

— Seiiii... – Afirmou Marcos, querendo entender onde aquela mancha enorme no tórax de Marcelo entrava na história.

— Então chegou o momento de levar o cidadão para depor. Fui busca-lo na cela para conduzi-lo até a viatura. Acredita que ele conseguiu se soltar da algema que eu tinha colocado durante o surto dele? O filho da puta estava com as mãos para trás quando entrei na cela... Eu nem desconfiei! Ele partiu com tudo para cima de mim, tirou o capacete e jogou na altura da minha barriga com toda força que tinha. Não sei como não quebrou todas as minhas costelas! Faz três dias que não durmo.

— Isso aí deve estar doendo bastante e foi sorte mesmo o estrago não ter sido maior! – Constatou Marcos.

— Dói bastante, mas já deu para fazer parte da aula hoje. O que está tirando meu sono não é a dor, eu não durmo é pensando no que aquele desgraçado fez para se livrar das algemas! Eu o algemei direito, sou cuidadoso nisso, não deixo algema com folga, mal travada, nada!

— Ele, por acaso, quebrou o osso do polegar? – Sugeriu Marcos.

— Não, não quebrou, foi a primeira coisa que verifiquei.

— Que estranho... Geralmente é o que eles fazem.

Marcos foi conversando com outros policiais, ouvindo histórias, encontrando lacunas, virando as noites com os professores da Budokai em busca de criar técnicas que chegavam a misturar conhecimentos de três, quatro artes marciais. Cada técnica era treinada a exaustão e testada dezenas de vezes.

— Está complicado Marcos. Precisamos simplificar os movimentos. O policial, na hora da ação, tem pouco tempo para pensar, está sob pressão psicológica, se

as técnicas forem muito complexas eles não vão conseguir usar. – Constatou Evandro, já quase duas da manhã, quando ele, Marcos e Marcelo, trabalhavam em uma técnica de algema.

— Você está certo, tem que ser eficiente e simples ao mesmo tempo. – Concluiu Marcos.

— Tem que ser “usável” Marcos, porque isso já vai dar um trabalho para os caras abrirem a guarda e deixarem a gente mostrar. Se na hora eles não perceberem aplicabilidade, aí a coisa afunda de vez!

— Até que você tá falando bonito hein Mauro? – Brincou Marcos.

— É a faculdade! – Respondeu o estudante do quarto período de Administração.

— Eu como nunca me entendo muito bem a polícia... – Revelou o mestre em capoeira que acabava de entrar na sala e preferia as madrugadas para treinar. Fernando Guerra, ou mestre Tamanduá, tinha lá seus motivos para não gostar da polícia. A capoeira tem um histórico de perseguição e proibição. Além disso, o mestre era moreno, andava com roupas afros e isso correspondia a um biotipo que a sociedade ainda hoje discrimina. Se você não concorda, então coloca um cara de terno e gravata dentro de um ônibus e um homem pardo com a mesma descrição do Mestre Tamanduá. Depois, manda a polícia dar uma revistada no veículo. Adivinha quem vai ser revistado primeiro? As coisas funcionam deste modo e não é assim porque o Brasil é um país de terceiro mundo não, é assim em toda parte.

Mestre Tamanduá chegou na hora que os meninos estavam testando a eficiência da técnica de algema. Vários já haviam tentado se livrar delas sem conseguir sucesso, mas era importante testar com um capoeirista já que estes possuem uma flexibilidade fora do comum. Se o mestre não conseguisse se livrar das algemas, por certo ninguém mais conseguiria.

— Está certo, se é para ajudar eu ajudo. – Concordou Mestre Tamanduá.

Marcos algemou Tamanduá usando a nova técnica desenvolvida. O mestre de capoeira tentou, de todas as formas, se livrar das algemas. Quando admitiu não conseguir, os testes estavam concluídos e a galera vibrou com o feito.

— Evandro, me dá as chaves da algema. – Pediu Marcos.

— As chaves não estão comigo. Elas não estavam com você? – Quis saber Evandro.

— Não, comigo não. Vê com o Mauro se ele pegou, elas estavam aqui em cima da mesa há pouco tempo. – Disse Marcos.

— Mauro! As chaves? Cadê as chaves? – Gritou Evandro para o amigo que estava no banheiro.

— Eu não sei! Eu não peguei! – Respondeu Mauro.

— Mas que brincadeira é essa? Abre logo essa porra! – Pediu o mestre Tamanduá, ainda tentando se livrar das algemas.

— As chaves estavam aqui, eu tenho certeza! – Afirmava Marcos.

— Procura nos bolsos Marcos, procura embaixo da mesa, no lixo. Procura até no cesto do banheiro, mas acha essa droga! – Exigia o capoeira.

Durante mais de meia hora, Marcos, Mauro e Evandro reviraram a Budokai em busca das chaves e nada, nem sinal. Tamanduá já estava nervoso, já havia percebido, pelo rosto dos amigos, que não era uma brincadeira. Eles realmente não sabiam onde estava a maldita chave!

— Não tem jeito! Essas chaves não estão em lugar nenhum! Vamos ter de ir até o Hospital da Polícia. É o que tem de mais próximo e lá com certeza eles vão conseguir resolver o problema. – Decidiu Marcos.

— Então é sério? Vocês perderam mesmo a porra da chave? Eu não acredito nisso! – Repetia Tamanduá.

— A gente resolve isso rapidinho. Você vai ver! – Argumentava Evandro.

— Não Evandro, quem vai ver são vocês quando eu me livrar dessa merda aqui! – Esbravejava o capoeira.

Marcos, Evandro, Mauro e Tamanduá, ainda algemado e sem camisa, desceram as escadas, entraram no fusquinha de Marcos e foram até o HPM (Hospital da Polícia Militar) , que ficava a cerca de dez minutos da Academia.

Quando o policial viu aqueles três homens descerem do carro juntos com um quarto homem sem camisa e algemado, empunhou logo a arma. Marcos apressou-se em explicar a situação que em nada convenceu o policial. — Ele está preso para averiguação. – Respondeu o policial militar. — Como é que é? – Surpreendeu-se o mestre capoeira.

— Senhor Policial, ele é professor da nossa academia, nós estávamos treinando uma técnica de defesa pessoal com algemas e perdemos a chave, é só isso. Não precisa o senhor prendê-lo. Todo mundo aqui é trabalhador, tem família. O senhor acha que se ele fosse um fugitivo, viríamos logo aqui policial? – Argumentou Marcos.

— Não sei... Não dá para confiar, essa história está muito estranha. O que vocês querem treinando técnicas de algemas? Vocês por acaso são policiais? Não são né? –

— Não, não somos policiais. – Respondeu Marcos.

— Eu imaginava. O rapaz aqui está preso para averiguação. Vocês aguardem aqui do lado de fora, mas nem pensem em sair, vou deixar um colega de olho em vocês. Ele entra comigo.

— Fica quieto Marcos! Não fala nada das nossas técnicas não. – Aconselhou Evandro, puxando Marcos por um braço.

Tamanduá seguiu praticamente arrastado pelo policial. Evandro, Mauro e Marcos estavam desesperados, sem saber como ajudar.

Do lado de fora, os meninos puderam perceber que o mestre estava sendo interrogado e com pouca gentileza. A cada barulho ouvido, o coração apertava mais.

Lá pelas altas horas da madrugada, após alguns safanões, muitas perguntas e o policial ter averiguado, de todas as formas possíveis, que não havia nem um foragido que correspondesse ao perfil do professor de capoeira e que nada existia contra ele, o liberaram, sem as algemas.

— Porra Mestre, foi mau cara! Desculpa aí. Também não precisava ele ter te prendido. — Argumentava Mauro enquanto os quatro entravam no carro.

— Não precisava o que Mauro? Chega um mulato no HPM, algemado e sem camisa. Você queria que o cara fizesse o que? Nós que fomos muito burros de ter ido lá! — Comentou Evandro.

— Marcos, nunca mais eu vou esquecer essa roubada que você me colocou! Se um dia essa porcaria dessa técnica fizer sucesso, vou te lembrar para o resto da vida que a cobaia fui eu! — Resmungava Tamanduá, já a caminho de casa e um pouco mais calmo.

— Eu nunca vou esquecer tamanduá, juro. Essa da policia te prender, eu nunca vou esquecer.

Marcos a cada dia mergulhava mais fundo no projeto de desenvolver uma série de técnicas capazes de evitar cenas como a que ele havia presenciado da morte do rapaz. Era muito difícil esquecer aquele menino caindo no chão após levar uma bala na cabeça. A imagem do policial chorando, atordoado, desesperado, também o seguiria por muito tempo.

Não havia nada do tipo na policia. Na ACADEPOL (Academia de Policia) o trabalho acontecia de “fora para dentro” e não de “dentro para fora”. Os policiais aprendiam técnicas de defesa pessoal, artes marciais, coisas úteis, porém genéricas. Nada pensado, planejado, estudado e testado para as necessidades do dia a dia do policial. Era assim no estado do Espírito Santo, era assim no Brasil, era assim no mundo.

Nas aulas na Budokai, as técnicas eram discutidas com os alunos e aperfeiçoadas treino após treino, teste após teste. Algumas levavam meses para serem desenvolvidas e apresentarem o máximo de eficiência.

— Marcos, está na hora de começar a multiplicar esse conhecimento. O próprio Marcelo disse que já está usando as técnicas que você desenvolveu nas ruas e tem dado super certo. — Disse Evandro.

— Eu sei Evandro, mas eu já ofereci as nossas aulas à policia e os caras não quiseram. Os comandantes perguntavam logo qual minha patente e quando sabem que não sou policial, praticamente desligam o telefone no meio da conversa ou batem a porta na minha cara! — Respondeu Marcos.

— Poxa! A gente sabia que ia ser assim cara! Está surpreso com o quê? Muitos policiais acham que o civil não tem o que ensinar à policia, mas isso não quer dizer que nós vamos desistir. Eu já nem sei quantas madrugadas passamos aqui nessa academia, quanta gente trabalhou nisso, quanta coisa nova você criou...

— Você tem razão. — Concordou Marcos. Vamos meter a cara! Vamos juntar

todas as técnicas de imobilizações que aperfeiçoamos e criar um curso.

— Imobilizações técnicas? – Sugeriu Evandro.

— Imobilizações Táticas! É isso! Este é o nome! – Resolveu Marcos.

No dia seguinte, os esforços se voltavam para a montagem do evento. O dinheiro era pouco, mas a vontade era muita. Marcos ainda tinha alguns equipamentos da antiga serigrafia e foi o suficiente para fazer camisas e panfletos. O hotel onde aconteceria o curso cedeu o espaço em troca dos garotos colocarem a marca dele nas propagandas e os alunos da Budokai ajudavam em tudo que podia. A coisa começava a acontecer.

— Alô, academia budokai, boa tarde!

— Boa tarde. – Respondeu a outra pessoa, do outro lado da linha telefônica. — Eu estou interessado em fazer o curso de imobilizações táticas que vocês

vão oferecer no hotel Alvetur.

— Claro. – Respondeu Marcos, empolgado com mais um aluno. — Só gostaria de saber quem são os profissionais que já se inscreveram para o

curso. – Perguntou o homem.

— Temos policiais militares, civis, agentes de segurança particular... – Enu merava Marcos cheio de orgulho quando, de repente, foi interrompido. — Agente de segurança particular? Guardinha? – Ironizou o homem do outro lado da linha.

— Sim, temos um aluno inscrito que é um segurança particular. – Afirmou Marcos. — Ah não! Eu sou da polícia federal e não vou fazer curso com um guardinha

não. – Argumentou o aluno.

— Senhor, me passe o seu numero de telefone que eu vou resolver isso e lhe retorno a ligação. – Solicitou Marcos.

— Poxa Evandro, aquele segurança particular que é aluno aqui da academia e está todo empolgado em fazer o curso de imobilizações táticas, não vai poder fazer não. – Contou Marcos.

— Porque cara? – Quis saber Evandro.

— Ligue hoje um cara da polícia federal querendo fazer nosso curso, será ótimo tê-lo como aluno porque dá credibilidade para gente, mas ele se recusa em fazer o curso com o segurança.

— Que bosta! – Respondeu Evandro — E agora?

— Agora o que eu vou dizer ao segurança que ele não vai poder fazer. Como é mesmo o nome dele?

— Acho que é Paulo...É isso mesmo, Paulo. — Respondeu Evandro visivelmente preocupado.

— Quando ele chegar na aula, falo com ele.

Marcos não se sentia bem com a situação, mas não podia perder um aluno policial federal logo no primeiro curso. Precisava conversar com o aluno que trabalhava como segurança em uma fábrica de chocolates e dizer que agora o curso seria exclusivamente para policiais.

Paulo chegou pontualmente, como sempre, para a aula de Aikido. Quando Marcos o chamou para conversar, Paulo foi logo tirando o dinheiro do bolso. Era o pagamento da inscrição.

— Você não vai poder fazer o curso Paulo. — Avisou Marcos.

— Mas porque mestre? Não estava tudo certo? — Quis saber o segurança. — Estava, mas há alunos policiais que estão se recusando a fazer o curso junto com civis. — Explicou Marcos.

Paulo estava visivelmente decepcionado. Havia planejado fazer parte daquilo. Havia acompanhado o desenvolvimento de algumas das técnicas. — Tudo bem, isso sempre acontece. — Concluiu ele, dando as costas a

Marcos e caminhando até o banheiro onde trocava a farda de trabalho pelo fardamento da academia.

Marcos ligou para Rodolfo, o agente da polícia federal que se recusara a fazer o curso com alunos civis.

— Ótimo. Vou levar minha esposa e minha filha no Shopping e depois passo aí para pagar minha inscrição. Hoje em dia, só se está seguro nos centros de compra fechados, com seguranças particulares! — Comentou o policial. Marcos desligou o telefone com um peso enorme nas costas. A vida, em fração de minutos lhe apontara o erro e a injustiça. O próprio agente federal havia mostrado, indiretamente, a importância do trabalho do agente de segurança particular que aquele federal tanto desprezava. Eram os agentes particulares, os “guardinhas”, como dizia o agente federal, que iriam cuidar da segurança da filha e da esposa dele e de tantas outras pessoas durante toda à tarde. — Evandro, você viu o Paulo? — Quis saber Marcos.

— Vi sim, ele foi embora. Saiu mais cedo hoje. — Respondeu Evandro. Marcos correu até o arquivo da academia e procurou nas fichas de matrícula o número do telefone da casa de Paulo. Ligou várias vezes, mas ninguém atendia. Celulares ainda não eram produtos populares no final da década de oitenta

e Marcos não conseguiria ficar com aquele nó na garganta até o dia seguinte. A noite chegou depressa e a expressão de frustração daquele homem não saía da mente de Marcos. Decidiu então que resolveria aquela situação, aquilo não era forma de se começar um novo negócio. Ele havia magoado um homem, um ser humano, um pai de família, precisava resolver logo aquela situação. Ligou o

carro e dirigiu por vinte minutos até chegar ao bairro de Nova Esperança, onde morava Paulo. Com o endereço escrito na ficha de matrícula da academia Budokai, Marcos logo encontrou, a casinha era simples, porém muito bem cuidada onde morava o segurança, a mulher e as duas filhas. Na frente da casa, cuidadosamente colocados em cima de um murinho, estavam jarros de onde pendiam samambaias que quase se encontravam com os pés de girassóis e mini roseiras que cresciam de um canteiro no chão. Ao lado das samambaias havia um alimentador de pássaros e um varal que deveria ter sido colocado ali para que nele a dona da casa estendesse pequenas peças como panos de prato, mas agora, imaginava Marcos, deveria servir como poleiro para os passarinhos que vinham matar a fome e brincar nas flores de girassóis. Marcos teria ficado ali mais tempo, observando a simplicidade do cenário tão bonito, se não fosse o tal peso em sua consciência. Mas, aqueles poucos instantes lhe deram a impressão de que aquele era um lar cuidado com muito amor e zelo.

— Paulo! Paulo!

Paulo estava ocupado, deitado no tapete da sala ajudando a caçula a montar um quebra-cabeça que, depois de pronto, formaria um castelo. Mesmo assim levantou-se e foi ver quem o chamava. Não reconheceu a voz do mestre. — Mestre? - Surpreendeu-se Paulo.

— Marcos sorriu. Paulo parecia amigável, quem sabe nem estivesse tão magoado assim.

— Eu vim conversar com você. – Antecipava professor enquanto Paulo descia os degraus da varandinha para abrir o portão que parecia ter sido improvisado aproveitando um pedaço de gradeado de lastro de cama.

— É sobre o curso. – Continuou Marcos.

— O senhor já me disse que os policiais não querem fazer o curso com nós, seguranças particulares. Não sei quando eles vão entender que um trabalho complementa o outro. Sem lembrar que eu já perdi a conta de quantos policiais eu conheço fazendo “bico” de segurança particular para ganhar um extra. – Comentava Paulo enquanto abria o cadeado e convidava o mestre para entrar. Marcos subiu os batentes da casa prestando atenção nas palavras do aluno. Ele nunca havia pensado naquilo. Paulo estava coberto de razão. Realmente grande parte dos policiais militares, civis e não poucos federais faziam trabalhos extras como segurança particular nas suas folgas. Será então que quando o segurança particular era um policial o trabalho era digno e quando esse mesmo segurança era o civil, deixava de ser?

— Sente-se aí Mestre. Essa daqui é Amanda, minha pequenininha. Tenho outra filha, mas foi na casa da minha sogra com a mãe. Se a patroa estivesse aqui eu até lhe ofereceria um café, mas como ela não está eu não me arrisco e acho melhor lhe oferecer uma cerveja.

— Eu acho que a cerveja é bem melhor que seu café Paulo, mas eu prefiro água. Eu não bebo. — Brincou Marcos querendo descontrair.

O rapaz deu uma risada e foi até a geladeira. Tirou uma garrafa geladíssima que estava guardada para o final de semana, pegou uma tulipa no armário com o símbolo do Flamengo, encheu um copo com água e foi para a sala. — Porra Paulo! Logo o Flamengo bicho?

— Fazer o que mestre! Time é time!

— Paulo, quero que você faça o curso e nem precisa pagar a matrícula. — Disse Marcos.

— Como? Hoje à tarde o senhor disse que eu não poderia por causa do tal policial. — Argumentou Paulo.

— Eu estava errado. O seu trabalho é tão importante quanto o de qualquer outro agente de segurança. — Concluiu Marcos.

— Olha mestre, eu agradeço o senhor ter saído lá do centro da cidade e ter vindo até aqui me oferecer a vaga, fico feliz também pelo seu reconhecimento, mas não vou mais fazer o curso. Me senti muito humilhado. — Desabafou Paulo.

— Eu entendo Paulo, e vim até aqui para lhe pedir desculpas, eu errei com você. — Reconheceu o jovem mestre de Aikido.

— Não se preocupe. O senhor será sempre bem vindo em minha casa e eu não tenho raiva não, mas para Budokai eu não volto mais e também não vou fazer o curso. — Sentenciou Paulo.

— Não faça isso Paulo, não deixe a academia por causa de uma injustiça minha. Lá você tem muitos amigos e, além de tudo, eu estou lhe pedindo desculpas. — Eu agradeço, mas é coisa resolvida.

Marcos colocou o copo com água em cima da pequena mesa de centro e levantou-se, afagou os cabelos cacheados da filha de Paulo que não devia ter mais

de seis anos e já teimava em formar sozinha o tal quebra-cabeça, caminhou em direção à porta e foi embora. Não houve nenhuma palavra a mais. Paulo não era qualquer aluno, todos sabiam dos sacrifícios que ele fazia para treinar diariamente na Budokai, considerada então a melhor academia da cidade. O dinheiro que ganhava como segurança particular na fábrica de chocolates não era tanto e ainda tinha o aluguel, a escolinha das duas filhas, as despesas da casa... No entanto, Paulo sempre dizia que era preciso se capacitar para não ficar para trás e acabar perdendo oportunidades ou até o próprio emprego. Ele havia entrado na fábrica de chocolates como auxiliar de serviços gerais com vinte anos de idade. Na época, tinha apenas a quarta série do ensino primário. Entre a lavagem de um e outro banheiro, parava para estudar um pouco. O

trabalho naquela grande empresa era a primeira boa oportunidade que o menino da favela recebia na vida. Voltou a estudar e, muitas vezes, deixava de almoçar

para

fazer as lições da escola que cursava à noite. Foi assim durante quase sete anos, quando concluiu o ensino médio e se candidatou a vaga de segurança da empresa. Paulo era dedicado em tudo que fazia. Era assim na Budokai, era assim no

curso pré-vestibular que frequentava, com as graças de Deus, um dia seria o advogado Paulo Agra.

Marcos saiu da casa do aluno se sentindo ainda mais culpado do que quando havia entrado. Era um sentimento que parecia lhe impedir de avançar, ofuscava o brilho das coisas. O curso de imobilizações táticas mostrava que seria um grande sucesso, mas agora Marcos sentia como se aquele sucesso tivesse custado a humilhação de um aluno. Ele imaginava a reprovação do seu falecido mestre caso estivesse vivo e soubesse daquele acontecido. Poderia não parecer coisa séria para as outras pessoas, mas para Marcos, que havia tido um mestre como Takuji, aquilo era sério demais.

— Cara, relaxa! Não tem mais o que fazer, foi uma merda o que aconteceu, mas e agora? O que você tinha de fazer já fez. Se ele não te desculpou e não quer mais voltar para a academia, ele tem lá os motivos dele, então dá um tempo para o rapaz e bola para frente. — Aconselhou Evandro, após uma semana de faltas consecutivas de Paulo na academia e cinco dias antes da data marcada para o início do primeiro curso de imobilizações táticas.

— Você está certo. — Concordou Marcos.

— Claro que estou. Você errou com ele, mas se não der atenção ao curso, vai errar também com os outros alunos que já se inscreveram, pagaram a inscrição, trocaram de escala de serviço para poder estar livre no período do curso... — Evandro, a gente só esqueceu um detalhe...

— O que?

— Nos panfletos eu divulguei o nome da Budokai, mas a academia é uma coisa e o curso é outra. Temos que criar um nome para isso, mas eu não consigo pensar em nada.

— Vem não Marcos! Isso aí não é comigo, eu não sou bom nesse negócio. O criativo aqui na academia é o Zota. Fala com ele, daqui a pouco ele deve estar chegando para fazer a aula. — Recomendou Evandro.

Zota era um artista nato, desses que acordam no meio da noite com uma ideia na cabeça e correm para escrevê-la nem que seja no rolo de papel higiênico

com medo de esquecer-la no dia seguinte.

— Muda esse astral cara! Injustiça a gente tenta corrigir, se não der para ser naquele momento, o jeito é deixar o tempo passar e esperar outra oportunidade.

— Valeu Evandro!

— C.A.T.I. – Disse Zota.

— C.A.T.I.? – Repetiu Marcos querendo se acostumar com a sonoridade da palavra.

— Sim, Centro Avançado de Técnicas de Imobilização, ou seja, CATI. – Sugeriu o aluno menos de cinco minutos após Marcos ter pedido uma sugestão.

— C.a.t.i, c.a.t.i, C.A.T.I ... Só você para pensar em algo assim Zota!

— Eu sei. – respondeu o aluno com um sorriso no rosto, um sorriso especial, aquele que ele só dava quando conseguia “emplacar” uma de suas ideias.

— Eu gostei da parte do Centro Avançado. – Comentou Evandro – mas achei desaforo demais ele ter tido uma ideia dessas em menos de cinco minutos enquanto eu venho pensando nisso há dias!

Zota ficou envaidecido com o comentário de Evandro, sabia que era o jeito dele dizer: Parabéns! Você é o cara!

— Pois é, todos vocês que estão trabalhando no desenvolvimento dessas técnicas são mestres faixa preta ou já estão em níveis superiores a ela. Aqui na academia vocês dispõem de muitas modalidades de artes e é aqui que estão desenvolvendo essas técnicas de imobilizações, então aqui é sim um centro avançado. – Explicou Zota.

— Eu concordo. Mas a ideia não era desvincular da academia? – Perguntou Evandro.

— Era, só que agora percebo que não tem como. As técnicas são como se fossem o resultado das nossas experiências tanto com as artes marciais quanto com as aulas aqui na academia. E além de tudo eu gostei demais desse nome C.A.T.I e do que ele significa. – Justificou Marcos.

— Então agora temos um NOME! – Comemorou Evandro.

— Temos sim, e que Deus abençoe. – Respondeu Marcos.

— O curso esta lotado. – Surpreendeu-se Evandro ao chegar no hotel Alvetur, que havia cedido seu auditório para a realização do primeiro curso de imobilizações táticas do CATI. O nome do hotel era bonito e o hotel também era. E tinha que ser, os meninos haviam passado semanas negociando descontos e parcerias para conseguirem uma forma de usar o espaço. Tiveram de se comprometer a fazerem propaganda do hotel durante um ano na academia, distribuir panfletos do evento com o nome da empresa na praia, imprimiram o nome do hotel nas camisas, entre outras coisas.

— Só faltou pedirem para tatuarmos o nome do hotel na testa! – Brincou Mauro.

— Fala baixo Mauro! Não dá ideia que ainda dá tempo de eles mandarem, e se mandarem a gente tatua! – Respondeu Evandro.

— Marcos, tem um cara te esperando na recepção do hotel, ele quer fazer o curso, mas não está escrito e nós não temos mais vaga. – Avisou Mauro logo que Marcos se aproximou do salão de festas improvisado de sala de aula.

— Mauro, não tem muito que fazer. Se não tem mais vaga...

— O nome dele é Paulo, e é aluno da Budokai. Deve ser de outro horário diferente do meu porque eu não o conheço – Informou.

— Meu Deus! Para esse cara fazer o curso até eu sairia. Vou falar com ele agora! – Animou-se Marcos.

O caminho entre a sala de aula improvisada e a recepção foi percorrido por ele com passos de amadurecimento e comprometimento. Em silêncio, ele prometia a Deus que se estivesse tendo a oportunidade de corrigir aquele erro que vinha atormentando sua alma, faria o possível para honrar a oportunidade.

— Olá mestre, eu resolvi fazer o curso, mas o instrutor me disse que não há mais vaga.

Marcos olhou para Paulo sem conseguir esconder o sorriso de alívio que trazia nos lábios.

— Não se preocupe. Você vai fazer o curso na minha turma. – Decidiu Marcos.

— Mestre, aqui está o dinheiro do curso. – Disse Paulo, oferecendo ao professor um maço de notinhas bem dobradas que somavam exatamente duzentos reais.

— O seu curso é um presente meu e além do curso você tem a minha palavra que eu jamais tornarei a ser injusto com um colega seu de trabalho como fui com você. Se o cara estiver trabalhando dentro da legalidade, ele só não fará os cursos do CATI se não quiser.

— Paulo sorriu, guardou o dinheiro no bolso novamente, e acompanhou Marcos até a sala de aula.

Naquele instante Marcos lembrou-se de Takuji Sano e parecia senti-lo por perto. O mestre sempre o havia ensinado que em momentos especiais da vida é preciso parar e observar os sinais que ela dá. São nestes sinais que encontramos as respostas para as perguntas mais difíceis, mesmo para aquelas que ainda não tivemos a sabedoria de fazer. A vinda de Paulo para o curso era como um sinal para Marcos. Um bom sinal.

Demonstrar as técnicas criadas pelo CATI em um grande evento em um hotel e dar oportunidade para que agentes de segurança pública e privada tivessem acesso ao curso foram dois detalhes que definiriam para sempre a história do C.A.T.I. e moldariam os caminhos e a filosofia da empresa.

É preciso lembrar que no final da década de noventa, no Brasil, ainda

prevaleciam duas ideias referentes aos cursos direcionados aos profissionais de segurança: a primeira era a de que o profissional de segurança era apenas o policial. Havia uma marginalização dos profissionais de segurança privada. Neste sentido, o Brasil estava na contramão do caminho percorrido pelos países desenvolvidos onde os seguranças particulares eram incentivados à capacitação, respeitados pela função que desempenhavam e corriqueiramente participavam de atividades de troca de conhecimentos com os policiais. A outra ideia que significaria um enorme obstáculo no caminho do C.A.T.I. era a de que o cidadão civil não tinha nada para ensinar ao militar. Isso resultava em um enorme prejuízo nas escolas e academias militares e também no processo de evolução e aprimoramento desses profissionais que já haviam saído destas instituições.

Possivelmente estes posicionamentos eram resquícios do ainda muito recente regime militar. Durante esse período, a polícia era muito fechada, cercada por uma negra nuvem de fumaça. Mas, com a abertura do regime político e a queda destes muros se fizeram necessárias reavaliações destes conceitos. O agente de segurança privada precisava ser preparado e instruído para ser um parceiro dos militares e os policiais precisavam se adequar às novas necessidades da população.

Era preciso aprender técnicas que diminuíssem gradativamente o uso da força bruta, da arma, da morte.

Técnicas que imobilizassem, desarmassem, resgatassem, negociassem eram agora tão necessárias quanto às novíssimas pistolas automáticas que invadiam o país e faziam sucesso nos filmes Norte Americanos onde, nas telas dos cinemas, os policiais pareciam serem mais poderosos que o *Super Men* e terem mais vidas do que um gato.

Nos novos tempos, além de saber usar uma boa pistola, o policial precisaria ter a inteligência e prudência de Magaiver, as técnicas de Bruce Lee e a disciplina ensinada no filme Karatê Kid. E isso não era opção, era sobrevivência.

O C.A.T.I. trazia esse diferencial. No primeiro curso oferecido pela empresa, os policiais já conseguiram perceber que a dinâmica de ensino era diferente e o que era compartilhado era cem por cento aproveitável no dia a dia de trabalho fosse na realidade do trabalho nas ruas, nos presídios, nas ações mais perigosas.

As técnicas tinham sido desenvolvidas sob medida para a nova realidade policial. Era como um terno de corte perfeito saído de uma boa alfaiataria.

O trabalho pioneiro não possuía fórmula mágica, mas era desenvolvido com muita força de vontade e um profissionalismo inesperado para um grupo de jovens.

Os agentes que participavam dos cursos do C.A.T.I. se sentiam atendidos de várias formas, tanto pelo acesso às novas técnicas que casavam com suas necessidades quanto pela metodologia de ensino utilizada.

Baseado na experiência vivida com Paulo, Marcos e os outros instrutores determinaram que durante o curso a patente de todos seria a de aluno. Quem quisesse participar dos cursos, precisava obedecer esta regra. Na prática, isso resultava em uma rara oportunidade de troca de experiência entre agentes de várias forças e dos mais diversos escalões que antes pouco se falavam devido às barreiras da hierarquia. Nos exercícios, coronéis, capitães e oficiais das mais diversas forças treinavam com sargentos, cabos, soldados e com agentes particulares de igual para igual, sem privilégios.

Intuitivamente, as filosofias milenares aprendidas no tatame pelos mestres, agora instrutores do C.A.T.I., ajudavam a trazer a polícia para os dias atuais e, pouco a pouco, a empresa ganhava respeito e credibilidade.

— Marcos, você vai ser voluntário como comissário de menor mesmo? –

Perguntou Evandro.

— Vou cara.

— Mas Marcos, é uma merda! Eles não pagam nada e ainda não tem hora

para trabalhar, tenho um amigo lá que é comissário de menor e vive socado dentro dos bailes *funk* 's, apreendendo menores infratores, arriscando a vida, entrando em inferninhos nojentos que eu não entraria nem se recebesse uma boa grana! – Constatou Evandro.

— Trabalhar com os menores vai ser uma oportunidade de ouro para aprimorar nossas técnicas. Com estes garotos a técnica tem que ser perfeita porque eles são ágeis e a gente precisa dominar sem usar a violência.

— Nisso você está certo. Mas a que preço? É uma responsabilidade enorme trabalhar com esses pivetes. – Argumentou Evandro.

Apesar dos argumentos do amigo, Marcos foi ser voluntário como comissário de menor. Lá fez grandes amigos como Dionei, um parceiro de todas as horas.

Durante dois anos os dois entraram em favelas, em bailes “*proibições*” e até em rebeliões de menores nos presídios. Marcos fazia tudo para ter oportunidade de aprimorar as suas técnicas de imobilizações e provar que era possível agir com o uso progressivo da força, limitando ao máximo o uso da violência e de armas letais. Dionei estava sempre ali por perto, disposto a ajudar e a incentivar.

Havia algo nos cursos do C.A.T.I. que preenchia as necessidades dos alunos. Talvez fosse o casamento entre a teoria, a técnica e a empregabilidade. Quem sabe fosse o modo de tratamento humanizado e digno adotado durante os treinamentos. Nos cursos do C.A.T.I. não se apanhava na cara, tenente era aluno, coronel era aluno, soldado era aluno. Ninguém tinha tratamento especial. As

aulas traziam uma nova pedagogia e os alunos já haviam percebido isso.

— Mas porque o senhor não pode me liberar? O Ribeiro já disse que tira meu plantão na boa. Eu tenho dois plantões extras dentro. — Argumentava Jonas, Policial Civil, recém-saído da ACADEPOL.

— Você acabou de sair da academia e já quer trocar o serviço para fazer curso? O que foi? Faltou as aulas da academia e não aprendeu nada por lá? — Reclamava o delegado Almeida, sem querer abrir mão de mais um policial que pedia dispensa para fazer o tal curso de Imobilizações Táticas do C.A.T.I. Pelo que ele sabia, aquela já era a quinta turma no estado e sempre faltavam vagas.

— Acontece que os caras do C.A.T.I. ensinam técnicas complementares no que me ensinaram na ACADEPOL, mas deixa para lá, o senhor não quer liberar, então não libera. O delegado aqui é o senhor e eu sou só um policial recém-saído da academia. Não tem problema, na ação, na rua, quando precisar desarmar o cara e eu não conseguir, quando precisar imobilizar e eu não conseguir porque não me ensinaram isso na academia, quem vai se ferrar vai ser eu mesmo! Talvez o senhor faça uma vaquinha aqui na delegacia e mande uma coroa de flores para o meu enterro!

— Volte aqui! Me respeite! — Esbravejava o delegado, um dos últimos a pegar o chamado “bonde da alegria” e ganhar o distintivo por indicação política, sem ter prestado qualquer concurso para o cargo e ter caído de paraquedas na polícia já perto de se aposentar.

Jonas não, esse sonhava em ser policial desde criança, tinha entrado no último concurso e já começava a perceber a diferença entre o gabinete de um delegado de indicação e às ruas.

— Porra Jonas, tem que ter mais paciência cara! — Aconselhava um colega no refeitório enquanto Jonas contava da discussão ocorrida a pouco com o chefe.

— Paciência? Paciência como? O governo não oferece a capacitação que a gente precisa, na academia fica colocando todo mundo para ralar naqueles testes de frio, de fome, de cansaço, de sono e esquecem o que realmente a gente vai encontrar na rua durante noventa por cento do nosso trabalho. Eu concordo que o policial tem que ter um preparo físico e psicológico diferenciado, tem que aguentar ficar um dia inteiro sem comer enquanto está na cola de um vagabundo, mas a maior parte do nosso trabalho não é só isso. Ensinaaram você a invadir um barraco? Não! Ensinaaram o jeito mais seguro de desarmar um vagabundo? Não! Ensinaaram como imobilizar um cara totalmente descontrolado

sem quebrar o braço dele e depois você ter que se explicar na corregedoria? Não! A merda é essa! Os caras do C.A.T.I. estão ensinando muito bem e a gente não tem nem o direito de ir lá aprender só porque o delegado acha que por eles não serem policiais não sabem o que é o dia a dia da polícia. Eu não quero saber se eles são policiais ou não, eu quero é aprender o que eles estão ensinando que pode um dia salvar minha vida!

— Cara, você está muito certo! Já que o governo não tem coragem de pagar para gente se especializar, deveria pelo menos não ficar embasando quando nós pedimos uma dispensa de três dias para participar de um curso que vai sair do nosso próprio bolso.

— Eu estou com muita raiva, porque eu tenho escala extra dentro, tenho direito a essas folgas e é pura birra do delegado.

O desabafo de Jonas se tornava cada vez mais comum entre os policiais. A criminalidade nas grandes cidades do país havia dado um salto monstruoso. A má distribuição de renda, o arrocho salarial, as altas taxas de inflação e de juros estavam levando o número de assaltos e sequestros a índices nunca antes vistos e a coisa estava se alastrando para as pequenas e antes pacatas cidades do interior dos estados brasileiros.

O treinamento oferecido pelas academias de polícia em muito se assemelhavam aos cursos de sobrevivência na selva e não se adequavam a realidade do asfalto. Os ativistas de direitos humanos e a imprensa estavam no “calcanhar” da polícia. Qualquer excesso resultava em escândalos, processos, exonerações. A ditadura militar havia deixado inúmeros traumas na população. A polícia agora era “policiaida”.

Marcos sabia como era a rotina de aulas na ACADEPOL, como profissional ele não a considerava errada, mas era notoriamente insuficiente. Se por um lado seria muito difícil que a elite do comando desse o braço a torcer, por outro lado Marcos precisava ter a experiência de um ensino contínuo e conviver semanas, meses com os mesmos policiais para saber como acontecia a evolução das técnicas do C.A.T.I. na prática das ruas. Nos cursos, que no máximo duravam três dias, este contato era muito rápido e não permitia uma avaliação capaz de mostrar quais as mudanças necessárias. Marcos acreditava que o curso ainda não estava pronto, que se o dia a dia do policial e da sociedade mudavam constantemente, então as técnicas precisavam acompanhar esse ritmo. Era necessário estar sempre perto e em constante evolução.

Após os primeiros cursos organizados na cidade de Vitória, surgiram convites para que Marcos do Val e sua equipe fossem a outros estados ensinar as técnicas tão famosas, iniciativa dos próprios policiais que se organizavam para pagarem as despesas de passagens aéreas, estadia e alimentação dos instrutores.

Rifas, bingos, cotinhas... Em busca de especialização os policiais percorriam vários caminhos para arcar com os custos do treinamento. Em uma ocasião, os

instrutores descobriam que um aluno havia feito uma rifa de um cabrito para poder pagar a matrícula do curso. Se as dificuldades eram imensas do lado dos alunos, também não eram menores do lado dos instrutores. O dinheiro ganho com os cursos era pouco e o dinheiro das aulas na budokai começava a fazer falta. A fé no novo projeto precisava ser constante e o futuro ainda exigiria muitos outros sacrifícios.

O jovem mestre sabia que era preciso prudência e muita força de vontade para que a promessa feita quando viu aquele policial matar o menino no assalto ao ônibus, anos atrás, continuasse. Marcos havia jurado para si mesmo que ia usar todos os seus conhecimentos para ajudar a polícia a não a não cometerem mortes desnecessárias e a não morrerem. Ele estava tentando.

Provavelmente o tenente Thiago nunca imaginaria que, por decisão de um professor de artes marciais que, por acaso, presenciou aquele triste momento, toda aquela desgraça não haveria de ser em vão. Cada um sabe o poder da força transformadora que há dentro de si quando a deixa agir e era o que vinha acontecendo com Marcos.

Marcelo, o policial e aluno da academia que ajudara Marcos no levantamento das principais dificuldades dos policiais na rua, passaram meses recomendando o trabalho do C.A.T.I. repetidas vezes ao Doutor Hélio, diretor da ACADEPOL. Era uma situação difícil, Dr. Hélio trabalhava com a verba da academia no limite e não tinha como justificar um aumento nas despesas justamente para contratar um novo professor que fugia aos padrões da instituição, ou seja, não era policial. — Eu dou as aulas de graça.

— Como é? Perguntou surpreso Dr. Hélio que havia concordado em receber Marcos em seu gabinete. Fazia tempo que ele tinha curiosidade em conhecer o tal fundador do C.A.T.I, e fazia mais tempo ainda que Marcelo, que agora desempenhava funções de assessoria do comando da polícia civil, insistia para isto.

— Eu dou aula de graça. O senhor e os demais avaliam meu trabalho. Passados seis meses, se o senhor considerar que as técnicas contribuíram em algo na formação dos policiais, então o senhor começa a pagar pelas minhas aulas como paga para todos os seus outros instrutores.

Dr. Hélio não esperava por isso. Sabia que se a notícia de que o principal instrutor do tal C.A.T.I, nome que não saia mais da boca dos policiais, se oferecera para dar aulas de graça e foi recusado, se espalhasse entre os comandados, a batata ia assar na mão dele. A desculpa da falta de dinheiro, diante da inteligente proposta do rapaz havia caído por terra e Dr. Hélio havia achado isso maravilhoso porque ele há muito tempo não compartilhava da ideia de que as academias deveriam ser centros fechados e arcaicos. Decidiu comprar a briga, toda a empolgação daquele jovem ali na sua frente o havia empolgado também. Por certo seria chamado a dar satisfações ao alto escalão da Polícia, seria alvo de críticas por

estar abrindo as portas da academia para um civil, mas a decisão estava tomada e, mesmo que em caráter de voluntariado, Marcos do Val era agora o primeiro instrutor civil da ACADEPOL do Estado do Espírito Santo. E o destino continuava tecendo delicadamente a sua teia.

— Porra Hélio! Artes marciais qualquer um ensina, tinha que colocar logo um civil dentro da academia? Quis saber o secretário de segurança pública. — O rapaz não é só um “civil”, ele fez uma pesquisa inédita e desenvolveu técnicas que eu nunca havia visto em mais de vinte e cinco anos de polícia. — Isso vai dar merda, um civil dentro da ACADEPOL? Não vai dar certo. Ele não vai se enquadrar. Argumentou o Secretário.

— Bem, ele tem experiência militar. Serviu ao Exército e saiu de lá com honras. Um dos comandantes que trabalharam com ele é meu amigo e me deu boas referências do rapaz.

— Você é quem sabe Hélio. Só não me crie problemas, não quero esquentar a cabeça por causa de um civil. Esta por sua conta e risco!

— Não se preocupe. Ele é responsabilidade minha. Assumiu Hélio, cheio de vontade de mandar aquele cara se danar.

Seis meses depois...

— Marcos, você está contratado.

— Estou?

— Está sim. Respondeu o Dr. Hélio.

Marcos não conseguia esconder a felicidade, haviam sido meses difíceis.

Muitas vezes faltava dinheiro para o ônibus e ele tinha que pedir carona para chegar pontualmente a ACADEPOL. A insegurança de não ter dinheiro certo no final do mês já se arrastava desde o período que era comissário de menores. Não ter renda certa significava não ter também cartão de crédito, talão de cheques, não poder comprar nada a prestação e levar nome de louco e irresponsável por nove entre cada dez pessoas.

Marcos nunca se atrasou, nunca faltou um dia, nunca deixou de ficar um pouco mais além do tempo da aula para tirar uma dúvida de um aluno só por não estar sendo pago para isso.

Marcos continuava seu trabalho de pesquisa real na ACADEPOL junto com seu parceiro Dionei que nunca se importou em ser cobaia nas demonstrações das técnicas.

Mas como tudo na vida tem um preço, o jovem instrutor e seus amigos se viram obrigados a fechar a academia no centro da cidade. Agora, a base do C.A.T.I. se

resumia a um depósito de aluguel barato que ficava nos fundos de uma fábrica.

O local era de uma pobreza quase Franciscana. As cadeiras eram caixotes de madeira reaproveitados, a mesa de trabalho era um fardo de folhas de papelão que alguém da fábrica empilhou e esqueceu por ali. O telefone ficava apoiado em um caixote de madeira.

Ali trabalhava Lilian Nonato, uma fiel escudeira e apaixonada por aquele sonho que ela também sonhava e construía junto.

Marcelo, o policial civil que havia recomendado o trabalho do C.A.T.I. ao pessoal da ACADEPOL, sem comentar nada com ninguém para não gerar falsas expectativas, preparou um texto e enviou para o Programa do Jô Soares, um dos mais famosos programas de entrevistas da TV Brasileira que, na época, era apresentado pelo SBT.

Após seis semanas, a produção do programa respondeu o contato feito por carta. Era um convite para a equipe participar de uma entrevista. Marcelo mal podia acreditar.

— Marcos, eu enviei um material para o programa do Jô e eles querem uma entrevista com a gente! — Contava Marcelo, quase sem fôlego após vim correndo para o depósito que eles apelidaram de “C.A.T.I. caverna”.

Marcos mal podia acreditar, aquela era uma ótima oportunidade de incentivar o trabalho dos meninos que já vinham tão sacrificados em tempo e dinheiro na aposta daquele sonho.

— Eles mandaram o telegrama com o número do telefone de lá e tudo. Vamos Marcos! Liga para o pessoal! Chama o Dionei, vamos dar essa entrevista!

— Insistia Marcelo, transpirando empolgação.

— Vou ligar para o pessoal, vamos agendar a entrevista. Será que eles pagam as passagens? Nós não temos um tostão em caixa.

— Pagam sim, tem dizendo aqui. Informou Marcelo, apontando para um trecho do telegrama.

Marcos sabia que o ânimo da sua equipe estava em baixa e se sentia de mãos atadas. Não tinha condições de pagar o que os instrutores mereciam receber, sabia dos problemas familiares que eles estavam enfrentando devido à maioria das pessoas não acreditarem no futuro da empresa que nem empresa era ainda. Sentia-se triste, angustiada, não tinha empolgação nenhuma para dar essa entrevista, mas faria por respeito à consideração e a fé que Marcelo sempre havia colocado no trabalho dele e da equipe. Estava tão pessimista que dentro

dele algo dizia que aquilo ia dar errado, nem que fosse na última hora.

— Tudo certo meninos. Quando o Jô chamar, vocês vão entrar, cumprimentá-lo no palco e sentar no sofá. Ele vai perguntando e vocês vão respondendo. Se for fazer alguma demonstração, chamem um dos meninos da banda, pode ser o Derico, nunca o Jô. Ok? Explicou a produtora do programa, conversando com Marcos, Marcelo, Evandro e Mauro em um estúdio em São Paulo, naquela tarde fria de terça-feira, quatro dias após Marcelo ter recebido o telegrama.

— Tudo bem. Respondia os meninos quase que de forma ensaiada.

A tensão era imensa. Aparecer na TV, em rede nacional e em um programa de tanta audiência era uma responsabilidade e uma oportunidade muito grande.

Cada um se perguntava se a mãe estaria assistindo, se a namorada lembraria de gravar, se não gaguejaria quando o Jô fizesse alguma pergunta...

A mesma moça da produção aproximou-se novamente, nem dava para acreditar como ela se entendia em meio a tantas anotações e rádios comunicadores.

— Preparem-se, em cinco minutos vocês vão entrar no ar e antes que alguém pergunte... Não dá tempo ir ao banheiro.

Mauro sorriu sem graça, era justamente a pergunta que ele iria fazer.

Já no ar, quando a produtora menos esperava, Jô Soares mudou todo o esquema previsto para o programa e deu outra dimensão a apresentação de Marcos do Val. O apresentador tomou gosto pela entrevista e fez questão de apresentar algumas simulações e mostrar como seria uma entrada táctica, ali mesmo, no palco. Derico, o saxofonista integrante do sexteto responsável pela trilha musical tocada ao vivo no programa, não foi cobaia, o Jô envolveu-se o suficiente para querer ele mesmo participar de tudo. O IBOPE superou as expectativas e em vez de um bloco, os meninos ganharam dois blocos de muita audiência. Marcos mal podia acreditar.

Scott assistiu atentamente aos dois blocos, gravou a reportagem e viu o vídeo varias outras vezes tentando entender as técnicas. Ele era agente de uma empresa que trabalhava com treinamento de policias ao redor do mundo. Apesar de ser natural da Inglaterra, morava em Curitiba já há 3 anos, onde vivia com uma brasileira.

Cada vez que o empresário revia os vídeos, se impressionava mais e mais com as técnicas que pareciam ser simples, mas na verdade eram bem complexas. Sua intuição de empresário lhe dizia que aquele material, as mãos certas, valia ouro.

No dia seguinte, assim que chegou ao escritório, o agente conversou com os demais sócios, mostrou o material gravado e concordaram que deveriam procurar Marcos e os demais para convida-los a apresentar as técnicas em escala internacional.

Após mais de um mês, escrita em papel oficial elegantemente timbrado e muito bem dobrada em três partes, chegava até as mãos de Marcos uma carta convite que ele não esperava.

Apesar de Scott morar no Brasil, a correspondência era proveniente do seu escritório em Memphis, Tennessee, assim, estava toda escrita em inglês. Marcos não entendia uma só palavra em inglês e mal podia esperar para saber o que dizia aquele documento. Já fazia quase dois meses que haviam dado a entrevista no Jô. Receber aquele documento assim, após a entrevista, com cara de oficial, deveria ser algo importante.

Evandro veio correndo assim que soube. Ele era o único da equipe que tinha alguma fluência em inglês. Marcos mal podia esperar.

— Então Evandro. O que diz a carta? Apressou-se Marcos.

— Pelo que entendi. Eles se interessaram por nossas técnicas e querem uma reunião com a gente. Aqui tem um numero de telefone para agendar. Eles são uma empresa que trabalham com treinamento policial no mundo todo. Explicou.

— Poxa vida! Não posso acreditar! Não posso acreditar! Comemorava Marcos tomado por uma euforia reservada apenas à aqueles que tem a força de apostar em um sonho.

Lilian vibrava junto e foi ela quem ligou e agendou a conversa em um café ali perto para dois dias após o recebimento da carta. Graças a Deus, Scott se dispôs avim até Vitória, os meninos não teriam dinheiro para ir até o Rio de Janeiro. Eles já haviam marcado em um café estrategicamente, pois, na hora de pagar a conta, seria mais barato que em um restaurante.

Marcos não conseguiu dormir uma noite se quer até à tarde do encontro. Todos os seus pensamentos e expectativas estavam voltados para aquela conversa.

Preparou-se como pôde, com a melhor roupa, o melhor sapato e todas as suas esperanças. Scott era um homem bonito, com profundos olhos azuis. Tinha um tipo que empunha respeito. Marcos o avistou de longe e sabia que era ele o tal agente da tal empresa. Aproximou-se com humildade e a gentileza típica dos brasileiros.

Scott passou quase meia hora falando de todas as vantagens que se sucederiam a apresentação das técnicas à policiais de elite como a S.W.A.T. Marcos nem ligou para o café que a muito tempo havia esfriado na xícara, aquelas novas perspectivas aqueciam seu coração mais do que qualquer outra coisa na face da terra.

Tudo parecia um sonho se tornando realidade até o momento no qual Scott disse: — Agora precisamos de um investimento inicial de vocês, apenas uma taxa, algo em torno de \$15.000,00.

Marcos não pôde responder. Lhe faltaram palavras. Lembrou-se que sua empresa funcionava em um galpão empoeirado, que sua secretaria não recebia e ainda levava sanduiches para todo mundo e que sua mesa de trabalho era uma pilha de papelão... Aquilo foi pior doque um soco.

— Vou levar a proposta aos meus amigos e depois entramos em contato com o senhor. Muito obrigado por seu tempo. — Disse Marcos já levantando-se da

cadeira.

Marcos foi embora, precisava ficar só, precisava chorar embora fosse de uma década na qual se aprendia que homem não chora. Como ia contar isso para os outros? Sabia que todos o aguardavam ansiosos. Tudo que ele queria ter para dar era uma boa notícia.

Enxugou as lágrimas e caminhou, sem rumo pelas ruas de Vitória até que passou de frente a banca de revista de um amigo seu do exercito, uma banca especializada em mapas. Naquela hora, uma luz acendeu em seu espírito. Foi como se Deus tivesse colocado as mãos em seus ombros.

— O que é isso Marcos?

— É o mapa mundi.

— Eu sei que é o mapa mundi, o que eu quero saber é o que você está fazendo

com o mapa mundi esticado ai nessa mesa. Perguntou Evandro.

— Estou marcando cidades nos Estados Unidos. A gente vai enviar nosso material e ensinar nossas técnicas para as policias de lá. Respondeu Marcos como se falace a coisa mais normal do mundo.

— Você o quê? E a reunião, como foi a reunião com o cara? Quis saber Evandro.

— Foi ótima, maravilhosa. Ele nos deu uma grande ideia. Disse que nossas técnicas interessariam a S.W.A.T, mas quer \$15.000,00 para nos apresentar aos caras. Nós vamos fazer isso sozinhos. Não temos nem onde cair mortos, como vamos pagar essa fortuna para esse cara? Vamos correr atrás por conta própria como sempre fizemos. Quem não tem dinheiro tem que ter força de vontade. — Mauro, o Marcos bateu com a cabeça hoje? Perguntou Evandro ao amigo que ajudava Marcos na escolha das cidades.

— Eu acho que bateu, mas faz tempo, e nós também. Ironizou Mauro. — E você ainda ajuda Mauro? A S.W.A.T. é a policia de elite dos Estados Unidos! Disse Evandro abismado com a audácia dos meninos.

— Não faz drama Evandro! Vem logo ajudar a gente e pronto. O Marcos botou isso na cabeça e você sabe que ele não vai tirar. Nós vamos acabar ajudando de qualquer jeito mesmo! Então vem e ajuda logo! – Disse Mauro. — Sim, mas qual é o critério? Quis saber Evandro.

— É o tamanho das cidades no mapa. Explicou Marcos.

— Como é? O critério de escolha é o tamanho que a cidade ocupa aqui nesse mapa mundi? Duvidou Evandro.

— É isso mesmo Evandro. Procura logo e marca as maiores cidades aqui com esse lápis. Depois a gente vai tentar conseguir com os correios o endereço das S.W.A.T's de lá e enviar cartas que você vai traduzir apresentando nosso trabalho junto com a carta de referencia que o Coronel Santiago enviou para o C.A.T.I. – Disse Marcos entregando um lápis destaque para Evandro. — Que

carta é essa?

— Lembra do Coronel Santiago? Lá de Roraima? Perguntou Marcos. — Lembro. Estivemos lá o mês passado. Super gente boa aquele coronel!

Respondeu Evandro.

— Pois, ele mandou uma carta de boas referencias para nós pelos correios. — Informou Marcos.

— Que bacana! Eu não sabia. Mas mesmo com essa carta, Vocês estão surtando e eu indo junto! Concluía Evandro.

— Coronel é coronel em toda parte do mundo Evandro. Com uma referencia de um Coronel, os caras vão ao menos assistir nosso vídeo. Falava Marcos, cheio de esperanças.

Dois dias depois...

— Marcos, você não sabe o que eu consegui com uma amiga que trabalha na Teleste...

— O que Evandro?

— A lista de números de telefone de todas as S.W.A.T's dos E.U.A! Orgulhava-se Evandro.

— Que maravilha! Será que já cortaram o telefone aqui da academia ou a gente ainda consegue ligar? Indagou Marcos.

— Vamos ver. — Resolveu Evandro.

Evandro tirou o telefone do gancho, percebe que ainda dava sinal de linha, deu um sorrisinho e discou, sem muita fé, o primeiro numero da lista.

— Hello! Respondeu uma voz do outro lado da linha.

— Atenderam! Atenderam! Comemorava Mauro, eufórico acompanhando o esforço de Evandro para desenrolar um inglês compreensível ao telefone.

Marcos estava paralisado. Ele sentia que aquele momento era único, por algum motivo ele quase não conseguia falar.

As pernas de Evandro tremiam. Ele olhava para Marcos sem acreditar na situação que pouco a pouco começava a sair do cenário do sonho e se tornar realidade. Parecia absurdo Evandro estar abismado porque telefonou para um lugar e alguém atendeu, mas a realidade é que ele não esperava ser atendido.

— Vai Evandro! Fala alguma coisa! Incentivava Marcos, com medo que o “alguém” do outro lado desligasse.

Do outro lado da linha, mais precisamente em Dallas, quem estava atendendo a ligação era o agente D'Alesandro, um dos homens mais importantes da S.W.A.T. Além de um agente bem preparado, D'Alessandro era um cara bem humorado, um Norte Americano que bem poderia ter nascido no Rio de Janeiro, tinha bom humor de carioca.

— Eu sou o Evandro Corá, do C.A.T.I. do Brasil, treinamos a Policia daqui e

queremos treinar a S.W.A.T. Disparou Evandro, audaciosamente em inglês. D'Alesandro teve vontade de rir. Ele sabia que estava em uma das melhores e mais bem equipadas S.W.A.T.'s do mundo. Não dava para levar a sério aquilo de uns caras dos quais ninguém nunca ouviu falar querer treinar os agentes da S.W.A.T. Mas os meninos deram sorte, aquele era um dia especial e o agente achou engraçado, resolveu dar espaço para ouvir os brasileiros. Talvez fosse mais divertido ver no que aquilo iria dar do que mandar os caras irem à merda.

— Ok Mandem material mostrando o que sabem fazer, telefone e endereço e depois nos falamos. Respondeu D'Alesandro.

— Ok Obrigado. Disse Evandro e desligou o telefone.

O coração de Evandro estava quase saindo pela boca. Era o primeiro contato real que eles faziam a nível internacional e de cara haviam recebido um OK.

Significava muito.

— E aí? O que eles disseram? Perguntou Marcos, ansioso como nunca.

— Eles vão analisar nosso material! Respondeu Evandro.

— Vão mesmo? Perguntou Mauro, querendo ter certeza do que ouvia.

— Vão porra, vão! Agora vamos levantar a bunda da bosta da cadeira e vamos correr atrás do material para os caras. Precisamos de cartas de referencia dos comandantes das policias que já treinamos aqui no Brasil, vídeos, fotos... Acho que é isso. Disse Marcos.

— Também acho que o material é esse. As cartas de referencia e os vídeos são o mais importante. Inclusive podemos enviar o vídeo da entrevista no Jô Opinou Evandro.

10 dias depois...

— Corre aqui Evandro!

— O que aconteceu? A academia está pegando fogo?

— Não! É que chegou uma carta da S.W.A.T. de Dallas e ninguém aqui sabe

inglês. Tem pessoas aqui tentando traduzir pelo dicionário, mas está difícil! —

Então eles responderam? Meu Deus! Eu estou indo agora mesmo!

Apressou-se Evandro.

O que nem Marcos e nem integrante algum do C.A.T.I. imaginariam era que, naquele exato momento, Deus agia em suas vidas com cuidado e cuidava para que toda a fé e o esforço comesçassem a ser retribuídos com oportunidades reais.

— Caramba Evandro! Vai enfartar outro! Que demora! Todo mundo aqui ansioso e você demorando mais de meia hora para chegar, morando praticamente na esquina! — Reclamou Marcos assim que viu o amigo entrar na academia. — Na esquina? Que esquina? Eu morro do outro lado da cidade e o trânsito não estava ajudando. Dá-me logo a carta, onde ela está? Perguntava Evandro, tão ansioso quanto o amigo.

— Vai Evandro! Diz logo o que tem aí. Reclamava Marcos enquanto passava o papel para as mãos ansiosas do colega.

— Não posso acreditar! Nós vamos treinar os caras da equipe da S.W.A.T. de Dallas!

— Meu Deus! – Disse Marcos sentando-se em um canto da academia. A proposta da S.W.A.T era de um Workshop gratuito, sem nenhum tipo de recompensa financeira ou ajuda de custo, apenas para os brasileiros mostrarem na prática o que mostraram no vídeo. Depois de avaliada a empregabilidade das técnicas, o trabalho poderia começar a ser remunerado. Não era o que eles esperavam, mas era bem melhor do que o contato da empresa particular que queriam que eles pagassem para trabalhar.

Não seria fácil levar uma equipe para os E.U.A. sem nenhum tipo de ajuda financeira ou patrocínio. Era um desafio e tanto. Mas os jovens possuem uma coisa chamada audácia e é ela que muitas vezes faz a diferença entre o fracasso e o

sucesso. Eles não desistiriam, não agora com um convite da S.W.A.T. nas mãos.

— Poxa Marcos, e a grana? Está todo mundo duro. Como a gente faz para viajar? Perguntou Mauro.

— Quem não tem, pedi! Vamos pegar esse documento e vamos passar no comércio com um livro de ouro. Vamos na prefeitura, na câmara de vereadores, vamos tentar levantar alguma coisa, vender algo que a gente tenha, vamos raspar o fundo do pote! Animou-se Marcos.

Fácil não seria, mas todos estavam dispostos e foram muitas as portas que ele bateu em busca de ajuda. Entre dez “nãos” e um sim, os meninos iam formando um pequeno caixa para a tão sonhada viagem. Políticos, comerciantes, familiares, muitos ajudaram. Foi com pouco dinheiro e com muita força de vontade

que aquele grupo de brasileiros seguiram para os Estados Unidos da América.

— Onde você vai Evandro?

— Vou ao banheiro.

— Volta logo que a gente precisa começar a aula.

— Pode deixar, é rapidinho.

Evandro percorreu o corredor que separava a ampla sala de treinos da

S.W.A.T, do não menos amplo banheiro e vestiário. A todo momento ele pensava nas diferenças gritantes entre aquela polícia e a do Brasil. Era o segundo dia em que estavam nos E.U.A. No primeiro, foram convidados a conhecer um pouco mais da rotina daquela corporação.

A S.W.A.T. é uma polícia especializada. Conta com os melhores homens, as mais

avançadas tecnologias e orçamentos destinados exclusivamente para que seus policiais recebam salários diferenciados dos outros. Anualmente, o governo destina cerca de quarenta milhões de dólares para cada unidade da S.W.A.T, apenas para treinamento e compra de equipamentos. Essas unidades são formadas por, em média, 40 homens.

Para termos algum comparativo, vale lembrar que o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) do Rio de Janeiro recebe cerca de duzentos mil reais por ano para serem gastos em treinamento, alimentação, água, luz, telefone e equipamentos. O BOPE é composto por cerca de 400 homens. É um abismo tão gigantesco em termos de investimento que deixo a conta a critério de cada um.

Quem participa da S.W.A.T. tem que ser muito bom em alguma coisa. um ótimo negociador ou um implacável *sniper*, perito em bombas, em socorro médico, em rapel. A polícia especializada nos E.U.A. é tratada como especializada mesmo. Com tempo para treinar, fazem cursos de capacitação pagos pelo governo e só são chamados para desempenhar realmente a sua função. A S.W.A.T. só entra em casos nos quais os outros policiais não conseguiram ou não conseguiriam resolver.

Geralmente um oficial da S.W.A.T. tem liberdade para escolher qual a arma melhor atende as suas necessidades e o arsenal a sua disposição não deixa a desejar. Auxílio de helicópteros, fuzis com miras telescópicas, transportes modernos e com blindagens extras, trailers adaptados contendo inclusive banheiros, são equipamentos populares entre eles. Binóculos avançados, óculos com visão noturna e armas de última geração, inclusive muitas destas apreendidas do tráfico de drogas, completam o material de trabalho.

O reconhecimento financeiro também é diferenciado. Reconhecimento financeiro seria a expressão que indicaria para substituir a palavra “salário”. Para quem não sabe, a palavra *Salário* deriva-se do latim *salarium argentum*, que significa “pagamento em sal”. No antigo Império Romano, o pagamento dos soldados era feito com sal. Na época ele era uma iguaria muito valiosa, que podia ser trocada por alimentos, roupas ou qualquer outra coisa que se imaginasse.

Enquanto nos Estados Unidos, a polícia trabalha com M4, M16, AR-15, SCAR e AUG, Ponto 50, no Brasil a polícia trabalha com as ultrapassadas FN FAL, ocasionalmente AR-15 e mais raramente G-36. A maioria dos policiais usam apenas colete à prova de balas e, quando há blindados, estes chegam a ser perfurados por tiros de calibre 7,62 de fuzil. É bom lembrar que fuzil 7,62 hoje é banalidade na mão dos bandidos, toda quadrilha organizada tem o seu. Blindagem extra em tanques de ataque da polícia brasileira é algo tão real quanto a história do pequeno príncipe. O colete indicado seria os feitos de aramida, uma espécie de fibra sintética de altíssima resistência, em média cinco vezes mais resistentes que o aço, não inflamável e que suporta tiros de Magnum 357, de 9mm e de Magnum 44. Esse é o tipo de colete que a S.W.A.T usa. Um sonho para o policial brasileiro

No Brasil, o sistema parecia ainda ter problemas em reconhecer um policial altamente capacitado como policial de elite. Aqui todo mundo era pau para toda obra e bastava o governo precisar aparecer “bem na fita” que logo os coronéis colocavam toda a tropa na rua, especializada ou não, para fazer número, servir de aparência para os programas de televisão. Não era fácil o policial conseguir se tornar especialista em alguma coisa, não havia incentivo, nem treinamento, não havia verba, não havia tempo.

Outro absurdo era o fato de, em consequência dos baixos salários e ausência de programas habitacionais voltados para os policiais, principalmente para os que residiam nas grandes cidades, os homens que lutavam contra o crime geralmente moravam em comunidades carentes conhecidas nas décadas de 80 e 90 como

“favela”. Era justamente nas favelas onde funcionavam os quartéis gerais do tráfico de drogas e armas e em que a cabeça de um policial não valia mais do que uma garrafa de cerveja. Estes homens e mulheres viviam no limite do perigo... Precisavam lavar suas fardas as escondidas ou deixá-las no quartel. Em suas comunidades, esses policiais inventavam de serem vendedores, professores, enfermeiros... Era isso ou então assumir serem policiais e ter que passarem a colaborar com o tráfico e trabalhar em parceria com o crime organizado.

Esta realidade não era e nunca foi nenhuma novidade. A primeira favela do Brasil surgiu em 1897 no centro do Rio de Janeiro. Conhecida como “O Morro da Favela” transformou-se em moradia para moradores expulsos de antigos cortiços, ex-escravos e pobres soldados desamparados da Guerra de Canudos. Vejam que grande coincidência: A favela que hoje é vista como campo de batalha entre a polícia e os traficantes e que hoje abraça os dois, desde seu surgimento, abraçou os renegados da sociedade, entre estes, a época, estavam também os soldados.

Não defendendo os traficantes e nem generalizando a situação, mas sabemos que o crime e o tráfico é caminho para muitos que crescem em um ambiente sem oportunidades. Não que sempre seja assim, porém comumente isso acontece. A favela se apresenta então como moradia ancestral de pessoas e policiais injustiçados em seu valor.

Marcos conhecia bem a realidade dos seus alunos brasileiros, mas ver de perto toda aquela estrutura da S.W.A.T. fazia-o lembrar-se de um aluno em especial. Um policial militar que, para poder pagar o curso de imobilizações táticas do CATI, fez uma rifa de uma cabra, vendeu bilhete a bilhete entre os amigos e parentes e não escondeu qual era o propósito do dinheiro. O aluno fez o curso e chorou na hora que recebeu o certificado e o brevê. Foi no momento da entrega do certificado que o instrutor descobriu a história que jamais esqueceria. Vergonha para o policial fazer uma rifa de uma cabra para pagar um curso ou vergonha para o governo que um agente de segurança pública tenha que passar por isso? Responda você mesmo.

Marcos viu ambulâncias, helicópteros, médicos de plantão, assistente sociais, psicólogos, laboratórios para análises de provas criminais, academias de ginástica e salão de jogos. Toda estrutura que jamais pensou encontrar em um centro de treinamento da polícia. O que os profissionais do C.A.T.I. encontraram era algo que só poderia resultar em uma estrutura de elite, uma das melhores do mundo.

Evandro quase não acreditou que aquele fosse o banheiro de uso comum, teve receio de estar entrando em uma área privativa do comando e, assim, arrumar

problemas.

O banheiro era formado por uma área comum onde havia um balcão de mármore com pias sanitárias, torneiras com água quente e fria, sabonete líquido ante-bactericida, toalhas de papel e muita organização. Chuveiros individuais, armários e cinco repartimentos com bacias sanitárias completavam o ambiente. Em um dos cinco ambientes estava Evandro, tentando resolver uma briga com o seu intestino que teimava em travar toda vez que o dono estava fora de casa. Apesar de muito concentrado em sua tarefa, foi impossível não escutar o barulho do bater de porta e passos de alguém se aproximando.

O brasileiro chegou a pensar que fosse Marcos que já tivesse vindo a sua procura, foi então que ouviu o barulho da água correndo na torneira e o início de um diálogo entre dois oficiais da S.W.A.T que jamais imaginariam que Evandro estivesse ali.

— Se estes brasileiros estiverem de brincadeira com a gente, se eles não forem bons mesmo, vamos prendê-los aqui por no mínimo uma semana! Ameaçou o primeiro homem.

— Pode deixar, hoje era meu dia de folga e fiquei aqui só para ver o que eles têm para mostrar. Se não valer a pena, eu mesmo vou prendê-los. Endossou o segundo.

Evandro ficou quieto, paralisado, esqueceu até o que tinha ido fazer ali, esperou os homens saírem, subiu as calças e correu até a sala onde estavam Marcos e Mauro.

— Marcos, capricha nessa porra se não nós estaremos em apuros! Disse Evandro.

— O que foi? Quis saber Marcos.

— Ouvi uma conversa de dois oficiais no banheiro, eles estavam comentando que se não gostarem do nosso trabalho, vamos ficar presos aqui! Contou.

— Não se preocupe, vou escolher o maior policial que tiver na turma para demonstrar nossas técnicas, assim vamos começar a ganhar o respeito deles. Além de tudo, só dá para fazer o que a gente sabe fazer, se eles não gostarem é ficar preso e pronto. — Resolveu Marcos, com uma calma surpreendente.

— Preso? Deportado? Deus me livre! Nem brinca com isso. Avisou Evandro que tinha como um dos maiores objetivos de vida morar nos E.U.A.

Evandro tinha mais de um metro e noventa de altura, loiro e um bom porte físico. Mauro era sua versão morena. Marcos tinha menos de um metro e setenta, cabelos lisos bem escuros, pele muito clara, olhos castanhos e um físico de um homem simples, nem gordo nem magro, ali por volta dos setenta e cinco quilos. Apesar de sua alta classificação nas artes marciais, é preciso lembrar que artes

marciais não são ligadas propriamente ao fisiculturismo, e por isso um atleta de artes marciais nem sempre tem o corpo esperado dos atletas exibidos pela mídia como jogadores de futebol, nadadores, praticantes de boxe.

Pouco a pouco os policiais da S.W.A.T. chegaram ao auditório do centro de treinamentos onde aconteceria a apresentação dos brasileiros, mas poucos quiseram entrar para a aula. Enquanto a sala estava quase vazia, com menos de quinze alunos, mais de quarenta circulavam pelos corredores externos do local, eles não eram obrigados a participar.

Perceber tamanho descrédito por seu trabalho fez Marcos se perguntar, porque o teriam convidado?. Não dava para negar que aquela situação era constrangedora para um mestre que há muito tempo havia ultrapassado a faixa preta e era acostumado com o interesse dos alunos brasileiros, salas sempre lotadas e clima descontraído.

Marcos lembrou-se de tudo que já havia passado, do desespero do policial sentado na beira da calçada após atirar no assaltante, dos assaltos que ele próprio sofrera e do que lhe dizia Tuta, um amigo mecânico: “Quando a gente está se afogando é que é hora de nadar com vontade”.

Evandro abriu o evento falando um pouco sobre como surgiu cada técnica e então apresentou Marcos, o criador do C.A.T.I. e quem ministraria aquele curso. Foi impossível deixar de notar os comentários sussurrados na pequena plateia. O que aquele brasileiro “baixinho” teria para ensinar aos policiais da S.W.A.T.? — O senhor está convidado a participar da demonstração da primeira técnica. Disse Evandro, referindo-se ao agente de maior porte físico entre os alunos. Todos se entreolharam, ninguém derrubava o agente Anderson, ele era imbatível. De tão grande e musculoso, ele parecia uma fortaleza. Anderson levantou-se, parecia surpreso com o convite, prudentemente tirou a arma da cintura e entregou ao seu parceiro. Dirigiu-se até Marcos e o cumprimentou, antes que pudesse perceber, ele já estava no chão. Ao perceberem que quanto mais o agente se esforçava para livrar-se do golpe, mais parecia ficar rendido e provocando dor em si mesmo, os policiais se levantaram e aproximaram-se como se fosse preciso ter certeza do que estava acontecendo. O mestre libertou o agente do golpe. Os anos em cima de um tatame ou no piso de uma academia dando aula já lhe avisara que ele havia ganho a confiança da S.W.A.T. mais bem treinada dos Estados Unidos. No intervalo, foi a vez do corredor ficar vazio e a sala de aula do curso do C.A.T.I, lotada.

Ao final da aula, os alunos bateram palmas de pé e jogaram o professor para o alto. Ele, emocionado, sabia que tinha cumprido sua tarefa, sentia em sua alma que a partir dali era tempo de colheita. Ele confiava no que tinha plantado, sempre confiou, este era o diferencial.

Quem sabe o que plantou, espera os frutos com o coração em paz. Não espera sentado, pois o mundo é daqueles que caminham em direção aos seus sonhos. É

você quem tem que encontrá-los e não eles a você. Pense nos seus sonhos como uma montanha que, a cada passo, aproxima-se mais de você sem sair do lugar. Na verdade, é você quem se aproxima dela. Ela não irá a lugar nenhum, se você não for encontrá-la.

As técnicas abrangiam áreas diversas como desarme tático, imobilizações e algemas. Cada nova demonstração mostrava aos agentes o que a criatividade brasileira aliada a muito treino e perícia é capaz de fazer. Logo outras S.W.A.T's começaram a convidar Marcos do Val a apresentar seu trabalho. Surgia uma grande oportunidade que cobraria novos grandes sacrifícios.

— Como vamos fazer para dar o curso em tantas S.W.A.T's Marcos? Eles não estão pagando nada e o nosso dinheiro está no fim? Questionava Mauro.

— Eu não sei, mas não podemos desistir agora. Tenho certeza que eles vão nos contratar. Apostava Marcos.

— Caramba! Não dá para economizar mais! Nós estamos dormindo em motel de quinta categoria, passando o dia praticamente com o lanche que recebemos lá durante os treinamentos e temos que adivinhar quais os atalhos para economizar gasolina. E olha que graças a Deus que os caras nos emprestaram uma das viaturas deles! Argumentou Evandro e continuou Se fosse no Brasil, que as viaturas são contadas, nós estávamos andando a pé!

— É, só que ninguém pode saber que a gente está contando moedinha! Pode passar a impressão de que somos aventureiros. Advertiu Marcos.

— E não somos? Perguntou Mauro.

— Não somos somente aventureiros. Respondeu Marcos.

— É verdade! Somos loucos, sonhadores... Do que mais já nos chamaram? – Brincou Evandro.

— Eu não sei vocês, mas o que eu já levei nome de vagabundo... Completou Marcos, rindo de si mesmo.

— Já estou achando que teria sido melhor se eu tivesse sido preso! Lá deve ter pelo menos três refeições por dia e uma cama individual. Aqui nesse motel cheio de baratas, eu ainda tenho que dividir a cama com esse traste enquanto você dorme do sofá. Reclamava Evandro, apontando para Mauro.

De repente um barulho anormal invade o quarto do motel. Não que aquele fosse o lugar mais silencioso do mundo, muitas vezes os meninos acordavam no meio da noite com gritos e até barulhos de pancadas dos casais mais afoitos.

— Vocês ouviram isso? Perguntou Marcos.

— Claro que ouvimos! Parece que alguém está derrubando uma porta no chute. Respondeu Mauro.

— Merda! Será que é um assalto? Todo nosso material de treinamento está aqui! Temeu Evandro.

O equipamento a que Evandro se referia eram simulacros, algemas e tudo que era imprescindível para dar as aulas. Boa parte do material tinha sido levado do Brasil e caso acontecesse alguma coisa, não havia a menor possibilidade deles comprarem novamente. Eles não tinham dinheiro.

Mauro abriu a porta com cuidado e percebeu que policiais estavam invadindo o quarto vizinho.

— É a S.W.A.T.! Informou Mauro.

— A S.W.A.T.?

— Sim Marcos, é a S.W.A.T! Eles estão em outra viatura, mas são os caras que estão fazendo o curso com a gente. Tenho certeza. – Assegurou Mauro. — Que merda! Eles não podem saber que estamos aqui, nesse motel de beira de estrada! Preocupou-se Marcos, sem atentar para o fato de que a viatura que estava emprestada a eles por certo era rastreada e era claro que os caras da S.W.A.T. sabiam exatamente onde nós estávamos.

— O que a S.W.A.T. está fazendo em uma ação num lugar desses? Não deveria ser a polícia comum? Quis saber Evandro.

— Deve ser alguma denúncia séria, coisa grande como tráfico, caso de sequestro, homem bomba... Sugeriu Marcos.

— Bomba! Bomba? A gente sair do Brasil para vim ser vítima de um ataque terrorista em um motel barato dos Estados Unidos é demais viu! Demais! Reclamava Mauro.

— Porra! Deve ser coisa séria mesmo para os caras da S.W.A.T. estarem no caso. Concordou Evandro.

De uma pequena abertura na porta, Mauro e Evandro puderam ver quando os agentes da S.W.A.T. saíram levando um homem detido.

— Eles estão usando a nossa técnica! Comemorou Evandro!

— Espera! Deixa eu ver! Aproximou-se Marcos.

— Estão mesmo! Surpreendeu-se Marcos.

Ele estava tão hipnotizado com aquele momento que nem ouviu o comentário dos meninos, ficou ali, olhando pela fresta na porta e vivendo o que seria um dos instantes mais marcantes de sua vida. O barulho de quebra-quebra vindo do quarto vizinho dava a certeza de que o cara não tinha se entregado sem resistência. Quatro agentes da S.W.A.T. saíram do quarto com o bandido imobilizado, da mesma forma que Marcos lhes ensinara poucas horas antes. O preso agora se quer conseguia se mexer, estava dominado e os policiais não havia disparado um único tiro.

— Ah se eu tivesse dinheiro! Era hoje que a gente bebia até cair! Esses caras usaram uma técnica do C.A.T.I. no primeiro dia de curso, é um troço que deveria ser bem “bebemorado”. Opinava Mauro.

— Vamos brindar com água! Mas vamos brindar sim! – Sugeriu Marcos.

Evandro pegou uma garrafa de água mineral, pois ainda não havia se habituado a

tomar água da torneira como faz a maioria dos americanos, encheu três copos descartáveis e brindaram a primeira vez que uma técnica do C.A.T.I. era usada em uma ação real da S.W.A.T.

O sono de Marcos naquela noite foi um misto de cansaço e satisfação. Ele sentia que as coisas estavam acontecendo e essa era uma das melhores sensações de sua vida. Quem disse que água não lava a alma?

No dia seguinte os meninos acordaram logo cedo, haviam dormido cerca de cinco horas e os episódios da invasão da S.W.A.T. ainda povoava suas mentes. Eles estavam treinando os policiais daquele grupo especial, mas nunca os haviam visto antes em ação, com exceção das vezes em que assistiram aos filmes e seriados de TV, havia sido algo fora do comum.

Logo Marcos do Val ganhou a amizade e confiança dos policiais de Dallas e os convites para apresentar as técnicas em outras unidades não paravam de chegar, inclusive o convite para tornar-se instrutor oficial da TTPOA (*Texas Tactical Police Officers Association*) que é associação das SWAT'S do Texas, vindo do presidente da associação em pessoa, o policial Michael Finley.

De Dallas, a equipe de Marcos foi para a cidade de Beaumont, a convite do seu comandante Patrick O'Quinn. Apesar de já não se sentirem tão desafiados pelos policiais norte-americanos, novamente foi preciso golpear um quase gigante para obter a total confiança e envolvimento da turma. O gigante da vez foi o policial Ky Brown, que viria a se tornar posteriormente um grande amigo da equipe.

Falando em grandes amigos, Marcos jamais esqueceria o comandante Patrick. Após aquela aula, Patrick convidou a todos para um churrasco em sua casa. Após o jantar, como que adivinhasse as dificuldades e os sacrifícios de Marcos e seus amigos estavam enfrentando para estar ali em seu país, o policial convidou toda a equipe para se hospedar em sua residência.

Os meninos se entreolharam, sabiam que poderiam estar causando um grande inconveniente, mas havia uma necessidade enorme e latente. Já fazia mais de uma semana que dormiam em hotéis de quinta categoria e comiam mal. Patrick possuía uma casa grande e confortável e, além de tudo, havia ainda o fato da credibilidade de estarem hospedados na casa de um comandante da S.W.A.T. Foi impossível não aceitar.

Pouco a pouco Mauro, Marcos e Evandro costuravam os Estados Unidos divulgando seu trabalho e iam se virando como podiam. Sempre fazendo o possível e o impossível para que Patrick não percebesse suas limitações, principalmente financeiras. O motivo da reserva não era apenas por vergonha,

mas sim porque todos já consideravam aquele jovem senhor como um segundo pai e como um grande exemplo de generosidade. Pouco a pouco as S.W.A.T.S das cidades do Texas como Dallas, Austin, San Antônio, Alice, Houston, Corpus Christi, Laredo, Amarillo, Waco, San Marcos, Port Arthue, El Paso, Abilene, Beaumont e também dos estados da Flórida, Alabama, Lousiana, Mississippi e Califórnia entravam para o currículo do jovem brasileiro.

Marcos e sua equipe não apenas davam aulas na academia da S.W.A.T. como também participavam de várias operações reais. O planejado era observar de longe, avaliar o emprego das técnicas, fornecer um tipo de consultoria, mas naquela manhã de terça-feira algo de inesperado iria acontecer.

Um agente infiltrado da S.W.A.T. estava no apartamento de um dos grandes traficantes dos Estados Unidos. A ideia era simular uma compra de drogas para ter o flagrante e efetuar a prisão. Algo deu errado. O traficante descobriu.

O cara não era qualquer traficante. Ele era o traficante. Do tipo bem treinado, que sabia se defender, que sabia atacar. A situação fugiu ao controle. O traficante partiu para cima do policial e de mais dois homens da S.W.A.T, provocando assim luta que mais parecia cena de cinema.

Marcos e Evandro aguardavam do lado de fora. De repente, Marcos escuta um dos policiais chamar seu nome e resolve também invadir o apartamento. Evandro o acompanha. Marcos gritava os comandos das técnicas para os três policiais e eles simplesmente não a realizavam. Por sorte, Evandro estava presente e percebeu que ele e Marcos precisariam interferir e ajudar a imobilizar o traficante que parecia ter força de Hércules. Com a ajuda dos brasileiros, o malandro tombou logo e seguida.

Passada a ação, Marcos, ainda com a adrenalina em alta, pediu para Evandro perguntar aos policiaos por que eles não responderam aos comandos já que sabiam a técnica! Realmente ele estava certo, os policiaos sabiam a técnica, mas não reconheceram os comandos que Marcos gritou em português. Nas aulas, o tradutor traduzia cada palavra que ele falava. Na hora que a situação pegou fogo, cada um que gritasse em sua língua materna. Passado o susto, Marcos e Evandro dobravam de rir lembrando tudo e os policiaos sempre foram gratos pelos colegas brasileiros terem salvado a vida dos infiltrados. Esta ação resultou em uma homenagem feita por Patrick concedendo o título de membro honorário da S.W.A.T. para Marcos do Val. Com esta honraria, ele se tornaria, por vários anos, um dos instrutores daquela instituição.

Como reconhecimento, o comandante Patrick O1 Quinn escreveu em um

depoimento emocionado :

“Eu tornei o brasileiro Marcos do Val membro honorário da equipe SWAT em reconhecimento do seu perfil profissional e pelas suas habilidades técnicas e táticas. Aproveite essa oportunidade para agradecer a ele pelas diversas operações que participou como membro do nosso time SWAT e, em especial, na operação em conjunto com o departamento de narcóticos quando prendeu o suspeito que feriu gravemente o oficial infiltrado”.

A força de vontade e determinação da equipe era surpreendente. A experiência adquirida durante anos no período da ACADEPOL os ajudavam a todo momento.

Na ACADEPOL, Marcos havia feito muitos amigos e conhecido muitas histórias, uma delas era a de um delegado da polícia civil que, havia começado sua carreira como policial militar. Após muito esforço e estudo, Miguel concluiu o curso de bacharel em direito, prestou concurso para a polícia civil e passou com honras.

O delegado Miguel tinha um respeito enorme pela polícia militar e disse que teria ficado por lá se não fosse a tal da continência e dos direitos humanos... Aliás, ele falava no elmo a continência e os direitos humanos.

— País democrático? Direitos iguais? Porra nenhuma Miguel! Em que mundo você vive cara? Questionava Ricardo, policial federal e amigo de infância de Miguel que, na ocasião, ainda era policial militar.

— Mas todo mundo diz que os direitos são iguais, então deve ser mesmo.

Respondeu Miguel sem estar muito a fim de discutir o assunto.

— Iguais? Os policiais militares não têm se quer direito aos direitos humanos! — Como não temos? Você está louco Ricardo? Só porque é federal agora

está esnobando?

— Não é isso não, mas se você for ler lá nos direitos humanos, na Constituição Federal e em vários tratados internacionais que o Brasil assinou, todo mundo é igual, todo mundo tem direito a liberdade de expressão, a reunir-se para discutir seus problemas...

— Eu sei disso. Eu tenho direito a tudo isso sim. Respondeu Miguel. — Ah Sabe? Ah tem? Perguntou Ricardo.

— Tenho sim.

— Então você não sabe que se vocês, policiais militares, reunirem-se para

discutir a ordem de um superior que consideraram injusta, se criticar o sistema ou as autoridades, podem ser acusados de motim e pegar punição? Sabe que se um superior colocar a mão na cara de um subordinado ele pode “tirar” de três meses a um ano de detenção, mas se for o subordinado quem colocar a mão na cara do superior, aí a situação muda e o subordinado pode pegar até dois anos de detenção? Ou seja, o subordinado se prejudica um ano a mais mesmo se a agressão for a mesma! Cadê a igualdade? Mostre-me a igualdade! – Desafiava Ricardo enquanto dava sua última colherada na tigela de açaí. Ele odiava

aquilo, mas todo mundo dizia que fazia bem, e já que Miguel não topava uma cevejinha, o jeito era açaí com banana mesmo.

— Eu nunca parei para pensar nisso não Ricardo, eu só quero meu soldozinho no final do mês. Faça o que me mandam e procuro não chamar atenção. – Argumentou Miguel, querendo acabar com o assunto.

— Outro dia preendi um cara que tinha matado um policial militar. Caiu na mão da gente por acaso, estava tentando viajar para Portugal com o estômago cheio de cocaína, passou mal e foi preso no aeroporto. Quando puxei a ficha do desgraçado, ele era procurado pela morte de um PM que só tinha vinte e oito anos de idade. O rapaz estava em um supermercado e durante um assalto o bandido atirou na cabeça do policial, o detalhe é que a vítima não estava fardada. Perguntei como ele sabia que o rapaz era policial, se ele já o conhecia de outro lugar, se era treta antiga. Ele respondeu que não, nunca havia visto antes, mas sabia que ele era policial, porque de tanto ficar em pé em situação de sentido, a gente, às vezes, sem perceber, reproduz as mesmas posturas do quartel na vida particular. É brincadeira isso ou não é? Olha o que o código militar faz com vocês? Um dia você vai lembrar-se dessa nossa conversa. Advertiu Ricardo. Miguel era evangélico, pacato e se sentia orgulhoso quando os irmãos de igreja o definiam como “um homem de Deus”. Ele e Ricardo cresceram na mesma rua e fizeram juntos o concurso para PM e os dois entraram juntos na corporação. Antes de terminar o estágio probatório de três anos, Ricardo prestou outro concurso e foi chamado para a polícia federal. Apesar da insistência de Ricardo, Miguel não quis fazer a mesma prova, ele gostava da PM, estava bem

onde estava. Havia passado a vida toda estudando em escolas públicas e já fazia dois anos que estudava por conta própria para concursos. Ele queria paz por um tempo. O sonho de ser funcionário público havia sido alcançado. Miguel nunca havia ouvido falar de “Elmo”. Não fazia a menor ideia de que na Idade Média, os cavaleiros usavam uma espécie de capacete com viseira. Elmo era o nome deste capacete. Antes dos duelos ou de partirem para uma batalha, eles precisavam levantar a viseira do capacete quando o rei passava em revista a tropa para que o mesmo pudesse cumprimentar cada guerreiro olhando

olho no olho. Esse gesto de levante da viseira era feito com a mão direita, já que era esta a mão usada para erguer a espada. O uso da mão direita indicava que nenhum daqueles guerreiros intencionava atentar contra seu rei já que para este erguiam a mão desarmada. O ato de levar a mão à altura da tábua ficou conhecido como continência, por isso que não se “bate” continência e sim “presta” continência. Mas o que tudo isso tem haver com Miguel? Com o passar dos anos, a continência começou a ser usada não só para o

Rei, mas sim para todos os militares de hierarquia superior. Então o militar de patente inferior presta a continência que deve ser obrigatoriamente respondida pelo militar de patente superior, é a regra. Certo dia, Miguel passou desatento pelo capitão, na verdade se quer o enxergou. Estava próximo o período de carnaval e o batalhão fervia com a preparação das escalas e os treinamentos para o efetivo poder dar conta do trabalho de Hércules que significava policiar três dias de festa com mais de cem mil pessoas em uma cidade com apenas 30 policiais. Miguel já havia tirado tantos plantões extras naquele mês que mal se lembrava do caminho da própria casa. — Volte aqui soldado! Gritou o capitão.

— Sim senhor. Respondeu Miguel. Sem imaginar o motivo do chamado aos berros no meio do corredor.

— Eu sou seu superior, como você passa por mim e não presta continência? — Desculpe-me senhor, tem setenta e duas horas que estou de plantão direto, sem se quer ir em casa, não tenho dormido direito. Eu não havia percebido de que o senhor estava aí. Desculpou-se o soldado.

— Problema seu. Fez concurso para quê? Foi para ser soldado não foi? Está reclamando de plantão, por quê? Você está tirando plantões seguidos não muda em nada a hierarquia aqui dentro não, soldado! Passar pelo seu capitão sem prestar continência é fazer dele um serviçal... Um soldado.

Miguel ouvia tudo calado e como num passe de mágica, lembrou-se da conversa acontecida dias atrás com Ricardo. Será que os direitos humanos estavam de acordo com um homem tirar setenta e duas horas de plantão direto sem intervalo e ainda ser humilhado em público por conta de um detalhe como aquele? Miguel gostaria de saber.

— Preste continência cem vezes. A continência é um ato de reconhecimento à superioridade da minha patente em relação a sua! Em forma soldado! — Ordenou o Capitão.

— Mas Capitão... Tentou argumentar Miguel.

— Em forma soldado! Ordenou novamente o capitão aos berros. Era impossível não notar o constrangimento e a vergonha dele, sentimentos tão aparentes que seus colegas de farda até baixavam a cabeça para não ver a humilhação do amigo. No entanto, era pouco provável não ouvir os gritos do capitão contando em voz alta as vezes em que o soldado lhe prestava continência.

Quando já se aproximava o número final da contagem, o capitão percebeu aproximar-se o coronel. Virou-se e prestou continência para o mesmo. — À vontade capitão. Disse o coronel.

— Vi que o senhor obrigou o soldado a lhe prestar continência cem vezes. Agora é sua vez, responda, também cem vezes, as continências recebidas. É a sua obrigação responder a cada uma delas. E só para que o senhor saiba, prestar continência é um ato de cumprimento e saudação, não tem nada a ver com humilhação pública.

— Coronel! Exclamou o capitão.

— Isso é uma ordem capitão, e assim como a sua contagem, a minha também será feita em voz alta. Vire-se para o soldado, capitão, e retribua imediatamente cada continência recebida.

O capitão, muito constrangido, virou-se para o soldado e prestou continência cem vezes enquanto, desta vez, era o coronel quem contava, também em voz alta. A única diferença foi que os demais soldados assistiram à cena de cabeça erguida e Miguel, homem de Deus, também.

No Rio Grande do Sul, a polícia militar se chama Brigada Militar. Esta denominação se deve ao fato de lá os batalhões trabalharem com um número mais amplo de funções militares aglomeradas em um mesmo prédio, ou seja, os batalhões são maiores do que os das outras corporações do restante do país. Daí o nome “brigada”.

O Soldado Cabral estava encantado com o curso de imobilizações táticas que tinha feito junto com mais quatro amigos da mesma brigada que ele. No curso, os policiais conheceram Marcos do Val que comentou sobre a ideia de fazer um evento no Brasil no qual traria os policiais da S.W.A.T dos Estados Unidos como instrutores. Seria como um grande treinamento. Marcos, percebendo o interesse dos policiais, comprometeu-se a enviar, via correios, panfletos sobre o encontro no caso fosse de fato acontecer.

Quinze dias depois, os panfletos chegaram. Cabral mal podia acreditar! Aquela era uma oportunidade de ouro. Ele olhava para o papel e vinha a sua mente as lembranças da infância, dos filmes da S.W.A.T e todas aquelas coisas que sempre acompanhavam os sonhos dos meninos que cresceram querendo ser policiais.

Cabral colocou o informativo dentro de sua mochila e foi para a brigada. Tinha certeza de que contaria com o apoio dos colegas de farda e também dos seus superiores.

Logo que chegou, ele procurou os outros quatro policiais que haviam feito o curso de imobilizações táticas com ele e ainda um quinto policial chamado Torbes. Torbes era parceiro, o tipo de guerreiro digno de toda confiança e muito bem visto por todos na brigada. Logo se animou com a ideia. Iriam os seis, estava resolvido.

Certo do apoio dos seus superiores, os policiais encaminharam a lista do material necessário para o curso. Não havia nada na lista que com um pouco de boa vontade dos comandantes, não pudesse ser viabilizado: munições, coletes balísticos, autorização para usarem suas armas no treinamento, dispensa do trabalho para os dias de curso e o pagamento das matrículas.

Nos planos dos seis policiais, eles já contavam que o batalhão não pagaria pelo curso, mas se quer imaginaram a reposta que viria através de um boletim interno:

Pedido de dispensa – NEGADO.

Pedido de empréstimo de seis coletes a prova de bala – NEGADO. Pedido de munições para o fim de treinamento – NEGADO. Pedido de dispensa nos dias do referido curso – NEGADO

Pedido de autorização para uso da arma funcional no ambiente do curso – NEGADO.

Pedido de ajuda financeira – NEGADO.

— Não dá para acreditar nisso guri! Reclamava Torbes. Eles não cederam nada?

— Nada! Respondeu Cabral – Se quisermos fazer o curso, vamos ter de tirar férias e arcar com todas as despesas.

— Não dá para acreditar! Não dá para acreditar! Continuava reclamando Torbes.

Cabral, que até então estava cabisbaixo, de um momento para outro foi tomado por uma empolgação nunca antes vista e falou:

— Nós vamos sim! Tiramos férias, eu tenho um contato lá na base do CAN (Correio Aéreo Nacional), posso tentar uma carona em um dos aviões de carga militar... A gente se vira!

— A gente se vira como Cabral? Como nós faremos o curso sem arma porra? Sem munições, sem colete? Nem dinheiro a gente tem... Lamentava Torbes.

— Você quer ir ou não quer ir? Perguntou Aldair que até então escutava tudo calado.

— Quero. Claro que quero!

— Então a gente dá um jeito e vai. Concluiu Aldair, com uma calma surpreendente.

No dia seguinte, Torbes e Aldair entraram com pedido de férias, Cabral trocou o serviço e os outros pagaram plantões. Com muito sacrifício, os seis conseguiriam

estar livres na semana do curso e era o que importava.

Cabral entrou em contato com o pessoal do CAN e após explicar ao encarregado de turno os motivos pelos quais precisavam da carona, recebeu a animadora resposta de que seria possível, desde que os seis estivessem fardados, sem armas e a postos na hora da partida do avião. A carona seria da base aérea de Porto Alegre até a base aérea do Rio de Janeiro. De lá eles teriam que conseguir chegar ao terminal rodoviário do Rio de Janeiro e seguir de ônibus até o Espírito Santo.

Era quase meia noite quando Torbes ouviu algumas buzinas no portão de sua casa. Eram os outros companheiros que, conforme o combinado, passavam para apanhá-lo e seguirem para Porto Alegre.

Torbes ainda pensou em desistir, estava decepcionado por não ter nenhum incentivo ou apoio dos seus superiores para a capacitação. Provavelmente ele teria desistido se sua esposa Denise não tivesse quase o forçado a ir. Ela sabia que se o marido ficasse fora daquilo, se lamentaria por toda a vida. O sonho dele sempre tinha sido participar de um treinamento como aquele. A partida do avião militar estava prevista para as 06h da manhã e os meninos sabiam que se perdessem aquela carona, não haveria outra. O que eles não sabiam era que justamente aquele voo atrasaria e eles só decolariam as 14h. O cansaço já era grande.

Da base aérea do Rio de Janeiro, os gaúchos conseguiram uma carona até a rodoviária onde trocaram de roupa em um banheiro que cheirava tão mal que parecia que o odor empregaria até na alma de quem por ali passasse. Os policiais estavam usando a farda de seu estado, não era apropriado ficar circulando assim. Com roupas civis, Torbes e seus amigos percorreram guichê por guichê de empresas rodoviárias que faziam a linha Rio de Janeiro - Vitória do Espírito Santo, explicando suas situações e tentando carona nos ônibus. Após diversas tentativas, enfim uma empresa permitiu o embarque dos seis. O próximo ônibus sairia somente a 01h da manhã. Aquela seria a segunda noite em claro dos policiais.

A viagem foi longa, mas as 08h da manhã os policiais já estavam na rodoviária. Tinha sido 42 horas de muita luta para chegar até ali e, chegando a cidade de Vitória, surgiu um outro problema: Eles não tinham onde ficar.

Do orelhão da rodoviária, Cabral ligou para um policial da cidade que ele havia conhecido no curso de imobilizações táticas. Explicou tudo a ele e meia hora depois, estava lá o policial capixaba com um Fiat uno, na entrada da rodoviária para ajudar os gaúchos.

Até hoje, matemático algum pôde explicar como coube sete policiais, contando com o motorista, dentro de um Fiat Uno! O que se sabe é que a boa vontade entre os policiais, principalmente entre os brasileiros, é algo surpreendente. Anghinoni, o tal policial capixaba, logo que recebeu o telefonema de Cabral, passou no clube

de cabos e soldados da cidade e conseguiu que os colegas gaúchos ficassem alojados por lá. Já não estavam na rua. As cosias começavam a se ajeitar. A estrutura do clube era precária, eles dormiam em colchonetes no chão e tomavam banho de mangueira. O banheiro só tinha mesmo o vaso sanitário, mas ainda sim era um teto.

Perto dali, havia um boteco de vender lanches. O clube estava localizado na periferia da cidade. Periferia tem seus problemas, no entanto é um lugar de gente solidária e aberta a novas amizades. Logo os gaúchos, com seus chimarrões e sotaque diferentes se tornaram a atração da redondeza.

Dona Maria, tinha orgulho de duas coisas na vida: De sua kombi e de seu filho. Wallas era um jovem que servia ao exército e era apaixonado pela profissão. Queria ser militar desde que começou a querer ser alguma coisa. Para ajudar a manter a casa, Dona Maria se virava como podia. Uma das coisas que fazia para ganhar um extra era, no final de semana, levar a rapaziada do futebol para os campeonatos em outros bairros.

No mesmo dia em que chegaram ao clube de cabos e soldados, os gaúchos fizeram amizade com o pessoal do boteco, que logo indicaram Dona Maria para levá-los e trazê-los todos os dias do curso. Dona Maria aceitou e fez aquele precinho camarada, desde que cada dia um dos gaúchos tirassem uma foto ao lado dela no banco da frente da kombi. Era para guardar de recordação.

O pessoal do boteco logo se afeiçoou aos novos vizinhos e procuraram ajudar como podiam. Os gaúchos passavam o dia inteiro no curso e, ao retornarem para o clube, passavam antes no boteco para pegar o arroz com galinha que o pessoal preparava para eles também por um preço camarada. O que ninguém, fora os seis policiais, sabia era que aquela era a única refeição que os gaúchos faziam no dia.

O treinamento puxado aliado à alimentação deficiente, logo cobrou seu preço. Todas as tardes Torbes tinha fortes dores de cabeça. A equipe da organização do evento, medicava o aluno que logo voltava ao treinamento, contrariando as ordens dos enfermeiros de plantão. Muitas vezes, Torbes pagava flexões ainda com o braço sangrando da injeção tomada a pouco.

Ninguém nunca teria descoberto a história daquele grupo de guerreiros se não fosse por causa do treinamento de tiro. Toda a turma de mais de cinquenta homens já estava em forma para o início da aula, quando os gaúchos procuraram Evandro, que atuava como tradutor do policial da S.W.A.T. que daria aquela instrução, e contaram que não poderiam participar, porque não tinham nenhuma arma, nem munição, nem colete.

Evandro traduziu cada palavra para o instrutor que, imediatamente, mandou os policiais gaúchos ficarem em forma dois passos a frente do restante da turma. Daí para frente, seguiram-se mais de dez minutos de uma bronca fenomenal. Na concepção do policial norte-americano, aquilo era um desrespeito com a

instrução e com os colegas de treinamento.

Torbes e os seus amigos escutaram tudo com um nó na garganta. As palavras eram tão duras que Evandro tentava amenizá-las ao traduzir. Os olhares de desaprovação dos colegas de curso eram nítidos.

Torbes não tinha ido ali e passado por tudo aquilo para ser injustiçado novamente. Assim que o instrutor terminou seu discurso, ele engoliu as lágrimas e pediu permissão para falar. Contou tudo que ele e os amigos estavam passando para estar ali.

O instrutor ouvia atentamente a tradução de Evandro, ele não fazia ideia de que uma coisa daquelas pudesse acontecer. Em seu país, os policiais eram incentivados a treinar. Dali para frente, aqueles alunos eram, para ele, exemplos de vida.

Os policiais gaúchos estavam tão envergonhados que quase não perceberam que os outros companheiros, colegas de curso, começaram, cada um, doar suas próprias munições. O instrutor quase foi as lágrimas quando um dos alunos lhe entregou uma bolsa de lona cheia de munições, doada por todos os alunos, para que os colegas participassem do treinamento. Eles também se revezavam no uso das armas e dos coletes.

Não foi fácil, mas o time dos policiais do Rio Grande do Sul conseguiram concluir o treinamento de elite e voltar para as suas casas com o peito repleto de orgulho.

Uma semana após retornarem aos seus postos, foram chamados a sala do comandante.

— Senhores, soubemos do provável esconderijo do Faraó. Como vocês sabem, ele é o assassino do cabo Almeida. O coronel disse ao governador que não precisamos chamar o GATE para esta operação já que temos aqui, em nossa brigada, um time de policiais treinados pela S.W.A.T. A missão é de vocês. — Determinou o coronel.

Torbes e os outros cinco policiais não podiam acreditar naquilo! Na hora de irem treinar ninguém havia ajudado com nada, nem com uma palavra, e agora eles eram usados como se suas capacitações fossem mérito do comandante!

Mesmo com toda revolta, o time treinado pela S.W.A.T. cumpriu a missão. Não em honra do comandante ou do coronel, mas sim em nome do policial assassinado. A operação foi um sucesso e se tornou capa de vários jornais. Não teria sido assim se não fossem as técnicas aprendidas a tanto custo naquele que foi o primeiro SWAT-Brasil. Torbes e Aldair são hoje dois dos principais instrutores do C.A.T.I., os outros quatro policiais ainda estão na ativa na polícia do Rio Grande do Sul.

Muitos não podiam acreditar que todas essas coisas aconteceram na vida de

Marcos com a mesma velocidade de um filme de ação. No entanto, foram anos de trabalho que separaram aqueles rapazes da porta de entrada da academia até o encontro com a S.W.A.T.

Costumo dizer que nós perdemos muito em sermos “imediatistas”. Estamos desaprendendo em apostar no futuro, em um objetivo de vida. Quem vive só o presente, não sonha. Quem não sonha, não realiza. Deixamos de acreditar no amanhã e nos esquecemos de que o amanhã sempre chega. Não queremos pensar no futuro nem na velhice, mas se tudo der certo, as duas coisas vão acontecer. Então porque não começar a cultivar hoje coisas que queremos colher no amanhã? Lembro que, quando criança, escutava os adultos falarem que a única certeza da vida é a morte. Ouvindo isso, eu pensava: - A única certeza da vida é a vida! A morte não é certeza, é uma possibilidade. A certeza de que eu tenho é a vida!

Aquele grupo de amigos trabalhava no presente, plantando o futuro. É assim que se deve ser.

Com a repercussão do trabalho nos Estados Unidos, a mídia norte-americana estava sempre realizando matérias com o Marcos do Val. Uma coisa é preciso admitir: Os norte-americanos têm a cultura do sonho e do objetivo e, para eles, toda a história do brasileiro exemplificava muito bem estes conceitos.

Em uma ocasião na qual a BBC transmitia uma entrevista com o brasileiro, coincidentemente, estava, nos Estados Unidos, para prestigiar o *Brazilian Day*, o apresentador Jô Soares que assistiu à matéria. Na mesma hora, o Jô, como era mais conhecido, percebeu de que se tratava dos meninos que há alguns anos havia estado em seu antigo programa no SBT. Agora contratado pela Rede Globo, com novo programa, o apresentador apressou-se a convidar a equipe para participar de seu novo programa.

Marcos e sua equipe aceitaram de cara. Dar entrevistas em programas pelo mundo era bom, mas não se comparava a emoção de falar para seu próprio povo, na terra natal, sabendo que os amigos e familiares estariam assistindo. Na década de noventa, as TVs por assinatura ainda não eram tão populares no Brasil. Um programa nos Estados Unidos dificilmente era visto por aqui.

Duas semanas depois, a equipe do C.A.T.I estava novamente nos estúdios do Jô Soares. A repercussão do programa foi muito positiva. Fã do Jô, o Italiano Alfredo, que trabalhava na embaixada da Itália no Brasil, se surpreendeu com as técnicas que viu e logo entrou em contato com Marcos do Val, convidando-o a levar os seus conhecimentos para serem compartilhados com uma polícia que possuía uma missão muito especial: Proteger Sua Santidade o Papa, na época, João Paulo II.

Marcos aceitou o convite para o treinamento, mas por conta de uma diferença de agenda, não teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o Pontífice. Fato que

lamentaria mais tarde já que, independente de religião, considerava João Paulo II como um homem fabuloso. Marcos acreditava que haveria outras oportunidades, mas não houve. Pouco tempo depois, o Papa ficou gravemente doente. Doença que resultou em seu falecimento.

A estadia de Marcos do Val em Roma foi o suficiente apenas para treinar as principais corporações policiais do país, abrir um escritório que ficou aos cuidados de Alfredo e logo voltou para os E.U.A.

Lá, no solo que os acolheu, havia mais uma importante missão: treinar soldados que embarcariam para as missões de paz no Iraque. Marcos não treinava homens para a guerra, ele os treinava para que voltassem vivos para a casa. As técnicas criadas por Marcos não eram letais. Eram eficientes, práticas, mas não letais. A filosofia de trabalho inovadora trazia, arraigada a sabedoria oriental milenar do uso progressivo da força e os conceitos de usar a força do adversário contra ele mesmo.

Com a credibilidade de que o trabalho em parceria com os norte-americanos agregou tanto à empresa quanto às técnicas, a equipe da Budokai sob o comando de Marcos do Val havia ganho o mundo. Aos trinta anos de idade, Marcos era presidente de uma empresa agora multinacional e treinava equipes como a polícia da N.A.S.A, a S.W.A.T, a segurança do Vaticano, os soldados norte-americanos que seguiam em missão para o Iraque, o BOPE do Brasil e muitas outras polícias de elite do mundo.

O trabalho diário com estes times de policiais e a vivência de situações reais, transformaram Marcos em uma referência quando o assunto era situações de alto risco, incluindo situações de negociação. Convidado por redes de TV e produtores de filmes para atuar como consultor, a cada dia o trabalho de Marcos alcançava maior destaque. No entanto, por ironia do destino, foi ao sair dos Estados Unidos e vim dar uma consultoria no Brasil que ele viu sua reputação e sua empresa enfrentar uma das maiores crises de imagem da história. *****

— Marcos, não entra nessa! Deixa para lá cara! Aconselhou Mauro. — Deixar para lá Mauro? E o que é que eu vou fazer com todos os telefonemas, e-mails e recados que eu tenho recebido dos amigos, alunos e parceiros policiais de lá? Está acontecendo a mesma coisa que aconteceu no sequestro do ônibus 174.

— Pois é, ninguém esquece esse caso. Argumentou Mauro.

— Ninguém esqueceu Mauro, porque teve tanta interferência política no caso do 174 que a polícia ficou sem saber a quem obedecer. Acabou que morreu refém e bandido e o pessoal do BOPE foi massacrado pela imprensa. Eu entendo porque tantos amigos policiais estão me ligando, pedindo para que eu me posicione de forma técnica, abra a boca e diga na imprensa que essas coisas têm acontecido porque os políticos ficam opinando sem entender do assunto, sem considerar os protocolos de procedimento, sem lembrar que o policial que está ali foi treinado

para aquilo. Desabafou Marcos.

— Marcos, eu compreendo que os caras estão precisando de um porta voz já que eles não podem ir na imprensa e dizer tudo isso. O policial que comprar essa briga vai ser perseguido pelo resto da vida e, na visão deles, isso não vai acontecer com você que é civil e seria ouvido por seu respaldo como instrutor da SWAT... Mas até que ponto realmente você não seria perseguido? Já parou para pensar nisso? Já parou para pensar no tamanho dos inimigos que você pode conseguir com isso? — Quis saber Mauro.

— Não, eu não parei e nem vou parar, senão acabo não fazendo nada! Não dá para ficar aqui em minha zona de conforto e virar as costas para tantos pedidos de pessoas que me ajudaram a chegar onde cheguei! Argumentou Marcos enquanto acompanhava dos Estados Unidos, pela internet, uma das mais longas e dramáticas ações com reféns no Brasil.

— Evandro, já estou vendo tudo! O Marcos vai se envolver nesse caso. Uma grande quantidade de policiais amigo dele estão ligando e pedindo que ele aceite dar essas entrevistas. As redes de TV do Brasil também não param de procurá-lo. Nunca o vi se envolver tanto em um caso de sequestro. Deve ser porque é no Brasil. Para acabar de completar, parece que a polícia mandou ou permitiu que uma das meninas que havia sido libertada do cativo voltasse ao cativo. Estão acontecendo uns absurdos assim. Ai junta uma coisa com a outra... — Observou Mauro.

— Eu também acho que ele não vai deixar de atender ao pedido dos caras de lá, se fosse só o assédio da imprensa não mexeria muito com ele, mas quando entra pedido de guerreiro no meio da história aí não tem jeito. Concluiu Evandro e continuou Hoje quando cheguei a casa do Marcos, ele estava em conferência pela internet com outros instrutores e negociadores de vários países, inclusive com o Lucca e o D’Alessandro.

— O Lucca? Mas ele é um dos melhores negociadores do Brasil e o D’Alessandro é um dos melhores dos E.U.A. inclusive o Lucca é reconhecido até aqui nos Estados Unidos. Lembra que nos encontros da S.W.A.T os caras ficavam horas sentados escutando a palestra dele e não se levantavam nem para ir ao banheiro? Comentou Mauro.

— E olha que manter aqueles caras que são “elétricos”, acostumados à ação, cheios de adrenalina, sentados por um dia inteiro não é coisa para qualquer um. Completou Evandro.

— Mas foi o Lucca que mandou a menina voltar para o cativo? Quis saber Mauro.

— Não. O Lucca está na ativa, mas não está mais no GATE. O caso é do GATE. Quem permitiu o retorno da refém foi o time de negociadores que está no comando. Explicou Evandro.

Os meninos sabiam do que estavam falando. Todo mundo sabia que as

autoridades brasileiras não lidavam bem com casos policiais onde havia ampla cobertura da mídia. O jogo de interesses sempre falava mais alto do que o profissionalismo e a perícia.

— Alô! Oi Marcos, você vai mesmo então?

— Nem precisa me contar nada, quando teu telefone tocou, eu já sabia que era o Marcos e que ele está voando para o Brasil. Estou certo? Perguntou Evandro.

— Certíssimo! Ele aceitou o convite para falar sobre o caso. Já está indo para o aeroporto e vai embarcar para o Brasil.

— Pronto, então agora se prepare para o que vem por aí! O Marcos não vai fazer como alguns comentaristas que pisam em ovos na hora de apontar erros. Ele não deve favor. Ele foi para dizer que a culpa do que vai acontecer não é só da polícia e ele vai dizer, pode se preparar. Constatou Evandro.

Marcos chegou ao Brasil e encontrou o país totalmente voltado para o caso da menina Eloá. O sequestro já se arrastava por mais de noventa horas e lhe parecia claro que o final seria trágico.

Situações com reféns fazem parte do cotidiano da polícia norte-americana. Em Dallas, onde Marcos morava e acompanhava muitas operações do time da S.W.A.T sob o comando de D'Alesandro, aconteciam cerca de dois assaltos com reféns por mês e há vinte e seis anos nenhum refém era morto. Lá a polícia age de pronto e com autonomia. Nenhuma negociação se arrasta por mais de vinte e quatro horas, aliás, nenhuma negociação chega a vinte e quatro horas! A negociação mais longa da história da S.W.A.T durou apenas nove horas.

Nenhuma negociação é concluída às pressas. Muitas vezes o negociador quando percebe que o sequestrador está sob o efeito de droga ou bebida, tenta ganhar tempo para que os efeitos passem e ele possa obter melhores resultados racionais. Mas isso não significa esperar dias, a coisa tem que ser resolvida e é resolvida no menor espaço de tempo possível.

Quando o negociador percebe que não está conseguindo avançar, ele autoriza o sniper para que, na primeira oportunidade, abata o sequestrador. Não importa quantos anos o sequestrador tem nem os motivos do sequestro. Ameaça é ameaça e oportunidade é oportunidade.

— Não entendo porque não deram o caso ao Lucca. Ele administra essa coisa de imprensa muito bem. Lembra quando um sequestrador invadiu a casa do Sílvio Santos e manteve em cativeiro a filha dele? Comentou Marcos, já no Brasil, com Derlita, sua secretária e braço direito.

— Lembro. Era o Capitão Lucca que estava no comando?

— Sim, e ele conseguiu tirar a refém de lá sã e salva. Nenhum caso poderia dar mais imprensa e mais pressão do que o sequestro da filha do Silvío. — Afirmou Marcos, se referindo ao dono de uma das maiores redes de TV do Brasil e considerado o maior apresentador da televisão brasileira cujo programa de auditório aos domingos era líder absoluto de audiência.

— Então quem está no comando?

— Outro capitão. O cara é do GATE, ele foi quem substitui o capitão Lucca no comando do GATE.

— Os caras de lá são muito bons. Mas o capitão é experiente em negociação? Quantos anos tem de GATE? Quis saber Marcos.

— Ele é um dos fundadores do grupo. E você não sabe da última: Além de devolverem para as mãos do sequestrador a refém que foi solta, a polícia ainda deu uma trégua durante à noite para que o sequestrador pudesse dormir.

— Você está de brincadeira? Espantou-se Marcos.

— Não, não estou. Respondeu Derlita.

— E ainda tem mais: Uma apresentadora de televisão entrevistou ao vivo o sequestrador pelo celular.

— Isso é inacreditável!

— E aí? O que é que você acha disso agora? Quis saber Derlita.

— Meu Deus! Tem vidas ali em jogo! O que essa apresentadora pensa que estava fazendo? Que iria conseguir a rendição de Lindemberg ao vivo e virar heroína nacional? As coisas não funcionam assim! O cara está descontrolado, armado, com duas meninas como reféns. A situação aqui está beirando uma tragédia. — Desabafou e continuou. — Quando devolveram a refém de volta para as garras do sequestrador, é como se a polícia tivesse afirmado que o controle estava nas mãos dele e não nas da polícia. Cara, isso nunca aconteceu em lugar nenhum do mundo! E essa de dar trégua para o cara dormir? Isso existe? Tem que ter pressão psicológica nele, dia e noite, até ele se render por esgotamento ou dar uma oportunidade do atirador de elite agir...

— Oportunidade ele deu. Senta aqui, deixa eu te mostrar essas imagens que apareceram na TV e a gente gravou.

Marcos sentou ao lado de Derlita e viu quando Eloá apareceu na janela do apartamento ao lado do sequestrador, ela pedia calma e jogou uma corda feita de lençóis conhecida no Brasil pelo nome de “tereza”. A intenção era içar comida pela corda improvisada. O sequestro, a esta altura, já durava dois dias. O sequestrador estava por trás de Eloá, quando ela curvou o corpo para jogar a corda, Lindemberg se tornou um alvo fácil. Mas o tiro não foi disparado. Segundo um dos comandantes da operação, era penoso atirar em um rapaz de vinte e poucos anos que estava fazendo aquilo por amor. O detalhe é que a menina sequestrada não era a filha do tal comandante.

— Meu amigo, esse cara era para ter dançado nessa hora! Disse Marcos.

— Eu acho a mesma coisa.

— Eu fico muito indignado com essa história de que bandido é criança, é adolescente. Para mim ele pode ser um recém-nascido mamando no peito da mãe, se ele pegar uma faca e enfiar no coração dela, ele é um assassino feito qualquer outro. Esse cara não é um jovem, ele é um sequestrador, um criminoso que, queira Deus eu esteja errado, mas está a um passo de virar um assassino.

— A mídia é fogo! Se atirassem no cara assim, ao vivo, ia virar um show nacional. Opinou Derlita.

— Mas já virou um show! Você acha que a jornalista entrevistou o cara ao vivo por quê? Os comandantes não deveriam estar se preocupando em aparecer bem na tela ou pagarem de bonzinhos não. O mais importante deveria ser salvar a vida dessa menina, aliás, agora das duas já que devolveram a que estava liberta! Eloá era uma jovem de quinze anos de idade e morava na periferia de uma das maiores cidades brasileiras. Aos doze anos, com consentimento da mãe e do pai, iniciou com Lindemberg o que viria a ser um conturbado namoro. Ele, um rapaz da vizinhança, que frequentava a mesma igreja evangélica que a família da menina e era tido por todos como um rapaz trabalhador e de personalidade calma, desenvolveu uma espécie de possessividade pela namorada, sete anos mais jovem.

Depois de muitas brigas, idas e vindas, Eloá decidiu colocar um ponto final no namoro. O rapaz nunca se conformou e, após um mês do término, Lindemberg resolveu que se vingaria. Os três anos que Eloá passou ao lado dele seriam os três últimos anos de sua vida.

Cabelos longos, pretos e lisos, sorriso fácil, jeito meigo e milhares de planos para o futuro. Eloá nunca perdeu a esperança de sair daquele cativado com vida. Mal sabia ela que seu drama havia se transformado numa guerra por audiência entre as grandes redes de TV e que sua saga agora era avaliada em números do IBOPE.

Muita coisa contribuiu para que o sequestro de Santo André se tornasse um macabro “show” televisivo: A proximidade da cidade com as sedes das grandes redes televisivas (detalhe que facilitava em muito a cobertura), o desfecho demorado, a beleza e juventude cativantes de Eloá e o grande interesse do público por mais um drama da vida real.

De repente correria, a polícia diz ter ouvido um barulho estranho...

Provavelmente um tiro. Resolveram então invadir o apartamento. Mesmo após arrombarem a porta usando explosivos, a polícia levou 15 segundos para entrar no cativado. Parece pouco? Então imagine um sequestrador descontrolado, armado, com instinto suicida, com duas garotas reféns e 15 segundos para concluir seu plano enquanto a polícia entrou para pegá-lo. Pare essa leitura agora e conte até 15.

1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15... Só agora a polícia entra!

Percebeu a eternidade de que são 15 segundos?

Acostumados com o enredo das novelas, onde é lei o mocinho vencer sempre, a polícia prender ou matar o bandido e a vítima sempre ter um final feliz, a morte de Eloá mostrou ao público que ser “público” da vida real é acompanhar a novela da vida real onde nem tudo sempre dá certo. Na vida real, a morte é de verdade, a dor é de verdade e muita coisa não sai como o planejado.

Principalmente se não houver “o planejado”.

Eloá, aos quinze anos de idade, terminou a vida em um ponto onde a maioria está apenas começando. Foi um choque de realidade em um país que já deveria ter aprendido que em determinados casos é preciso mais do que otimismo e torcida, é preciso técnica e perícia.

O desfecho trágico do caso foi resultado de uma situação levada muito além do extremo e que ultrapassou as portas do inaceitável.

Puxar o gatilho de um revólver leva apenas um segundo. Lindemberg aproveitou o tempo e, sem dó nem piedade, puxou o gatilho bem mais de uma vez. Dois tiros atingiram Eloá e o outro atingiu Naiara. Os quinze segundos levados para a polícia invadir o cativo foi tempo demais.

Eloá, agonizando em um sofá com um tiro na cabeça e outro na barriga. Naiara com um tiro no rosto. Lindemberg fora de controle: Esse foi o cenário que a polícia encontrou ao invadir o apartamento e prendê-lo.

Os policiais arrastaram o sequestrador para fora do cativo. Dali para frente, o que se assistiu com transmissão ao vivo por várias emissoras, foi uma cena lamentável que se resumia em um amontoado de policiais se acotovelando, tentando sem técnica e sem sucesso, imobilizar Lindemberg, um homem longe dos padrões atléticos. Entre chaves de braço que não funcionavam, pisões e pontas pês, o desespero dos policiais ficava óbvio. Eles também estavam no limite. Uma negociação que se arrasta por dias é um calvário físico e psicológico para os profissionais nela envolvidos. Só que a imprensa, na hora de descer a lenha, não lembra disso.

Instantes depois, surgia um policial com Eloá nos braços. Um médico tentava, desesperadamente, atravessar aquele emaranhado de policiais e sequestrador e chegar até a paciente. Não havia uma maca por perto. Aquela cena do policial saindo com Eloá nos braços até poderia ficar boa para um filme, mas na vida real era um risco a mais para a vida da jovem. O mau jeito em carregar a vítima poderia causar o deslocamento das balas e levar a menina a ficar paraplégica, tetraplégica ou ao óbito, caso este último já não tivesse acontecido. O policial fez o que foi treinado para fazer. Não havia maca por perto e a vítima estava ferida, baleada, precisava de socorro urgente. O policial fez o que deu para fazer, ele a socorreu com seu corpo, com seus braços, com seu calor. Se alguém era culpado por a maca não estar ali, esse alguém não era ele.

Também foi em tempo real que o Brasil viu o sangue de Eloá manchar o jaleco branco do médico. Só aí os ilustres telespectadores, incluindo as dezenas de políticos que deveriam estar acompanhando o caso e pensando em como poderiam lucrar algum crédito com aquele episódio, perceberam que o final talvez não fosse tão feliz assim. Na vida real, quando há negligência, pessoas morrem e não se lucra nada com isso.

O país estava calado, chocado, em silêncio. A notícia de que Eloá não havia chegado com vida ao hospital foi a confirmação de um medo que nasceu com a mancha no jaleco. Nunca antes a polícia brasileira havia ficado tão exposta. Nunca a interferência da política e de interesses escusos em casos que deveriam ser tratados como de polícia e não de mídia, foi tão óbvia e flagrantemente desastrosa.

Não quero aqui afirmar que os policiais que atuaram no caso não tenham dado o seu máximo. Imagino como deve ter ficado a cabeça e o coração desses guerreiros que após horas, dias de trabalho seguido, viram o mundo cair sobre suas cabeças.

Marcos ficou arrasado com o desfecho do caso, se sentia incapaz e, de certa forma, culpado. Uma culpa que visitou, ao seu modo, todos que acompanharam o caso. Ninguém acha natural uma pessoa morrer aos 15 anos de idade. Sabendo que Marcos estava no Brasil, as redes de TV ficaram ainda mais ávidas por declarações. Uma entrevista com um dos principais instrutores da S.W.A.T analisando o caso renderia um bom ibope. Além de tudo, eles sabiam que o C.A.T.I não mantinha vínculos políticos, ou seja, Marcos estava entre os poucos que poderia comentar o assunto sem ressalvas.

— Marcos, você vai dar essa entrevista? Perguntou Evandro.

— Vou sim.

— Cara, a mídia é carniceira. Eles vão usar você para ganhar audiência, só isso. Essa coisa de você ser instrutor da S.W.A.T pesa. Cuidado com o que você vai dizer.

— Olha Evandro, eu resolvi que vou. E já que resolvi, então só vale a pena se eu falar tudo que penso. Os erros que vimos muita gente viu também, só que a maioria tem medo de ser punido. Eu tenho meu nome a zelar, tenho o nome do C.A.T.I... Se eu chegar lá e disser que estava tudo certo e que a polícia agiu como deveria, como vamos olhar para os nossos alunos? Que moral nós vamos ter?

Eles sabem que aconteceu uma sequência de erros e eu tenho coragem o suficiente para dizer que os protocolos da polícia para este tipo de ocorrência não foram seguidos, porque houve interferência de políticos dando “pitaco” e ordem! Alguém tem que dizer!

— Não vai! Opinou Mauro, em vídeo conferência pela internet.

— Mas eu já confirmei e é no Fantástico, programa de maior audiência do domingo. Não posso agora simplesmente cancelar tudo.

Não adiantava dizer mais nada, fazia anos que o três trabalhavam juntos, eles se conheciam, Marcos daria a entrevista de qualquer forma.

No dia seguinte um carro da emissora, logo cedo, foi até o hotel buscá-lo para uma entrevista na sede da emissora em São Paulo. Por mais de uma hora, conversou com o repórter, respondeu a todas as perguntas, analisou vídeos do sequestro e não se incomodou em gravar e regravar várias vezes a mesma coisa. Pacientemente o instrutor da S.W.A.T, respondeu com a maior técnica e transparência que pôde a todos os questionamentos. O jornalista, ansioso por um gancho que fizesse sua entrevista saltar na frente da outra entrevista, que estava sendo conduzida por seu colega em outro estúdio com um especialista em segurança pública local, começou a pressionar Marcos para o apontamento de culpados.

— Marcos! O que deu em você para dizer que tem vergonha da polícia brasileira? Você está louco? Não para de chegar mensagens esculhambando com a gente no site do C.A.T.I. Avisou Rejiane, uma das responsáveis pela assessoria de imagem do C.A.T.I.

— Rejiane, minha fala foi editada. Eu disse sim que tinha vergonha de ser brasileiro e saber que a polícia brasileira fez aquilo por sofrer tanta influência das pressões políticas. Eles cortaram. Colocaram só até a frase que eu disse que tinha vergonha de ser brasileiro e saber que a polícia brasileira fez aquilo. Explicou Marcos.

— Marcos, o que tem de gente cancelando curso não é brincadeira! Você tem certeza que editaram tua fala mesmo? Você falou realmente o que está me dizendo? Quis saber Derlita.

— Falei. Eu não iria mentir para você que é da minha equipe e ajudou a fundar o C.A.T.I comigo. Se eu tivesse só falado que tinha vergonha de ser brasileiro e da polícia ter agido da forma que agiu, eu ficava na minha. Dizia a você que fiz merda e tocava para frente. Mas eles editaram, a frase ficou fora de contexto! Reconheceu.

— Só tem um jeito... Sugeri Rejiane.

— Qual? Quis saber Marcos.

— Aceite o convite da Ana Maria Braga e vá ao programa dela que é ao vivo. Diga no ar que sua fala foi editada, foi cortada e ficou fora de contexto. Agora tem que ser ao vivo e tem que ser na lata. Se for gravado, eles podem editar novamente.

— Rejiane, acho que você teve uma ideia genial!

— Então vá! Não tem muito o que pensar não. O estrago na sua imagem foi grande demais. Não faz nem uma hora que eles exibiram a entrevista e já chegaram quase cem e-mails descendo a lenha na gente. O pior é que a única forma de defesa é você dizer em rede nacional que editaram sua entrevista, de nenhuma outra forma a galera vai acreditar. Aconselhou Rejiane. — Quando é o

programa?

— Amanhã. Respondeu Marcos.

— Rejiane, tem uma pressão enorme em cima deles. Imagina quantas cabeças vão rolar dentro da corporação do GATE? Aqui fora, para a imprensa, é uma coisa. Mas nós sabemos que lá dentro o cacete deita, eles vão ser cobrados por aquilo que não receberam. O GATE é um time de polícia excelente, temos vários instrutores que são de lá, sabemos do potencial e da garra dos caras. Eles entraram em uma “cruzeta” quando pegaram esse caso. Se bem que eles não tinham muitas opções. O comando mandava e eles cumpriam. É assim em toda parte. Explicou Marcos.

— Bem, pense o que você quiser, mas eu tive vergonha de ser brasileira. De quem é a culpa é outra questão. A verdade gritou na tela! Como é que se vão colocar panos quentes naquilo tudo? É muita falsidade dizer que não tem uma porrada de coisa aqui que a gente se envergonha. Eu posso falar, sou brasileira, pago meus impostos, não vendo meu voto nas eleições, sou um pessoa honesta, eu me envergonho dessa lama toda sim!

— Não dá para discordar totalmente de você. Mas não foi isso que eu disse e não vou deixar meu pescoço na guilhotina por um erro que eu não cometi.

— É assim que se fala. Daqui a pouco os ânimos se acalmam e a galera vai entender o que você falou.

No dia seguinte, Marcos pegou o primeiro avião em direção ao Rio de Janeiro e aproveitou o convite para participar de um dos programas de maior credibilidade das manhãs brasileiras, o “Mais Você”, para esclarecer toda a situação. A apresentadora, Ana Maria Braga, com formação jornalista e ética, deu oportunidade dele falar ao vivo tudo que quisesse, sem edições, sem cortes. O programa foi um sucesso e Marcos expôs seu orgulho em ser brasileiro e sua decepção nas ações policiais no Brasil ainda sofrerem tanta influência política. Apesar dos esclarecimentos imediatos e da alta audiência do programa, muitos policiais ainda se sentiram magoados com o mal entendido e Marcos mergulhou em um momento difícil no Brasil. A crise veio mais por consequências políticas e pelas perseguições lideradas pelo então governador de São Paulo e seus aliados do que propriamente pelo mal entendido com os policiais que pouco a pouco entenderam a verdadeira mensagem passada por Marcos. *****

— Chama o soldado Santiago e o Souza. Ordenou o Coronel Pinheiro Neto, comandante do Batalhão de Operações Policiais Especiais do Rio de Janeiro, o BOPE.

— Pois não coronel. Responderam cinco minutos depois os dois policiais em forma na frente daquela antiga mesa de madeira, cheia de papéis com a qual o coronel ainda tentava se entender.

— São vocês que pintam as paredes e abrem letreiros aqui no batalhão?

Perguntou o coronel.

— Sim senhor. Respondeu o soldado Santiago.

— Peguem essas tintas aqui e pintem, no muro principal da quadra, o seguinte: “Sou policial e tenho orgulho de ser brasileiros!”.

— Agora mesmo coronel. Prontificou-se o soldado Souza.

Os policiais apanharam as tintas e os pinceis colocados em um canto perto da porta e saíram em silêncio. Sabiam que o coronel estava querendo ganhar a tropa e, provavelmente, não havia visto a entrevista de Marcos no programa da Ana Maria Braga onde ele esclareceu tudo.

A segunda entrevista não havia alcançado a repercussão da primeira, o que comentava-se em todas as rodas de conversa do batalhão era a entrevista dada no programa da noite do domingo. Alguns concordavam com Marcos, outros discordavam. Todos comentavam e se posicionavam de alguma forma. O assunto tinha ficado tão polêmico entre os policiais quanto o próprio sequestro de Eloá.

— Marcos, está complicada a coisa. Os nossos cursos estão sendo cancelados em efeito cascata! Desse jeito não vamos ter renda nem para pagar as contas do escritório. Advertiu Derlita, quase um mês após a entrevista no fantástico.

— Eu não sei mais o que fazer Derlita. Tenho respondido todos os e-mails que tocam no assunto pessoalmente. Dei a entrevista com as explicações, mas parece que tem gente que não quer entender.

— Marcos, fecha o C.A.T.I Brasil e toca a empresa lá fora cara! Você está muito bem nos Estados Unidos, na Europa toda, não quebra sua cabeça com isso aqui não. Opinou Rejiane.

— Eu não vou fechar o C.A.T.I no Brasil, estou até pensando em me mudar para cá e tentar ver se assim, estando mais perto, eu consigo consertar as coisas. Confessou Marcos.

— Você o quê? Surpreendeu-se Rejiane. Nos Estados Unidos, você tinha uma bela casa, um invejável carro e o respeito das maiores autoridades em segurança pública. Como poderia alguém deixar tudo isso para trás e vim morar em um país onde estava sendo massacrado?

— Você não vai fazer isso Marcos, não há necessidade. Esquece essa coisa de orgulho ferido, você não tem que provar mais nada aqui no Brasil. Ninguém aqui chegou tão longe na nossa área quanto você. Manda se ferrar, pega tuas coisas e vai embora! – Sugeriu Evandro.

— Eu vou ficar. Só saio daqui quando o C.A.T.I no Brasil se reerguer. Eu amo muito os Estados Unidos, mas não há lugar que eu ame mais do que o Brasil. Decidiu Marcos.

— Poxa vida Marcos! Mais que teimosia hein? Reclamou Rejiane. *****

— Como estão as coisas Derlita?— Quis saber Marcos, logo após o fechamento da contabilidade mensal do C.A.T.I Brasil, dois meses após os acontecimentos.

— Este mês, assim como no mês passado, as despesas superaram a receita, Marcos.

— Não tem problema, tenho economias, se for preciso eu vendo minha casa e meu carro nos Estados Unidos, mas que eu vou reerguer o C.A.T.I no Brasil, isso eu vou.

— Pensa bem Marcos, pensa bem!

— Eu já pensei. Eu comecei aqui, boa parte das pessoas que acreditaram em tudo isso que o C.A.T.I se transformou estão aqui. Não vou começar a quebrar justamente onde a empresa é mais importante para mim.

Apesar de toda vontade de ficar, a situação financeira do C.A.T.I no Brasil chegou a tal ponto que Marcos teve, sim, de voltar aos Estados Unidos. Lá ele sabia que os ganhos alcançavam outro patamar e o dinheiro ajudaria a cobrir os prejuízos no Brasil. Além de tudo, havia a Carolina, uma bela garotinha de três anos de idade, filha de Marcos e nascida em solo texano.

Marcos voltou e logo recebeu a notícia de que precisava aguardar, em solo norte-americano, a expedição de seu visto de trabalho. O que Marcos não sabia, era que, por indicação dos amigos da S.W.A.T e com referência da própria NASA, o documento que estava sendo preparado era uma honraria concedida a poucos. Tratava-se do visto 01 e Marcos seria o único brasileiro na história da área da Segurança Pública a receber do Governo Federal dos Estados Unidos o famoso visto de trabalho “01”, designado apenas para pessoas que atingiram o topo na sua profissão, por ter sido reconhecido e condecorado internacionalmente e que tenham habilidades extraordinárias de interesse do governo federal americano. Este visto é concedido somente para um seletivo grupo que auxilia o Serviço de Proteção dos EUA criado após os atentados terroristas.

Junto com este impedimento para novas viagens, veio também uma enorme crise no casamento e a notícia de que Derlita estava com um câncer extremamente agressivo.

Realmente o mundo parecia estar caindo em cima da cabeça de Marcos que por conta de seu posicionamento das declarações dadas no Brasil, havia feito inimigos ferozes em solo tupiniquim.

Dentre estes novos inimigos, existia um que tinha especial dedicação em atingir o jovem instrutor da SWAT, fosse da forma que fosse. Tratava-se de um blogueiro ligado à revista Veja. Marcos não conseguia entender o porquê de tanta cisma, no entanto, sua intuição lhe dizia que ou havia motivos ocultos ou o blogueiro escrevia para alguém ou por alguém.

A vida que Marcos levava nos Estados Unidos tinha um ritmo muito diferente da que sempre levou no Brasil. O C.A.T.I. havia se tornado uma das maiores empresas mundiais de cursos para a polícia e os trabalhos burocráticos,

entrevistas e ações administrativas tomavam quase todo o tempo de seu presidente. A ausência da prática de exercícios combinada com todo o *fast food* que Marcos consumia em sua apressada rotina, havia transformado o ágil professor de aikidô em um homem obeso, com problemas de saúde e baixa auto-estima.

Os 40 quilos em excesso de peso era uma de suas maiores angústias, um ponto que o fazia sentir vencido, envergonhado. O homem, antes de rosto delicado e corpo esguio, agora estava aprisionado dentro de um corpo que pesava mais de 120 quilos.

Os ataques a Marcos no Brasil continuavam por todos os lados e de todos os meios. Os inimigos, sem nome ou rosto, procuravam falhas ou fraudes que pudessem impedir que o trabalho dos instrutores prosseguisse. Sem saber, ao criticar a interferência política no trabalho da polícia no caso do sequestro de Eloá, ele havia adquirido inimigos poderosos.

As varreduras em busca de falcaturas dentro da empresa foram em vão. Os profissionais do C.A.T.I acostumaram-se a trabalhar com policiais especializados e seguiam, sem problemas, regras de conduta muito rígidas para se adequarem aos padrões de qualidade exigido mundo a fora. Percebendo que a empresa estava “blindada”, os adversários de Marcos começaram a atacar o “homem”, sua auto-estima e seu amor próprio. Como dizia o capitão Lucca, como eles não podiam derrubar o argumento, tentavam derrubar o argumentador.

A internet, área livre onde se pode agredir sem mostrar o nome ou o rosto, foi a arma ideal encontrada para disseminar humilhações e agressões. *Fakes* surgiam na internet às dezenas, postando em centenas de blogs e sites críticas pejorativas, tendo como mote a atual forma física de Marcos.

Percebia-se, pelo enredo do texto, que não havia isonomia, princípio básico do jornalismo, nas palavras de ataque escritas e postadas no blog vinculado a revista *Veja*. Na verdade, o tempo mostrou que eram aqueles textos sob encomenda com o propósito de perseguir quem tinha tido a coragem de dizer o que os políticos da época precisavam escutar. Os ataques eram tão direcionados que nunca eram feitas críticas ou questionamentos sobre os demais instrutores do C.A.T.I., apenas contra seu presidente. Começaram também a surgir dezenas de telefonemas provenientes do Brasil para as S.W.A.T's norte-americanas questionando se realmente eles haviam recebido treinamento de Marcos do Val. O respaldo e o reconhecimento internacional despertavam a inveja e a ganância de muita gente que atuava na mesma linha de mercado no Brasil, inclusive daqueles que trabalhavam com privilégios recebidos dos padrinhos políticos. Muitos oficiais de alta patente estavam de olho no lucrativo mercado dos cursos de capacitação. O detalhe é que, para aumentar os lucros, muitas destas empresas trabalhavam com instrutores sem o preparo necessário. Não observavam diretrizes internacionais de segurança em treinamentos, não

investiam em equipamentos de ponta, nem tão pouco se preocupavam com princípios de direitos humanos. O resultado era o aumento do lucro ao custo do risco de vida dos alunos que se expunham ao perigo de acidentes graves. O estado, através de contratos direcionados, ou o próprio policial pagava caro por um curso do qual era melhor nem ter participado.

Marcos telefonava quase todos os dias para Derlita. A cada telefonema sentia sua voz mais frágil. Sabia que ela levava trabalho até para o quarto do hospital e parou de pedir para que ela não fizesse isso, foi então que num determinado dia, uma das enfermeiras, conversando com ele por telefone, disse que aquilo ajudava a mantê-la viva.

No Texas, a vida pessoal de Marcos não estava nada bem. O casamento já anunciava estar chegando ao fim e ele se culpava pensando em ter contribuído para o fim do encanto com tantas ausências e viagens.

Numa madrugada, enquanto Marcos virava a internet tentando descobrir porque o tal blogueiro o bombardeava tanto, descobriu fotos dele com o então governador do Estado de São Paulo, estado onde havia acontecido o sequestro e morte de Eloá. Estava tudo explicado.

Marcos estava tão compenetrado em suas buscas na internet que quase não sentiu um calorzinho nos seus pés. Olhou com cuidado e percebeu que Carol, com três anos de idade, havia se aninhado e dormido ali, agarrada nos pés do pai. Seu coração quis parar quando ele lembrou que há algumas horas a pequena tinha pulado em seu colo, chamando-lhe para ir dormir e ele, preocupado com as pesquisas, tinha ralhado com ela. Querendo a companhia do pai, a menina ficou ali mesmo e Marcos só agora percebera.

Marcos estava chegando ao seu limite. No dia seguinte ligou para Derlita, mas quem atendeu o telefone foi o médico que comunicou, de forma bastante objetiva, que tudo que ele tivesse para dizer a amiga, falasse naquela oportunidade. Com muitas dores e já em estado terminal, dali em diante ela seria sedada para que tivesse a oportunidade de partir sem sentir tanta dor.

O médico repassou o telefone para Derlita que nunca soube da conversa tida anteriormente. Marcos não disse tudo que desejava, não disse o quanto a amava e o quanto era grato por tudo. Ele não queria que a amiga percebesse a despedida. Pelo contrário, ele disse que ela descansasse e ficasse bem.

O sacrifício de calar os agradecimentos e a despedida foi a última e mais sofrida prova de amizade dada. Ele sabia que realmente não haveria outra oportunidade. Mas em vez do desabafo dos seus sentimentos, preferiu optar pelas palavras de esperança. Poucos dias depois, Derlita faleceu.

Por um destes motivos do destino que ninguém nunca poderá saber, somente uma semana após a morte dela, chegou o visto de trabalho de Marcos e ele pôde viajar para o Brasil.

A primeira coisa que Marcos fez ao chegar lá foi ir ao túmulo de Derlita. Chovia muito e ele se sentou e chorou. Ficou ali sabe Deus quanto tempo. Dizendo tudo que tinha vontade, desabafando a falta que sentia, pedindo perdão pela ausência, morrendo um pouco também.

O retorno definitivo para o Brasil não seria fácil. Muitas vezes, o caminho de volta é o mais difícil de ser percorrido. As pessoas nem sempre entendem que o tempo, por obrigação divina, deixa suas marcas e não se pode cobrar que o homem que foi, seja o mesmo que volta. No caso de Marcos, ainda havia outro agravante: o peso.

Nada estava fácil. O casamento havia chegado ao fim e sua filha Carol agora vivia no Brasil com a mãe, sua ex-mulher. De todas as faltas que Marcos havia sentido na vida, nenhuma se comparava a dor da falta que sentia da sua filha. De todas as dores, aquela era a única que ele não tinha como suportar.

Ele sentia como se todos o olhassem com estranheza devido ao seu peso que só aumentava. Parecia até que seus quilos a mais aumentavam na proporção que seus problemas aumentavam. O que Marcos não sabia é que era exatamente assim que acontecia. Ansioso por natureza, com o acúmulo de tantas funções e tantos problemas, sem a filha, o antes atleta agora encontrava subterfúgio na comida que era, ao mesmo tempo, seu consolo e seu algoz.

Como não pode chover para sempre, poucos dias depois de chegar ao Brasil, Marcos recebeu um e-mail que começaria a mudar o sentimento de frustração que o vinha perseguindo: em seu e-mail havia um vídeo enviado pelos amigos da SWAT de Dallas falando sobre a importância do trabalho do brasileiro para aquela instituição e aquele país.

É difícil perceber uma saída quando nos encontramos cercados por escuridão.

Ao receber o vídeo, a primeira percepção de Marcos foi pensar:

— Meu Deus do céu, então eles já estão sabendo de tudo que aconteceu aqui!

Será que tem perigo deles cancelarem o treinamento previsto para o mês que vem por causa das repercussões negativas da minha entrevista aqui?

Preocupouse. Se isso acontecer eu estou ferrado!

Marcos, ansioso, imediatamente começou a baixar o vídeo. Tinha quase certeza de que era um vídeo dando conta do cancelamento dos trabalhos.

“Por 10 anos Marcos do Val tem estado aqui no Texas, nos Estados Unidos ensinando suas técnicas para todos nós da SWAT. Nós gostaríamos muito de agradecê-lo por sua dedicação e profissionalismo!” – Dizia um trecho do depoimento do Comandante D’Alessandro.

Ao ver o conteúdo da gravação, as palavras generosas do comandante da SWAT, o depoimento dos policiais, Marcos se sentiu abraçado e, às vezes, um abraço é tudo que uma pessoa precisa para se reerguer.

Em janeiro de 2010, Marcos foi convidado para dar consultoria no filme Tropa de Elite II – O inimigo agora é outro. Além de treinar os atores principais para as cenas de ação, ele também ajudou a escolher os figurantes. Assim, o filme teve a oportunidade de ter não só um elenco principal de primeira, que passava realidade as cenas como também um corpo de figurantes de primeira, que as conhecia na realidade. Os figurantes eram policiais e alunos de Marcos. Outro diferencial que fez o Tropa de Elite II fazer todo sentido para muita gente foi o fato de, corajosamente, o diretor José Padilha mostrar em seu enredo todo o mal causado pela interferência, quando tendenciosa, da política no trabalho da polícia.

Marcos realizou sua consultoria e ajudou no que foi possível, só não imaginava que a equipe do filme havia lhe reservado uma homenagem: em uma cena, na sala do Coronel Nascimento, a produção do filme colocou uma grande bandeira da empresa criada por Marcos e que representava todo o espírito do filme. Foi uma forma de dizer muito obrigado ao homem que, antes da concepção daquele roteiro, já levantava as mesmas questões abordadas naquela obra e pagou altos preços por isso.

O filme e a repercussão das ideias apresentadas fizeram Marcos se sentir acalentado, recompensado... De alguma forma, toda aquela briga havia valido a pena. O sonho dele já não era só dele.

Novembro de 2010, o Rio de Janeiro, um dos principais cartões postais do Brasil, chegou ao limite de convivência com o tráfico de drogas e o crime organizado. As dezenas de morros que formavam a periferia da cidade estavam tomados pelos traficantes. Lá, a segurança pública e as leis formais simplesmente não funcionavam. A única lei existente e respeitada era a do mais forte e a regra em vigor se chamava silêncio.

Centenas de cemitérios clandestinos escondiam ossadas desdentadas. A retirada dos dentes era feita para dificultar o exame de arcada dentária nas vítimas

assassinadas pelos traficantes.

Pessoas, inocentes ou não, eram mortas às centenas e depois queimadas no que os chefes do tráfico chamavam de “micro-ondas”. As vítimas eram colocadas dentro de pneus e estes eram incendiados. A morte, lenta e cercada de agonia, era assistida pelos traficantes que acompanhavam tudo tomando cerveja gelada. O tráfico tem especial prazer pela tortura.

Os chefes desses grupos organizados, conhecidos também como “donos do morro” vivem segundo suas próprias regras. A maioria possui várias mulheres e desfilam fortunas em ouro e pedras preciosas penduradas no pescoço em forma de colares pesadíssimos. Suas casas com banheiras, TVs de última geração, ar condicionado, piscinas, bares e academias de ginástica particulares contrastam com a pobreza dos barracos do restante da população.

Geralmente, esses comandantes do crime não podem sair com frequência da favela. Descer o morro implica em sair de território relativamente seguro e entrar em campo inimigo. A vida deles acaba se resumindo ao dia a dia da favela. Para se divertir, promovem os bailes funk, regados sempre a bebida e cocaína, e com trilha sonora que enaltece os traficantes, seus confrontos com a polícia, as drogas, o sexo fácil e o poder de mando entre a vida e a morte.

Na luta contra o tráfico, na missão de subir o morro, ninguém é melhor do que os caras do BOPE e a única viatura militar que se atreve é o “caveirão”, o blindado mais conhecido da corporação. O cenário de guerra e a realidade de conflito iminente são o cotidiano de quem atua naquele batalhão.

O cenário enfrentado por esses policiais nas favelas é de guerra em todos os sentidos. Se nem sempre a polícia atira para matar, pode estar certo que bandido só se contenta quando vê algum policial morrer. No confronto, os direitos humanos não conseguem subir o morro.

A situação no Rio de Janeiro era de guerrilha e o Estado cada dia perdia mais terreno para o tráfico de drogas. Não havia como garantir os tais direitos fundamentais, muito menos os demais direitos humanos. Um dos direitos fundamentais que, falando grossamente, são aqueles absolutamente necessários para um ser humano viver, é o da segurança garantida pelo Estado. Só que no morro, o estado agora se chamava comando. As autoridades eram os traficantes, e o único direito era o do medo.

Algo tinha que ser feito, pois faltava pouco para que toda a cidade do Rio de Janeiro, uma das maiores do Brasil, estivesse totalmente rendida a criminalidade. Como resposta aos avanços do tráfico, o governo carioca começou a implantar

um plano de retomada dos morros onde, futuramente seriam instaladas as Unidades de Polícia Pacificadora, que ficaram conhecidas como UPP's. As UPP's representariam a força da lei e, por tanto, ameaçavam os comandos paralelos dos traficantes. Elas eram um novo conceito de polícia, com profissionais treinados tanto para atirar com perícia quanto para usar ações sociais e ganhar a confiança dos moradores. O estado começava a investir em capacitação policial e o tráfico não tardou a reagir.

Os principais chefes do crime organizado estavam presos e espalhados por diferentes presídios de segurança máxima em vários estados brasileiros. Mesmo assim, quando souberam das UPP's, conseguiram se articular e formar um audacioso plano de intimidação e ataque. O plano transitou de presídio em presídio até chegar às favelas.

As UPP's eram a ação mais coordenada e ameaçadora de todos os tempos, implantada pelo Estado na área de combate ao crime organizado no Rio de Janeiro. Os traficantes sabiam que a coisa era seria e decidiram agir rápido e energicamente, pegando uma quebra de braços com o governo. A intenção era mostrar quem podia mais.

Os ataques começaram no dia 21 de novembro de 2010 e seguiam o ritmo de uma operação de guerra. Aconteciam em pontos distantes e de forma simultânea, dificultando a ação da polícia que para dar conta de tantas ocorrências precisava dividir seu efetivo. Não passava uma hora entre uma ação criminosa e outra, sendo assim, antes que uma equipe terminasse uma ocorrência, outra ação já estava acontecendo em outro local da cidade.

Em apenas alguns dias, 39 pessoas foram mortas e mais de 180 carros foram incendiados por ordem dos traficantes. Apesar dos apelos do governo para que tocassem suas vidas normalmente, a população estava encurralada em suas casas pelo medo. Os poucos que se arriscavam a sair enfrentavam a falta de transporte público já que os ônibus também eram alvos de incêndios e granadas. Postos e viaturas policiais eram metralhados.

O governador concedia entrevistas coletivas diariamente e em todas afirmava que o estado não iria voltar atrás. Fosse o preço que fosse, a guerra ao tráfico estava declarada.

Pressionado, o Comando da Polícia carioca teve de mostrar força. Milhares de homens deixaram os trabalhos burocráticos nos quartéis e foram para as ruas, as férias e folgas dos policiais foram caçadas, mais de 2.000 militares e civis foram distribuídos nas UPP's de 17 favelas, toneladas de maconhas e armas eram apreendidas de forma progressiva e centenas de fugitivos da polícia eram presos nas operações nos morros.

O cenário era de guerra. As redes de TV colocavam seus repórteres nas ruas com coletes à prova de bala e identificação. O espaço aéreo era monitorado e apenas aeronaves militares ou da imprensa tinham autorização para voar.

Dois anos haviam se passado desde o caso Eloá e Marcos, já divorciado, agora morando no Brasil, se dividia entre sua terra natal e as viagens por todo o mundo, especialmente para os Estados Unidos. O C.A.T.I havia se reerguido. Os encontros promovidos anualmente envolvendo os policiais brasileiros e os policiais da S.W.A.T eram um sucesso. Ele perdia peso gradualmente e, pouco a pouco, deixava no passado tudo que não cabia mais em seu presente ou futuro, inclusive os 40 kg adquiridos durante a tempestade que enfrentou. Agora era visto como um dos principais consultores de segurança pública do planeta. Suas experiências trabalhando com as diferentes polícias e em diferentes contextos haviam lhe rendido uma bagagem única e agora, além dos cursos, ele era convidado para fazer a preparação de atores de filmes de ação e consultoria para documentários importantes de televisão como os da *Discovery Chanel*. Com a crise no Rio, não demoraram para os telefones do escritório do CATI nos Estados Unidos ficarem congestionados de ligações de jornalistas brasileiros e redes internacionais querendo entrevistas e avaliações de Marcos e sua equipe. A guerra carioca era pauta em todos os jornais do Brasil e primeira página nos estrangeiros. Não havia um noticiário importante no mundo que não estivesse cobrindo o assunto.

Marcos geralmente passava um mês no Texas e dois meses no Brasil. Na ocasião da retomada, ele estava em solo norte-americano.

— De novo Marcos? Você vai aceitar esse convite e dar ousadia para tentarem te ferrar novamente. Advertiu Evandro.

— Evandro, a coisa lá está feia demais, o pessoal do BOPE está mergulhado até o pescoço nesse confronto do Rio e hoje me disseram que a PM sozinha não está dando conta, o governo decidiu que vai ser uma ação conjunta da PM, a polícia civil, a polícia federal e as forças armadas. Imagina o que é isso? Interrogou Marcos.

— E desde quando esse povo se entende? Desde quando PM, civil, federal e forças armadas falam a mesma língua? Quis saber Evandro.

— Bem, que eu saiba o único lugar que eles treinam juntos é nos nossos cursos. Muitos dos nossos instrutores estão trabalhando nisso. Eu tenho que ir dar um apoio, ajudar no que for preciso. Dessa vez vai ser diferente.

— Vai, vai ser muito diferente... Você sabe muito bem que tem gente lá que não engole o seu sucesso. Principalmente o fato de você não ser policial.

Marcos não tinha como discutir com Evandro, as experiências do passado mostravam que qualquer pessoa sensata pensaria e agiria exatamente como Evandro.

O BOPE era um dos batalhões mais respeitados do Brasil e do mundo. Todos sabiam que a corrupção não cruzava os portões daquele quartel. Os homens eram selecionados com rigor extremo e todos sabiam que com os caras do

BOPE não havia suborno, ajeitado ou telefonemas de pessoas influentes. Aquela era uma das polícias que Marcos mais admirava no mundo, alguns instrutores que trabalhavam com ele pertenciam ao quadro do BOPE, o mais importante deles era o coronel Zé Pedro.

Zé Pedro era conhecido como “A lenda viva do BOPE”. Foi ele quem ajudou a fundar o batalhão e quase todos os policiais do país já tinham ouvido falar no nome daquele senhor paraibano para o qual toda polícia carioca prestava continência por admiração.

Aos 14 anos, Zé Pedro partiu da Paraíba e da realidade de pobreza. Mentiu a idade para ser aceito como aluno na Marinha, passava noites estudando escondido no convés dos navios aos quais ajudava a limpar. Passou no concurso da Polícia Militar e fez o curso de Direito. Entrou como soldado e trabalhou muito para chegar a patente de Coronel. Mas patente para ele era só um detalhe, ele gostava mesmo era do dia a dia do quartel, de treinar os novatos, de dar suas aulas ao lado do sargento Carlos, um outro paraibano que ele conheceu no BOPE e que o tinha como filho. Para formar o trio, faltava falar de Zenando, também do BOPE, e um dos instrutores discípulo de Zé Pedro.

Zé Pedro era tão importante para o BOPE que foi preciso mudar o regimento da PM do Rio de Janeiro para que ele, mesmo chegando a idade obrigatória de reforma, pudesse continuar no quartel.

Instrutor rígido e respeitado, não se apartava de uma certa varinha durante os cursos. Com voz firme e sem perder um segundo repreendia o aluno que, por exemplo, na simulação de uma entrada na favela, desviava a atenção do foco da ação por qualquer motivo.

— Está vacilando seu nojento? Está louco? Se isso aqui fosse na favela e essa bala fosse de verdade, sua mulher agora era viúva e eu estava com um problema de uma baixa entre meus homens! O senhor preste atenção ou está fora do meu curso! Policial do BOPE quando está subindo a favela não desvia a atenção nem se Juliana Paes passar nua na frente dele!

Apesar de ser considerado um dos instrutores mais rigorosos com os testes físicos e os exercícios militares e de não tolerar manha de aluno, nunca aconteceu um só acidente fatal ou sério durante as aulas do coronel Zé Pedro. Ele se orgulhava em dizer que nunca havia perdido um aluno no curso. As muitas décadas de experiência conferiam ao coronel a exatidão dos limites e ultrapassá-los nunca foi uma opção considerada por ele.

Marcos sempre ria ao contar que, em certa ocasião, trouxe policiais da S.W.A.T para conhecer um curso de Progressões em Favelas ministrado pelo coronel Zé Pedro, no Rio de Janeiro. Os policiais da S.W.A.T simplesmente não entendiam como os policiais do BOPE conseguiam se movimentar com tanto sucesso e

poucas baixas dentro de um ambiente tão cheio de labirintos e armadilhas como as ruas e becos das favelas.

— Zé, esses aqui são nossos amigos da polícia do Texas. Apresentou Marcos.

— *Very nice to meet you guys!* (Muito prazer em conhecer vocês) Disse o coronel, cumprimentando os policiais.

— *It's our pleasure!* (O prazer é nosso.) Respondeu o policial norte-americano. Marcos começou a explicar aos policiais como funcionava o curso, disse também que o coronel era um dos fundadores do batalhão mais especializado no mundo em combates e progressões em favelas. Os policiais olhavam para ele com admiração, mas o que eles não sabiam é que Zé Pedro não era exatamente uma pessoa chegada a longas conversas e aulas teóricas.

Impaciente e sem entender uma palavra das explicações que Marcos agora dava em inglês, o coronel só esperava uma oportunidade para se escafeder dali.

— Essa o Marcos me paga. Pensava Zé Pedro, enquanto ensaiava um sorriso forçado para os visitantes e via, ao longe, o sargento Carlos que sempre o auxiliava nas aulas continuar ministrando o curso.

— Carlos! Carlos! Gritou o coronel.

— Sim coronel?

— Esse aluno saiu para tomar água. Eu dei ordem para alguém tomar água? Que direito ele tem de tomar água antes dos companheiros? Caramba! Esse curso está virando zona! Reclamava o coronel aos berros.

Carlos conhecia Zé Pedro como a palma da mão. Sabia que a reclamação teria acontecido de qualquer forma, mas o coronel iria aproveitá-la para se livrar daquela situação. Carlos chamou de volta o aluno e ficou segurando o riso, sabia que aquilo de ficar ciceroneando visita era, para Zé Pedro, pior do que usar terno e gravata. Vendo que quanto mais Marcos explicava, mais os americanos perguntavam, Zé Pedro virou-se para os visitantes, estendeu a mão e disse:

— *Thanks, go to fuck!* (Obrigado, vá se ferrar)

Ninguém sabe se Marcos ficou vermelho por vergonha dos norte-americanos ou por não ter podido dar uma gargalhada na hora. Para se justificar, Zé Pedro ainda disse.

— É inglês de marinheiro Marcos, só sei isso mesmo, agora dê licença que eu vou trabalhar.

Neste momento o sargento Carlos aproximou-se, colocou a mão no ombro de Marcos e disse:

— Esse é o Zé Pedro e olha que ele ainda fez muito sala...

O Rio de Janeiro era a casa do coronel Zé Pedro há mais de sessenta anos. Era também a casa de Carlos, a casa de Zenando, e de muitos outros instrutores do

C.A.TI. homens que Marcos respeitava e a quem muito devia. Não era dívida de dinheiro que é, sem dúvidas, a mais fácil de pagar. Era dívida de honra, de gratidão, de comprometimento. Dívidas assim não prescrevem.

O coronel Zé Pedro, o sargento Carlos e tantos outros homens que faziam parte do BOPE e também da equipe de instrutores de Marcos, haviam assumido a difícil tarefa de ajudar a expulsar os traficantes dos principais morros cariocas e só teriam uma oportunidade para isso.

Para lutar na guerra do Iraque, cada policial americano recebia o soldo de mil dólares por dia. Mil dólares era mais do que a maioria dos policiais que estavam lutando nas favelas cariocas, combatendo armas e munições equivalentes as do Iraque (muitas vezes vindas de lá) recebiam por mês. Marcos sabia o tamanho da guerra que estava sendo travada.

Foram dias de combates efetivos dentro do Rio de Janeiro. O tráfico partiu com toda força que tinha para cima da polícia. Em contrapartida, os policiais responderam com tudo que puderam. Finalmente o estado se posicionava.

Uma semana depois, Marcos avaliava em um programa de TV as imagens dos traficantes abandonando em desespero o morro Santa Marta. Não era o fim da guerra, mas naquela batalha a polícia não havia perdido um só território para o tráfico.

Era uma vitória de muitos, inclusive do aluno da academia Budokai que trabalhava como segurança e que, por causa dele, Marcos passou a aceitar profissionais de várias áreas nos seus cursos. Havia diversos policiais no BOPE, que já haviam passado pelos cursos de Marcos, ou como alunos ou como instrutores, nas salas de aula do CATI, estes homens já haviam tido a oportunidade de lidar com as diferenças e as particularidades entre cada polícia. Trabalhar em conjunto com Exército, Marinha, Aeronáutica, Civil e Federal poderia ser novidade e dificuldade para qualquer um, menos para quem conhecia os métodos de ensino de Marcos.

O comandante René, mesmo não estando no comando da operação, desenvolveu papel importante e usou sua experiência para que seus homens se adequassem ao trabalho. Cada força fazia sua parte e todas trabalhavam em conjunto. O que poderia ter se tornado uma torre de babel, virou trabalho em equipe.

Em um programa de TV, em rede nacional, Marcos levantou-se e aplaudiu de pé o trabalho dos policiais do Rio de Janeiro. Junto com ele, levantaram-se os apresentadores, a plateia. Em seus quartéis, em suas casas, muitos policiais aplaudiram e se sentiram aplaudidos. Desta vez não houve entrevista editada e

não aconteceu mal entendido algum. Estava tudo certo, heróis se aplaudiam mutuamente.

Agradecimentos especiais a todas as instituições policiais que já confiaram seus honrados homens ao trabalho do Marcos do Val.

ESTADOS UNIDOS

- SWAT (Special Weapons and Tactics);
- NASA (National Aeronautics and Space Administration);
- S.R.T. (Special Response Team);
- U.S. Army;
- U.S Navy
- Air Force;
- FBI - Federal Police;
- FAM - Federal Air Marshal;
- Sheriff's Department SWAT;
- Tactical Response Unit;
- D.E.A. (Drug Enforcement Administration);
- United States Department of Justice;
- Federal Bureau of Prisons;
- D.A.R.E.;
- Narcotics Division;
- Street Crimes Unit;
- Highway Patrol;
- Police Bicycle;
- Police Academy;
- FAM - Federal Air Marshal;
- K9.

ITÁLIA

- Policiais do Carabinieri;
- Policiais da Polizia di Stato;
- Policiais da Guardia del Vaticano;
- Policiais da Guardia di Finanza;
- Policiais da Vigili Urbani;
- Policiais da Polizia Penitenziaria;
- Vigilanza Privata;
- Mestres de Karate , Judo , Takwendo, wudo do Ryu, Jiu Jitsu, Aikido, etc.

PORTUGAL

- ASAE - Autoridade de Segurança Alimentar e Económica;
- GISP – Grupo de Intervenção de Serviço Prisional;
- DGSP - Guardas Prisionais;
- GNR – Guarda Nacional Republicana;
- PSP - Polícia de Segurança Pública;
- SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras;
- Polícia Judiciária;
- Polícia Judiciária Militar;
- Polícia Marítima;
- Polícias Municipais;
- Exército Português;
- Marinha Portuguesa;
- Fuzileiros;
- Guarda Noturna;
- Bombeiros;
- Body -Guards;
- Vigilantes;

ESPANHA

- Polícia local de Vigo;
- Polícia Municipal de Madrid;
- Guardia Civil.

CHINA

- FPU Formation Planed Unit;
- China Team leaders;
- Forças de Paz da China.

TIMOR LESTE

- (UIR) Unidade de Intervenção Rápida;
- Operações Especiais da Polícia Nacional;
- Tropa de Choque;
- Segurança de Autoridades.

BRASIL

- Policiais Federais
- Policiais do Comando de Operações Táticas da Polícia Federal (COT)
- GPE - Grupo de Policiamento Especializado
- Divisão de Operações Especiais da Polícia Civil (DOE, GARRA)
- Delegados e Investigadores da Polícia Civil
- Grupo de operações especiais da Polícia Rodoviária Federal
- Policiais Rodoviários Federais

- Chefes de gabinetes militares e suas equipes
- Coronéis comandantes, oficiais e praças da PM de todo Brasil
- Policiais Ferroviários Federais
- Guardas civis metropolitanos
- Oficiais do Batalhão de Selva e de Fronteira do Exército
- Paraquedistas
- Polícia do Exército
- Força Aérea Brasileira
- Marinha do Brasil
- Comandos
- Pelopes
- Comanf
- ROTA
- GERR
- BOPE
- COE
- RONE
- ROTAM
- TIGRE
- GIR-SP (Grupo de Intervenção Rápida)

CROÁCIA

- Unidade Tática: Protection B.G.G.;

BÉLGICA

- Brussels Police Departamet
- Brussels West Police Departamet
- Brussels South Police Departamet
- Antwerp Police Departamet
- Liège Police Departamet
- Charleroi Police Departamet
- Federal Police Departamet
- Narcotics
- PAB (Peloton Anti-Banditism)
- Exército Bélgica

LUXEMBURGO

- Luxemburg Police
- PAB (Peloton Anti-Banditism)

FRANÇA

- 3º Regiment D'Helicopteres de Combat
- ETAIN
- MEUSE

URUGUAI

- Integrantes dos grupos GEO da Policia
- Grupo GOE da Força Aérea
- Grupo GOE da Prefeitura Naval
- Unidade de patrulha da Policias
- Policia geral da Prefeitura Naval
- Policias geral
- Policia Penitenciária
- Grupo da Metropolitana Coraceros e Granaderos
- Especiais agradecimentos aos policiais guerreiros da Argentina, Chile, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, México e América Central.